

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

DENISE NUNES DE SORDI

MORADIA, TRABALHO E LUTA: experiências, práticas e perspectivas sobre
ocupações de terras urbanas (Uberlândia, MG 2000-2012)

UBERLÂNDIA
2014

DENISE NUNES DE SORDI

MORADIA, TRABALHO E LUTA: experiências, práticas e perspectivas sobre
ocupações de terras urbanas (Uberlândia, MG 2000-2012)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em História da Universidade Federal de
Uberlândia (MG), como exigência parcial para
obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: História Social.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Paulo Morais.

UBERLÂNDIA
2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

D467m De Sordi, Denise Nunes, 1988-
2014 Moradia, trabalho e luta : experiências, práticas e perspectivas sobre
ocupações de terras urbanas (Uberlândia, MG 2000-2012) / Denise Nunes
De Sordi. -- 2014.
148 f. : il.

Orientador: Sérgio Paulo Moraes.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em História.
Inclui bibliografia.

1. História - Teses. 2. História social - Teses. 3. Trabalhadores -
Aspectos sociais - Teses. 4. Movimentos sociais - Uberlândia (MG) -
Teses. 5. Solo urbano - Uberlândia (MG) - Teses. I. Moraes, Sérgio Paulo.
II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em
História. III. Título.

CDU: 930

DENISE NUNES DE SORDI

MORADIA, TRABALHO E LUTA: experiências, práticas e perspectivas sobre
ocupações de terras urbanas (Uberlândia, MG 2000-2012)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em História da Universidade Federal de
Uberlândia (MG), como exigência parcial para
obtenção do título de Mestre em História.

Uberlândia, 22 agosto de 2014.

Prof. Dr. Sérgio Paulo Morais – INHIS/UFU (Orientador)

Prof. Dr^a. Célia Rocha Calvo – INHIS/UFU

Prof. Dr. Renato Jales Silva Júnior - UFMS

AGRADECIMENTOS

Um trabalho como este é sempre um trabalho produzido por muitas vozes e mãos. Seria impossível ter chegado aqui sem o apoio e ajuda de algumas pessoas às quais quero agradecer. Antes, gostaria de registrar um agradecimento especial ao meu orientador Prof. Dr. Sérgio Paulo Morais, muito obrigada por tudo.

Prof. Dra. Célia Rocha Calvo e Prof. Dr. Renato Jales Silva Júnior, obrigada por suas contribuições durante a banca de qualificação dessa pesquisa, elas foram muito importantes para amadurecer esse texto em muitos pontos. Obrigada também pelo aceite para compor a banca de defesa.

À Nilda, Letícia, Monira, Eliseu, Juliana, Irailde, Josiane, Cláudia, Flávia Franco, Wellington e Selis. Aos funcionários do Arquivo Público de Uberlândia, Paulo, Jô e Marlene. À Josi e Stênio da secretaria do PPGHI-UFU. Aos coletivos, entidades e associações que permitiram e até mesmo incentivaram o uso de seus inúmeros materiais como fonte para esta pesquisa, obrigada.

Ao Pedro, de novo.

(...) homens e mulheres... [que] retornam como sujeitos dentro deste termo – não como sujeitos autônomos, ‘indivíduos livres’, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida ‘tratam’ essa experiência em sua consciência e cultura das mais complexas maneiras...

(THOMPSON, E. P. 1981. p.182.)

RESUMO

Com esse estudo investigamos os processos de ação direta de trabalhadores na ocupação de diversas áreas urbanas ociosas na cidade de Uberlândia (MG) no período de 2000 a 2012. Buscamos investigar as formas pelas quais os trabalhadores interpretam as relações sociais e produtivas que vivenciam e quais são suas motivações e suas aspirações ao partir para a ação. Para além dos significados de “luta”, “luta pela terra”, “melhores condições de vida”, “única alternativa” ou “moradia digna” intencionamos compreender como se inscrevem diante das relações sociais e produtivas que vivenciam, o que esses sujeitos têm a dizer? Quais valores projetam nas relações que constroem para sua comunidade? Instigados pelas reflexões da historiografia marxista inglesa investigamos como os trabalhadores elaboram os processos de constituição de moradias e vivências, quais são as interpretações e projeções sobre os trabalhadores e quais são as demarcações de políticas sobre a ação dos trabalhadores que intencionam organizar sua prática e seus modos de vida.

Palavras-chave: Trabalhadores. Ocupações Urbanas. Movimentos Sociais Organizados.

ABSTRACT

With this study we investigated the processes of direct action of workers in the occupation of idle several urban areas in Uberlândia (MG) in the period 2000-2012. Nicer investigate the ways in which employees interpret the social and productive relations that experience and what are their motivations and aspirations to taking action. In addition to the meanings of "fight", "fighting for land", "better life", "only alternative" or "decent housing" intend understand how to fall considering the social and productive relations that experience, what these guys have to say? Which design values the relationships developed for your community? Instigated by the reflections of the English Marxist historiography investigated as workers prepare the processes of formation of villas and experiences, which are the interpretations and projections about the workers and what are the boundaries of policies on workers' actions that intend to organize your practice and its modes of life.

Keywords: Workers. Urban occupations. Organized Social Movements.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 “Triângulo do Glória”	14
Figura 2 Comitê “Todos Somos Elisson Prieto”	100
Figura 3 Mapa histórico das ocupações em Uberlândia	109
Figura 4 Mapa assentamentos precários em Uberlândia	110

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABIU – Associação de Bairros Irregulares em Uberlândia
ACCIPEN – Associação de Cidadania e Cultura Pérola Negra
ADUFU – Associação dos docentes da Universidade Federal de Uberlândia
AFES – Ação Franciscana de Ecologia e Solidariedade
AMBASF – Associação de Moradores do Bairro São Francisco/Joana D’Arc
APR – Animação Pastoral da Terra
ArPU – Arquivo Público de Uberlândia
ATRBV- Associação dos Trabalhadores Rurais Bela Vista
BNH – Banco Nacional da Habitação
CAHIS UFU – Centro Acadêmico de História da Universidade Federal de Uberlândia
CEASA – Centrais Estaduais de Abastecimento
CONSUN – Conselho Universitário
CPT – Comissão Pastoral da Terra
EMCOP – Empresa Municipal De Construção Popular
ESAJUP – Escritório de Assessoria Jurídica Popular da UFU
ME – Movimento Estudantil
MSTB – Movimento Sem-Teto do Brasil
ONGs – Organizações não governamentais
PETROBRAS – Petróleo Brasileiro S.A.
PLHIS – Plano Local de Habitação de Interesse Social
PM – Polícia Militar
PMCMV – Programa Minha Casa, Minha Vida
PT – Partido dos Trabalhadores
UFU – Universidade Federal de Uberlândia

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
CAPÍTULO I – Constituição de moradias e vivências por trabalhadores em Uberlândia	41
CAPÍTULO II – Interpretações e projeções sobre os trabalhadores	72
CAPÍTULO III – Demarcação de territórios e ações	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS	131
REFERÊNCIAS	133
ANEXO I – Mapas da cidade de Uberlândia (MG)	144
ANEXO II – Moção de Apoio ao Acampamento Elisson Prieto - Adufu	146
ANEXO III – Moção de Apoio CAHIS – UFU	147

APRESENTAÇÃO

(...) sendo a história rica como é, não se pode jamais esgotar as possibilidades.¹

O presente estudo investigou os processos de ocupação de diversas áreas urbanas por trabalhadores na cidade de Uberlândia (MG). A motivação para pesquisar sobre o tema da moradia, das ocupações urbanas, dos movimentos sociais de luta urbana e de todo o movimento de construção de assentamentos e bairros se formou a partir da percepção sobre a quantidade de áreas ocupadas na cidade² e em específico, a ocupação no ano de 2012 da região do Glória, uma grande área pública³ de alto valor imobiliário, localizada na BR 050, região do setor Sul⁴, esta é uma grande ocupação e chamou nossa atenção pela complexa rede de relações que foram estabelecidas nas disputas sobre os sentidos de reivindicação de direitos e, as disputas para que o assentamento e as moradias dos trabalhadores fossem consolidados.

Nossas interrogações no momento inicial da pesquisa eram sobre quem eram aquelas pessoas e por que estavam ocupando. Tudo o que sabíamos, até então, era apresentado pelo movimento social organizado e pelas informações divulgadas pela

¹ THOMPSON, E. P. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos** / E. P. Thompson; organizadores: Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001. p. 162.

² *Mais duas invasões de terras foram registradas em Uberlândia pela Polícia Militar (PM), durante o fim de semana. As ocupações aconteceram na madrugada do sábado pelos movimentos Sem Teto do Brasil (MSTB) e de Libertação dos Sem Terra (MLST). No fim da tarde de domingo (17), porém, uma delas foi desocupada. Dessa forma, existem ainda 21 áreas invadidas no Município.* LEMOS, Vinicius. Outras duas invasões são registradas em Uberlândia e repórter é cercado por ocupantes. **CORREIO de Uberlândia**. 17 nov. de 2013. Disponível em: <<http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/outras-duas-invasoes-sao-registradas-em-uberlandia-e-reporter-e-cercado-por-ocupantes/>>. Acesso em 17 nov. de 2013.

³ *A invasão de mais de duas mil famílias cadastradas no MSTB em uma área de aproximadamente 63 hectares, às margens da BR-050, já tem pouco mais de sete meses. O terreno pertence à UFU e é onde será construído o Campus Glória.* SANTOS, Felipe. Membros do MSTB fazem protesto em frente à Cemig em Uberlândia. **G1 Triângulo Mineiro**. 11 out. de 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2012/...os-do-mstb-fazem-protesto-em-frente-cemig-em-uberlandia-mg.html>>. Acesso em 10 dez. de 2012. Ver também: Invasão no campus Glória em Uberlândia, MG, completa um ano – Ruas receberam nomes e maioria das casas é de alvenaria. Prefeitura e UFU se reúnem para resolver futuro do local. **G1 Triângulo Mineiro**. 14 jan. de 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2013/01/invasao-no-campus-gloria-em-uberlandia-mg-completa-um-ano.html>>. Acesso em 20/01/2013.

⁴ O setor Sul de Uberlândia é compreendido pelos bairros *Buritis, Carajás, Cidade Jardim, Granada, Jardim Inconfidência, Jardim Karaíba, Lagoinha, Laranjeiras, Morada da Colina, Nova Uberlândia, Pampulha, Patrimônio, Santa Luzia, São Jorge, Saraiva, Shopping Park, Tubalina e Vigilato Pereira*. Fonte: BRITO, Jorge Luís Silva. **Atlas Escolar de Uberlândia** / Jorge Luís Silva, Eleusa Fátima de Lima. – 2. ed. –Uberlândia : EDUFU, 2011. p.22.

mídia televisiva e impressa da cidade que se apresentavam, ou como representantes daquelas pessoas e daquele processo de luta em específico, ou ainda dos interesses dos proprietários da área ocupada, de modo que a ocupação desta área foi transformada em um símbolo para se discutir a problemática de temas como a legitimidade da especulação imobiliária, a irregularidade de posse das propriedades de determinadas regiões pela cidade e as múltiplas interpretações sobre a ação dos movimentos.

O tema se mostrou inquietante, pois, em uma experiência particular de militância junto ao movimento estudantil, sempre em diálogo com os diversos movimentos do campo e da cidade, a questão da representatividade dos movimentos para os estudantes ou trabalhadores se mostrou contraditória diante das estruturas de organização “da luta” que apresentam a necessidade de um saldo político final específico, sendo este composto pelos objetivos articulados em torno de sua pauta, por exemplo, a “reforma urbana”. No caso dos trabalhadores que ocupam terras esse saldo é apresentado a partir da construção de um discurso político alinhado às pautas do movimento social organizado com as falas das pessoas sobre seus interesses, anseios ou motivações ao partirem para a ação de ocupar propriedades ociosas. Assim, nos propusemos a investigar quem são essas pessoas que ocupam terras para construir moradia em Uberlândia e como suas experiências e interesses são defendidos em relação às pressões as quais estão, em certa medida, submetidas, sob a influência de agentes políticos, e se isso realmente ocorre, como e por quais motivos.

A intenção foi de compreender como esses trabalhadores vivenciam a experiência da ocupação e quais os sentidos ou significados disso em suas vidas e na constituição da sociedade em que se inscrevem. Como, ao desvelar algumas dimensões apresentadas por falas sobre os trabalhadores, pudemos notar as falas dos trabalhadores enquanto sujeitos. Os modos como vivem e lutam influenciando diretamente a transformação de determinados processos constitutivos do social e, ao mesmo tempo, colocando em movimento sua bagagem de vivências e trajetórias em comum na defesa de seus próprios interesses diante das noções de pertencimento social. Em um sentido de que, a luta é forjada não pelo ou no movimento, mas nas experiências e percepções dos trabalhadores pelos seus próprios interesses.

Notar a ação desses trabalhadores demandou certas reformulações ou adaptações no momento da pesquisa, ao analisar o acervo do jornal *Correio de Uberlândia*⁵ no

⁵ O jornal *Correio de Uberlândia* é o único jornal diário local, sua publicação teve início em 1938, por iniciativa do produtor rural Osório José Junqueira que era dono de outros jornais de circulação no interior

Arquivo Público de Uberlândia ou consultar a bibliografia que ampara tais conjecturas a sensação foi de que tais fontes não poderiam fornecer um quadro que apresentasse ou permitisse alguma interpretação sobre as experiências destes trabalhadores, me deparei com questões e temas que falavam sobre “especulação imobiliária”, “venda ilegal de terrenos”, “exploração da burguesia” ou até mesmo sobre quem seriam aquelas pessoas ocupando terras urbanas “ignorantes”, “pobres”, “folgados”, “aproveitadores”, “bandidos”, “oportunistas” e assim por diante. Desvencilharmo-nos dessas interpretações demandou primeiro pesquisar por respostas, foi um longo e difícil processo, pois, com as motivações iniciais e reconfigurando alguns sentidos de representatividade, ou solidariedade, pensei que deveria responder à essas questões, colocadas por grupos com interesses opostos aos dos trabalhadores, e que isso legitimaria ações como a ocupação, nesse campo de oposição no qual os trabalhadores são combatidos com argumentos que buscam desqualificá-los em sua ação política. Não era isso. Ou não era apenas isso, a ida ao assentamento para gravar as entrevistas abriu inúmeras possibilidades de interpretação e de respostas sobre como essas pessoas articulam a luta. Como fazem a luta e a significam. O que importa e o que não importa, com quem negociam ou não, o que aceitam ou não... Assim, as entrevistas foram fundamentais, pois, nos permitiram notar tais dimensões e valores apropriados das falas dos trabalhadores em torno das explicações sobre os motivos de sua resistência, ao relacionarmos com as outras fontes como, documentários, jornais, folhetos e discursos ainda que algumas destas, incluindo dissertações e teses, tratassem sobre a formação de *outros* bairros por processos de ocupação em *diferentes* períodos, esses foram importantes, pois apresentaram dimensões e experiências semelhantes as dos trabalhadores que passaram por situações análogas em diferentes momentos, assim como na ocupação do Glória.

A ocupação da área do Glória, que acabou se tornando um norte para nossa pesquisa, foi realizada em desdobramento de outra ocupação e despejo de aproximadamente quatro mil famílias no ano de 2011, nos arredores da CEASA⁶ em

paulista. Na década de 1940 Junqueira vendeu o jornal para um grupo ligado à UDN (União Democrática Nacional), influente nos bastidores políticos da cidade e do Estado. Em 1952 o jornal passou a ser dirigido por Vereadores ligados à Arena (Aliança Renovadora Nacional). Nos anos da década de 1970 o editorial de “linha financeira” produz o jornal. O grupo Algar Mídia assume o jornal em 1986, em 1991 o jornal passa a se chamar Correio do Triângulo, passando para Correio em 1995. Fonte: CORRÊA, Gleide. Sobre o Correio. História. **Correio de Uberlândia**. Disponível em: <<http://www.correiodeuberlandia.com.br/sobre-o-correio-de-uberlandia/>>. Acesso em: 14 jul. de 2014.

⁶ Essa ocupação é considerada pelos movimentos sociais organizados como o primeiro espaço em que houve a participação direta de movimentos sem-terra e de reforma urbana em ocupações em Uberlândia.

Uberlândia, e hoje é identificada como assentamento/bairro “Elisson Prieto”.⁷ A área em questão

(...) possui 65,94 hectares (659.400 metros quadrados) [essa informação varia entre 60 e 66 hectares entre as evidências pesquisadas] e seu valor de alienação à União pela Universidade Federal de Uberlândia, então proprietária, foi avaliado em R\$30 milhões.⁸



Figura 1. “Triângulo do Glória”⁹ (A área a qual nos referimos é a que está identificada pelo número dezesseis no mapa)

⁷ O assentamento antes reconhecido pelos nomes “Glória” ou “Paulo Freire” foi nomeado bairro “Elisson Prieto” no dia 4 nov. de 2012 em homenagem ao falecido professor do Instituto de Geografia da UFU Elisson Cesar Prieto, por seu apoio ao movimento de ocupação na área. Ver: **Correio de Uberlândia**. Cidade e Região. Professor do Instituto de Geografia da UFU morre aos 32 anos. 14 out. de 2012. Disponível em: <<http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/professor-do-instituto-de-geografia-da-ufu-morre-aos-32-anos/>> . Acesso em: 14 out. de 2012.

⁸ BOENTE, Fernando. UFU e governo federal negociam regularização de área invadida. **Correio de Uberlândia**. 17 out. de 2012. Disponível em: <<http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/ufu-e-governo-federal-negociam-regularizacao-de-area-invadida/>>. Acesso em 20 jan. de 2013.

⁹ PRIETO, Elisson Cesar. **Os desafios institucionais e municipais para implantação de uma cidade universitária** : o Campus Glória da Universidade Federal de Uberlândia / Elisson Cesar Prieto. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, 2005. p.180.

O alto valor imobiliário da área, bem como noções sobre a função social da propriedade,¹⁰ são elementos de influência que devem ser considerados ao debatermos os processos de ocupações pelos trabalhadores. Tais elementos podem vir a serem reguladores, em certa medida, dos processos de ocupação e organização de áreas urbanas. No entanto, as evidências apontam para outros elementos que são constituídos no campo das relações sociais desses trabalhadores e que também devem ser considerados. Questões como a necessidade da moradia, a saída da casa dos pais, o desemprego, os desentendimentos familiares, os filhos, os baixos salários, as mudanças no curso da vida etc. são identificadas com frequência como fatores influentes pelos trabalhadores e expressam de forma articulada, ainda que não organizada nos moldes da argumentação política dos movimentos sociais organizados, valores que, compartilhados nas mobilizações, apontam para a forma como entendem sua situação e como questionam a lógica especulativa imobiliária e as noções de propriedade estabelecidas.

A área ocupada é próxima ao setor Leste¹¹ que tem bairros que também passaram por processos de ocupação, ou que frequentemente são identificados como a periferia¹² da cidade. Considerando a proximidade entre os setores Sul e Leste e as pesquisas já realizadas em seus assentamentos e bairros,¹³ buscamos localizar

¹⁰ Sobre as questões centrais da propriedade nas cidades e sobre sua função social, em uma abordagem do direito urbanístico a partir de estudos comparados, ver: ALFONSIN, Betânia de Moraes. **A política urbana em disputa : desafios para a efetividade de novos instrumentos em uma perspectiva analítica de direito urbanístico comparado : (Brasil, Colômbia e Espanha) / Betânia de Moraes Alfonsin**. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2008. p. 16-53.

¹¹ O setor Leste de Uberlândia é compreendido pelos bairros *Aclimação, Alto Umarama, Alvorada, Custódio Pereira, Dom Almir, Jardim Ipanema, Jardim Paradiso, Joana D'Arc / São Francisco, Mansões Aeroporto, Morada dos Pássaros, Morumbi, Prosperidade, Santa Mônica, Segismundo Pereira, Sucupira, Tibery e Umarama*. Fonte: BRITO, Jorge Luís Silva. **Atlas Escolar de Uberlândia / Jorge Luís Silva, Eleusa Fátima de Lima**. – 2. ed. –Uberlândia : EDUFU, 2011.p.22.

¹² (...) *a periferia como o lugar a partir do qual se pode interrogar a questão social no espaço urbano. O lugar que expressa, de forma agudizada, a crise urbana e o processo recente de precarização social e das desigualdades (...). Um lugar de vivência contraditória de amplos segmentos populares adensados pela expansão imobiliária e pelo disciplinamento do espaço urbano promovido poder público*. In: IVO, Anete Brito Leal. *A periferia em debate: questões teóricas e de pesquisa*. **Caderno CRH**, Salvador, v.23, n.58. Jan/Abr.2010. p. 9-15

¹³ Para um mapeamento prático e teórico de algumas ocupações ver: FREITAS, Cláudia Maria de. **Regularização da ocupação urbana em Uberlândia: loteamento São Francisco/ Joana D'Arc – uma contribuição**. – 2005. p.108. Disponível em: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia. Dissertação Instituto de Geografia.<<http://hdl.handle.net/123456789/1112>>. Acesso em: 04 nov. de 2013. Ver também: PETUBA, Rosângela Maria Silva. **Pelo direito à cidade : experiência e luta dos ocupantes de terra do bairro D. Almir. Uberlândia (1990-2000)**. Dissertação. UFU: 2001.; JESUS, Wilma F. de. **Poder público e movimentos sociais aproximações e distanciamentos Uberlândia 1982-2000**. Dissertação. Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de História, 2002.; ALVARENGA,

temporalmente essa pesquisa entre os anos de 2000 a 2012, de modo a refletirmos com o material já produzido por outros pesquisadores, em um diálogo sobre as problemáticas que se referem à elaboração de estratégias cotidianas de resistências, valores e modos de vida dos trabalhadores.

É preciso pontuar, que a delimitação temporal dessa pesquisa, importante metodologia para analisar e investigar determinados momentos históricos, foi e continuará sendo um desafio por abordarmos problemáticas do tempo presente. Inicialmente, havíamos determinado partir do ano de 2012, da ocupação da região do Glória, para os anos finais da década de 1970 guiados por alguma noção de que essa década apresentaria problemáticas sobre o tema. No entanto, apesar de terem ocorrido problemáticas relacionadas às disputas de terras nessa época, as fontes não nos levaram até essa data, e as entrevistas nos guiaram para anos mais recentes, na experiência dos trabalhadores ou referências dos próprios movimentos sociais por moradia em Uberlândia, que se intensificaram e multiplicaram nos últimos dez anos. Os trabalhadores entrevistados carregam a temporalidade em sua bagagem de vida, que é a própria temporalidade de suas experiências na luta também por um lugar para morar com suas famílias, o que não necessariamente é um processo contínuo, sendo por vezes interrompido por períodos de aluguel, de coabitação familiar e de ações diretas na ocupação, despejo e reocupação de áreas ociosas. Até mesmo porque, a temporalidade desses movimentos, muitas vezes, resvala para a temporalidade da própria vida dos sujeitos, muitos cresceram em bairros que foram construídos com ocupações, mas não atribuem determinados sentidos políticos que expressem o objetivo de luta pela cidade ou mesmo de participação nos movimentos.

Render o nosso recorte temporal a um marco institucional ou político foi o nosso primeiro impulso mas, este se mostrou um movimento espinhoso, pois, incorreria também em delimitar as experiências desses trabalhadores a partir de determinadas interpretações em uma esfera macro sobre problemas como o déficit habitacional ou a falta de investimentos na moradia popular, diante da qual os trabalhadores são recolocados em lugares sociais sobre os quais não têm influência transformadora, lugares estáticos de exploração constante em que não é possível ocorrer um contraponto ou oposição. Caso adotássemos tal recorte temporal, poderíamos citar importantes

ações, influenciadas por outros movimentos e lutas por direitos fundamentais e cidadania, articuladas em argumentos forjados sobre diferentes perspectivas, por exemplo,

Com [o] fim do Banco Nacional da Habitação (BNH), ocorrido em 1985, o Brasil passou a viver um rumo errático no que se refere às políticas de habitação e saneamento trazendo insegurança para poder público e mercado. O BNH e o Sistema Financeiro de Habitação (SFH) contribuíram para consolidar as desigualdades sociais no Brasil ao privilegiar os investimentos nas faixas de renda média e média baixa. Os erros urbanísticos e arquitetônicos dos conjuntos públicos construídos também já foram muito explorados na literatura sobre o tema. Mas o volume de construção foi muito significativo: havia um sistema constituído com agentes financeiros e promotores, públicos e privados, credenciados, e havia regras para aplicação do volume significativo de recursos existentes. O BNH foi extinto e a Caixa Econômica Federal assumiu seu espólio.

Entre 1985 e 2002 ocorreram mudanças constantes tanto na estrutura institucional da política de habitação e saneamento – quanto nos programas e recursos. A política urbana não mereceu maiores cuidados, ao contrário, ela é objeto de organismos que emergem e desaparecem desde o regime militar, a partir de 1964. Em verdade a política urbana tem sido, durante esse tempo todo, fortemente influenciada pelos bancos públicos responsáveis pelos financiamentos à habitação e ao saneamento. Isso aconteceu no período do BNH que se sobrepôs ao Serviço Federal de Habitação e Urbanismo (SERFHAU), criado em 1964 e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Urbano (CNDU), como também aconteceu com a Caixa Econômica Federal que subjugou a Secretaria de Política Urbana (SEPURB), criada em 1995, e a sua sucessora, a Secretaria Especial de Desenvolvimento Urbano (SEDU).¹⁴

ou ainda, a inserção da questão da moradia na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, que instituiu um Estado Democrático e foi elaborada a partir da luta e empenho de diversos setores civis e demandas populares,¹⁵ como um dos Direitos Sociais, em seu Capítulo II, Art. 6º, muito citado pelos movimentos sociais em vídeos documentários, bem como em seu Título III – Da Organização do Estado, no Capítulo II - Da União em seu Art. 20, inciso IX,¹⁶ a criação do Estatuto da Cidade em 2001, ou como citada a Criação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Urbano pela Medida

¹⁴ BRASIL, **Ministério das Cidades**. O Ministério. Disponível em: < <http://www.cidades.gov.br/index.php/o-ministerio.html>> . Acesso em: 13 jul. de 2014.

¹⁵ Ver também histórico das reformas populares por habitação em cronologia organizada pelo Instituto Pólis: < <http://www.polis.org.br/reforma-urbana/urbanismo/historico>> . Acesso em 19 jul. de 2014.

¹⁶ BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Constituicao.htm> . Acesso em: 13 jul. de 2014.

Provisória n° 2.220, de 4 de setembro de 2001,¹⁷ a criação do Ministério das Cidades pela Lei n° 10.683, de 28 de maio de 2003,¹⁸ a criação do PMCMV pela Lei n° 11.977, de 7 de julho de 2009¹⁹ que além do Programa dispõe sobre a regularização fundiária de assentamentos localizados em áreas urbanas, dentre outras providências. Ou ainda, em uma perspectiva institucional local, a Lei Municipal n°245/2000, Lei de Parcelamento e Zoneamento do Uso e Ocupação do Solo que, estabelece como *infração sujeita à multa, a comercialização de lotes originados de parcelamento irregular do solo urbano, em qualquer de suas modalidades sem a aprovação da administração pública*,²⁰ o que, hoje em dia, é um problema jurídico enfrentado pelos coordenadores dos movimentos, ou ainda, na trilha das demandas do Estatuto da Cidade, a instituição do PLHIS em Uberlândia em julho de 2009. Os referenciais que a pesquisa apontou principalmente a fala dos trabalhadores, ou mesmo dos militantes dos movimentos, permitiram compreendermos que tais abordagens unificam as lutas e a discussão política interpretada pelos próprios trabalhadores que, também colocam seu projeto em disputa, conscientes dos processos econômicos, do lugar que ocupam nas relações de produção capitalista e de como projetam sentidos de injustiça e possibilidade de estabelecer outras relações mais justas para a sociedade que estão construindo. Negarmos esse aspecto da pesquisa seria negar as infinitas possibilidades de transformação de valores que podemos apreender com os trabalhadores.

Para lidarmos com essa questão do tempo e melhor compreendermos a complexidade das vivências de trabalhadores que experimentaram situações semelhantes de vida em épocas diferentes, em relação às suas próprias experiências, valores e expectativas quanto aos processos de luta por áreas para construção de moradia, buscamos dialogar com estudos que debatem a constituição de bairros e os diferentes ângulos e histórias que formam e disputam a cidade, estes, ainda que não tratem diretamente sobre os movimentos sociais organizados, foram importantes na

¹⁷ BRASIL. **Medida Provisória n° 2.220, de 4 de setembro de 2001**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/mpv/2220.htm> . Acesso em 13 jul. de 2014.

¹⁸ BRASIL. **Lei n° 10.683, de 28 de maio de 2003**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.683compilado.htm> . Acesso em: 13 jul. de 2014.

¹⁹ BRASIL. **Lei n° 11.977, de 7 de julho de 2009**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/11977.htm> . Acesso em: 13 jul. de 2014.

²⁰ FREITAS, Cláudia Maria de. **Regularização da ocupação urbana em Uberlândia: loteamento São Francisco/ Joana D'Arc – uma contribuição**. – 2005.p.108. Disponível em: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia. Dissertação Instituto de Geografia.<<http://hdl.handle.net/123456789/1112>> . Acesso em: 04 nov. de 2013. p. 47.

reflexão de temas comuns ao proporem diferentes interpretações sobre as experiências de outros assentamentos utilizando materiais como as fontes orais, jornais e um amplo diálogo com referenciais bibliográficos sobre os movimentos sociais, a cidade e os conflituosos processos culturais na dimensão da classe trabalhadora.

Citamos, dentre os estudos sobre as ocupações de áreas ociosas em Uberlândia a dissertação, em Geografia, de Cláudia Maria de Freitas, “Regularização da ocupação urbana em Uberlândia: loteamento São Francisco Joana D’Arc- uma contribuição”,²¹ na qual a autora realiza um intenso levantamento de fontes sobre as disputas, interpretações, sonhos e vivências dos trabalhadores que construíram, a partir do ano 2000, esse grande bairro de Uberlândia e, na perspectiva de sua área de pesquisa apresenta os processos jurídico, geográfico e a trajetória de regularização do loteamento São Francisco/ Joana D’Arc, além da caracterização de todas as áreas irregulares, à época de sua pesquisa, em Uberlândia, como Minas Brasil, Jardim Brasília, Bela Vista, Chácaras Bela Vista, Vila Jardim, Jardim Sandra, Jardim Prosperidade, Prosperidade II, Dom Almir, Joana D’Arc I, São Francisco/ Joana D’Arc. É interessante notar, a partir do levantamento feito pela autora, que muitas destas áreas estão em disputa desde os anos de 1950, não só por movimentos sociais e trabalhadores, mas pelos próprios proprietários e imobiliárias da cidade.²²

A dissertação em Ciências Sociais, de Nízia M. Alvarenga “As Associações de Moradores em Uberlândia – Um estudo das práticas sociais e das alterações nas formas de sociabilidade”, mesmo que esteja localizada nos anos de 1988, contribui para nosso tema pois, a autora apresenta, dentre outros, diferentes perspectivas sobre como são forjadas e como atuam as Associações de Moradores enquanto estratégia política de diálogo entre os bairros irregulares e a administração pública em diferentes momentos do processo de ocupação e, contribui para apreendermos como se constituem as relações entre os moradores destes espaços e como negociam sua situação de acordo com as

²¹ FREITAS, Cláudia Maria de. **Regularização da ocupação urbana em Uberlândia: loteamento São Francisco/ Joana D’Arc – uma contribuição.** – 2005. p.108. Disponível em: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia. Dissertação Instituto de Geografia.<<http://hdl.handle.net/123456789/1112>>. Acesso em: 04 nov. de 2013.

²² Ainda há um acervo que precisa ser explorado por pesquisadores e está em posse da CPT, sob a guarda do Frei Rodrigo P., ao qual não conseguimos obter acesso, que apresenta o registro formal das ocupações e disputas por terras na cidade, segundo informações que obtivemos são “trinta anos de materiais guardados”.

demandas básicas cotidianas e do bairro.²³ Muitas dessas práticas repercutiram nos modos de se organizar e compreender as dinâmicas de ocupação e constituição de bairros na cidade.

Rosângela Maria Silva Petuba em sua dissertação em História, “Pelo Direito à cidade: experiência e luta dos ocupantes de terra do bairro D. Almir. Uberlândia (1990-2000)”,²⁴ lida com os processos da ocupação que constituíram o bairro Dom Almir por “trabalhadores sem-teto” em uma reflexão sobre os modos pelos quais a cidade se forma, é transformada e adquire sentido a partir das vivências e trajetórias dos ocupantes em sua luta por melhores condições de vida. A autora apresenta reflexões importantes sobre o sentido da constituição e significados dos diferentes territórios da cidade de forma *extraoficial*, apresentando a cidade não como espaço único e homogêneo, mas como espaço de disputa e de muitas histórias.

Dessa forma, o recorte temporal dado à nossa problemática, segue uma série de indícios que interpretamos ao longo da pesquisa, no sentido de que, nossos referenciais se constituíram a partir da pesquisa e, ao não estabelecermos uma metodologia rígida, nos guiamos mais pelas fontes que pela construção de marcos sobre o que é visto como um problema relacionado às questões habitacionais no Brasil, e em Uberlândia, que podem assumir diferentes interpretações de acordo com os diferentes e simultâneos processos e agentes históricos. Notamos que os marcos são vários e que não é o movimento em si, mas a ocupação dos espaços da cidade e da política pelos trabalhadores que compõe um movimento que é permanente e sinuoso.

Esta pesquisa se desenvolveu no sentido de investigar quais são as percepções de mundo e perspectivas, sonhos e anseios que os trabalhadores que participaram ou ainda participam de ocupações têm. Para além da interpretação definida como “luta” ou como “luta pela terra”, “melhores condições de vida”, “única alternativa” ou pela “moradia digna”, o que ocorre com esses sujeitos? Como passam por esses momentos de grande pressão e impacto? Como lidam com os diversos atores envolvidos? Como interpretam suas ações? Como projetam a construção desse novo lugar de vivência? Já no assentamento, como projetam aquele espaço de vivência, o bairro, em seu futuro e no

²³ ALVARENGA, Nizia M. **As Associações de Moradores em Uberlândia** – Um estudo das práticas sociais e das alterações nas formas de sociabilidade. Mestrado em Ciências Sociais PUC-SP. São Paulo: 1988.

²⁴ PETUBA, Rosângela Maria Silva. **Pelo direito à cidade** : experiência e luta dos ocupantes de terra do bairro D. Almir. Uberlândia (1990-2000). Dissertação. UFU: 2001. A autora explora a formação de bairros vizinhos ao Dom Almir também, como o Seringueiras e Prosperidade, ver p. 46-47.

de suas famílias? Quais são suas preocupações ou inquietações quanto ao futuro? Quais valores pretendem inscrever nas relações que constroem para sua comunidade?

Observamos que em momentos contundentes, como o das ocupações de terras para construção de moradia, os trabalhadores se manifestam em suas falas de forma ativa e consciente em relação aos modos como a ação e os motivos de ocupar são interpretados pela sociedade em geral. E que, em resistência a essas interpretações, se apropriam de argumentos que propõe desqualificar suas motivações e seus interesses para, a partir de elaborações forjadas com base em experiências de vida comuns em suas trajetórias, articular resistências.

Quando começamos a trabalhar as fontes da pesquisa, ainda em meados de 2012, ocorreu algum tipo de cerceamento para entrevistarmos os trabalhadores ou até mesmo irmos até a área do Glória naquele momento, pois, o processo inicial de ocupação ainda ocorria, a ameaça do despejo e o assédio da mídia local eram constantes, não havia “clima”, ou abertura por parte do movimento organizado, para quem não fosse se engajar diretamente nas negociações do momento, ou para abordar questões que não envolvessem a criação de estratégias de resistência para a permanência da ocupação.

Procurávamos ao ir até a ocupação, definir formas para enxergar os trabalhadores enquanto pessoas que ocupam terras, e resistem pela sua moradia, em momentos de certa normalidade e não de organização das estratégias de ação do movimento social. Diante da situação, buscamos então compor algumas de nossas fontes a partir de materiais produzidos por diversos grupos, movimentos sociais, entidades e indivíduos, que falassem sobre esses períodos de resistência, nessa ou em outras ocupações, e pudessem nos indicar caminhos para investigar nossas questões.

Esses materiais, principalmente os audiovisuais, foram produzidos pelos movimento estudantil, sem-teto e comissão pastoral da terra,²⁵ os transcrevemos e foram de grande apoio à pesquisa. Realizamos para compor estas fontes em específico, a gravação de reuniões entre o movimento estudantil e esses dois movimentos, bem como a gravação de solenidade para mudança do nome do assentamento.²⁶

Não deixamos de considerar que tais materiais foram produzidos a partir de

²⁵ Movimento Estudantil da Universidade Federal de Uberlândia, principalmente, pelo Coletivo DialogAção, Centro Acadêmico do Curso de História, dentre outros; Movimentos-sociais urbanos e rurais, incluindo as Associações de Moradores, desdobramento destes e; Comissão Pastoral da Terra articulada na Ação Franciscana de Ecologia e Solidariedade, veja sobre <www.falachico.org>.

²⁶ Ver nota n. 7.

referenciais que correspondem aos grupos ou às pessoas que os produziram. Ainda que tenham sido produzidos por movimentos sociais organizados de modo a representar determinadas visões políticas e interesses abrangendo as motivações dos ocupantes como uma ação política elaborada previamente, notamos que os trabalhadores não necessariamente estavam articulados em suas esferas, mas sim que havia uma série de relações, discursos e práticas apresentadas nos vídeos que pretendiam ser projetados para o público fora do movimento de ocupação e precisaram ser explorados considerando seus “atores” e não necessariamente o “cenário” apresentado pelos “autores”.

Para delinear a interpretação desses materiais, nos atentamos, principalmente, às entrevistas com os trabalhadores que constam nos vídeos, em momentos de despejo, assentamento e construção do bairro. Ao colocar essas entrevistas paralelamente em forma narrativa com as transcrições, notamos questões semelhantes, entre os indivíduos, em diferentes momentos ao atribuir sentido às situações vividas, como em uma peça teatral encenada várias e várias vezes, por diferentes atores, com as mesmas marcações de palco e falas, sobre os modos de apresentar motivos para ocupar, reivindicar o acesso a determinados direitos, como à propriedade, aos instrumentos de justiça, a vida, a segurança, ao conforto, a saúde, a educação, o lazer, o projetar o futuro etc.

Consideramos então, que pudemos localizar nessas questões os valores desses trabalhadores que são forjados a partir da relação subjetiva entre suas experiências, convicções, relações e condição de emprego e planos futuros. Estes valores quando relacionados à experiências como o despejo, o aluguel, a falta de dinheiro, a separação dos filhos por causa do horário de trabalho, a fome etc. são as que conferem sentidos e possibilidades às ações de rompimento de determinada ordem ou quietude social em relação a ausência, ou a não legitimação, dos direitos que são reivindicados.

Estas são nossas interpretações que, não estão definidas nas ou pelas evidências, estão nas relações que estabelecemos ao definirmos nossos sujeitos de pesquisa e ao tentarmos compreendê-los em seu referencial histórico ao longo da pesquisa. De modo a notarmos as dimensões estabelecidas entre esses trabalhadores e as relações, ou os motivos, que os levam até a ocupação.

Para compreendermos como os movimentos de ocupações de áreas urbanas ociosas e como as formas de sentir as experiências que a realidade impõe e de agir dos trabalhadores têm mudado ou não, procuramos contornar as interpretações que tentam

intermediar motivos com ângulos universais e determinantes como, por exemplo,

(...) A pressão populacional nos centros urbanos, a crise econômica, o desemprego e o alto custo do solo urbano associados à ausência de política habitacional [que] forçaram as famílias de menor renda a buscar por conta própria alternativas precárias de moradia. Este processo acelerou a favelização, a ocupação irregular da periferia e de áreas de risco configurando, desta forma, os atuais problemas urbanos brasileiros.²⁷

Entendemos que existem outros ângulos e possibilidades para compreendermos a situação e os sentidos da moradia para os trabalhadores. Isso não significa ignorar tais processos “universalizantes”, afinal, os trabalhadores estão vivendo em seu próprio tempo em uma sociedade forjada por múltiplos interesses, inclusive os seus, bem como suas próprias contradições, porém, também agem, regulam e influenciam as formas como esses processos afetarão seus modos de vida.

Consideramos que esses outros ângulos e possibilidades também devam ser considerados junto desse cenário macro ou econômico. Pois, em análise isolada, as difíceis situações de moradia, exploração, emprego, falta de apoio etc. acabam sendo postas à margem das interpretações, sombreando os sujeitos em sua própria história, desconsiderando que os conceitos que dão forma à sociedade estão em constante reelaboração pela experiência desses trabalhadores.

E com a intenção de apresentar esses outros ângulos, foi que buscamos relacionar ou colocar em diálogo o que identificamos sobre a “bagagem” de vivências dos trabalhadores. Procuramos fazer isso nos vídeos que transcrevemos, nas falas durante as reuniões que gravamos, nas entrevistas que fizemos e nos cadernos e *sites* dos jornais que pesquisamos, alternando as questões e buscando indícios sobre como tais relações são expressas em um território de tensões, como acontecem na realidade.

Para estabelecer o diálogo entre as evidências, algumas vezes precisamos

²⁷ CAIXA ECONÔMICA FEDERAL. **Demanda habitacional no Brasil** / Caixa Econômica Federal. - Brasília : CAIXA, 2011. p. 9. *O presente trabalho, iniciado pela Caixa em 2005, representa uma resposta ao desafio de identificar, com maior precisão, onde, de que forma e para quem estão sendo produzidas habitações no país, questões fundamentais para o equacionamento da demanda por habitação. Propõe nova ótica para a compreensão da questão habitacional brasileira, a partir do aprofundamento acerca das recentes transformações sociais no país, da evolução dos arranjos familiares e demais fatores que influenciam a demanda por moradias (...) Esta publicação é uma contribuição da CAIXA para auxiliar o entendimento do comportamento das principais variáveis que determinam a dinâmica do mercado imobiliário. A metodologia desenvolvida considera as condições demográficas do país, principalmente a estrutura etária e as configurações familiares, como fatores fundamentais para a demanda por habitação. Assim, permite identificar os potenciais demandantes de novas moradias, bem como, a população que vive em imóveis sem condições de habitabilidade.* p. 5 e 7.

exercitar o recuo das fontes que se sobressaíam por quantidade, como os jornais e materiais produzidos pelo movimento que apresentavam, por diversas questões, muitas vezes, apenas os ângulos próprios de suas comunidades. Da mesma forma, medimos nossos questionamentos, não exigindo das evidências respostas de mão única, ou prontas, considerando que,

(...) a evidência histórica tem determinadas propriedades. Embora lhe possam ser formuladas quaisquer perguntas, apenas algumas serão adequadas. Embora qualquer teoria do processo histórico possa ser proposta, são falsas todas as teorias que não estejam em conformidade com as determinações da evidência. (...) a interrogação e a resposta são mutuamente determinantes, e a relação só pode ser compreendida como um diálogo.²⁸

Nesse sentido, interpretar as evidências observando os diálogos possíveis entre elas, nos apontou caminhos de percepção sobre a transformação de determinadas lógicas vigentes que, ocorre por meio de experiências vividas pelos trabalhadores e os modos pelos quais a inscrevem naquilo que constroem. Pois, como agentes dessas transformações, estas possuem valor humano de projeção social.

As experiências dos indivíduos que ocupam terras por moradia, compõem trajetórias semelhantes. E, diante de situações de grande impacto, ou mudanças, essas semelhanças são compartilhadas entre eles de modo a forjarem identificações entre si para a defesa de interesses comuns, como a resistência da ocupação a partir de sentidos comuns sobre *justiça, cidadania, etc.*

Inicialmente lidamos com a percepção de que, nessas situações contundentes, os trabalhadores vivenciam períodos de negociação sobre suas alternativas para reestabelecer possibilidades diante das relações num campo de conflitos entre os interesses, assim como para defender-se de intervenções e apropriações externas que alterem ou piorem seus modos de vida. Tais períodos configuram-se pelas múltiplas vontades, elaborações sobre experiências de vida, necessidades de manutenção material, pessoal e familiar, e de dinâmicas de ações políticas desenvolvidas na construção de alternativas às possibilidades vigentes.

São relações complexas, que a todo o momento são reformuladas ao serem agregadas a novas experiências de vida, na ocupação, no trabalho, no diálogo com outros posicionamentos, com o despejo ou a conquista do lote e não apenas pela ideia de serem

²⁸ THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros** – uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1981. p. 50

“sem-teto”, até porque, como veremos adiante, em geral, os trabalhadores que ocupam terras para constituição de moradia, *moravam* em outros lugares antes, e seus familiares, às vezes, até durante a ocupação revezam a permanência na ocupação entre si de acordo com a disponibilidade de cada um, sendo as mulheres e os idosos, os mais frequentes.

Assim, ao refletirmos sobre as motivações dos trabalhadores para agir, para além daquelas expressas nas pautas dos movimentos sociais organizados, procuramos dialogar com as considerações de M. Merrill (2014) que, ao revisitar determinados pontos da concepção de E. P. Thompson sobre a “economia moral” argumenta que o historiador inglês diante das objeções apresentadas por historiadores econômicos de mente neoclássica,

(...) procurou desafiar a convicção de que os chamados “motins de fome” na Inglaterra e em outros lugares na Europa Ocidental no fim do século XVII, início do século XVIII, foram resultado da privação dos manifestantes, mais do que de seus ideais sociais e princípios morais. Ressaltou o contrário: se a fome fosse a maior causa de tais perturbações, muito mais motins teriam acontecido, com um número muito superior de manifestantes. Os manifestantes não eram os famintos e, sim, os revoltados. A maioria dos famintos aceitava seu destino passivamente; os revoltados não. De acordo com Thompson, o que distinguia os manifestantes era uma forte crença de que qualquer falta de comida não era a inevitável vontade de Deus, era um ato humano reversível. Eles enxergavam suas dificuldades como falhas políticas e sociais, e protestavam para garantir reparação. Sua disposição de protestar, Thompson rebateu, tinha tudo a ver com sua concepção de uma “economia moral” tradicional envolta em estatutos elisabetanos e em outros mais antigos. Essa “economia moral”, um conjunto de precedentes e práticas melhor estabelecidos, proporcionou aos manifestantes uma forma de entender a causa de seus problemas. Ela também responsabilizava certos indivíduos e práticas, e sugeria ações específicas como soluções adequadas e apropriadas. Com essa moralidade à mão, os manifestantes poderiam justificar e direcionar sua revolta, sendo também bastante espertos, protestando *com* e *por* efeito. Onde houve motins, os oficiais não podiam simplesmente excluir os famintos (...) ²⁹

Os trabalhadores que ocupam terras ociosas para construir moradia são fazedores e agentes sobre suas próprias práticas, na medida em que interpretam suas dificuldades, identificam seus interesses em comum e a resistência em torno de tais interesses.³⁰

²⁹ MERRIL, Michael. A transformação maior: E. P. Thompson, economia moral, capitalismo. **História e Perspectivas**, N. Especial, Edufu. Jan/Jun. 2014. p. 314-315.

³⁰ “Agência”, tradução comumente adotada no Brasil para o termo *agency*, associado à noção de que os homens são sujeitos de sua própria história, embora em condições que não escolhem, seria uma das mais fortes influências historiográficas que a obra de Thompson legou. MATTOS, Marcelo Badaró. *A trajetória de E.P. Thompson: engajamento político e trabalho intelectual*. **E.P. Thompson e a tradição**

Nesse movimento, compreendem sua condição de vida e relações de trabalho e produtivas que vivenciam, não necessariamente precisam que estes sejam definidos de forma externa à sua experiência *real* de vida.

Assim, ao investigarmos os materiais (vídeos, gravações de reuniões, matérias em jornais, etc.) produzidos por Associações de Moradores,³¹ grupos religiosos, vereadores, movimentos políticos diversos, dentre outros, notamos nos processos de ocupação no período de 2000 a 2012, sentidos na construção de uma linguagem pelos trabalhadores que expressa determinado entendimento sobre uma condição comum de vida e de trabalho. Por exemplo, nos diálogos que os movimentos organizados buscam instituir com a sociedade em geral. Esse diálogo, em síntese, busca esclarecer os motivos pelos quais os trabalhadores ocupam terras, articulando-os em torno de questões ligadas, principalmente, à sua situação de pobreza e miséria, além da crítica aos programas habitacionais mais recentes,³² seja por sua ineficiência política ou morosidade em

de crítica ativa do materialismo histórico / Marcelo Badaró Mattos. – Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2012. (Pensamento Crítico, 18). p. 27. Para uma abordagem mais completa do conceito consultar as páginas 22 a 39 do mesmo capítulo.

³¹ Sobre as AMs ou Associações de Moradores em Uberlândia, há interessante pesquisa, de viés sociológico, que esclarece de forma prática alguns dos motivos de sua criação e o elevado número de Associações na cidade, bem como suas dinâmicas internas. Ver: ALVARENGA, Nizia M. **As Associações de Moradores em Uberlândia** – Um estudo das práticas sociais e das alterações nas formas de sociabilidade. Mestrado em Ciências Sociais PUC-SP. São Paulo: 1988 ou síntese em artigo: ALVARENGA, Nizia M. Movimento Popular, democracia participativa e poder político local: Uberlândia 1983/88. **História & Perspectivas**, Revista do Curso de História – UFU, no 4 jan/jun 1991.p.103-129. Para mais informações sobre as relações entre os diversos grupos políticos em Uberlândia ver também: ALEM, João Marcos. Representações coletivas e história política em Uberlândia. **História & Perspectivas**, Revista do Curso de História – UFU, no 4 jan/jun 1991. p. 79-102. e JESUS, Wilma F. de. **Poder público e movimentos sociais aproximações e distanciamentos Uberlândia 1982-2000**. Dissertação. Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, 2002.

³² O Plano Diretor estabeleceu as bases para a promoção da política urbana em todo o País em cumprimento ao Estatuto da Cidade lei n° 10.257/01 que o impõe para cidades com mais de 20.000 habitantes. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LEIS_2001/L10257.htm>. Acesso em 16 nov. de 2013. ; **Como produzir moradia bem localizada com recursos do programa minha casa minha vida?** : implementando os instrumentos do Estatuto da Cidade / Organização de Raquel Rolnik, textos de Raphael Bischof, Danielle Kintowitz e Joyce Reis. Brasília : Ministério das Cidades, 2010.; CAIXA ECONÔMICA FEDERAL. **Demanda Habitacional no Brasil**. Brasília, Caixa 2011. ; BRASIL, **Minha Casa, Minha Vida**. Caixa / Governo Federal do Brasil. 2012; MINISTÉRIO DAS CIDADES, SECRETARIA NACIONAL DE HABITAÇÃO E SECRETARIA NACIONAL DE PROGRAMAS URBANOS. **Regularização Fundiária Urbana: como aplicar a Lei Federal n° 11.977/2009**. Brasília, 2010. ; PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA. **Banco de Dados Integrados**. Prefeitura Municipal de Uberlândia. Secretaria Municipal de Planejamento Urbano e Meio Ambiente, 2007. ; PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA. **Plano Local de Habitação de Interesse Social de Uberlândia** - Diagnóstico Estratégico de Habitação de Interesse Social. Uberlândia, novembro de 2009. ; PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA. **Plano Local de Habitação de Interesse Social de Uberlândia** - Estratégia de ação. Uberlândia, junho de 2010. ; Há ainda o programa “Entre, a casa é minha” que tem por objetivo *dar continuidade ao processo de legalização de áreas irregulares em Uberlândia. A Prefeitura já regularizou os bairros Assentamento da Paz, Uberlândia Viva e Zaire Rezende, que já possuem ruas com sistema de esgoto, água e luz elétrica*. Disponível em: <<http://www.uberlandia.mg.gov>>. Acesso em: 24 ago. de 2011.

atender demandas habitacionais imediatas. Mas, quando os trabalhadores são interrogados sobre os motivos pelos quais estão ocupando e resistindo articulam em suas respostas questões do cotidiano, dificuldades de manutenção familiar, dentre outras questões que impõe sua dimensão de trabalhador. Questões que expressam e articulam contradições e percepções sobre o lugar que ocupam nos meios de produção, e com elas as estratégias que elaboram para lidar com situações adversas expressas nas interpretações sobre como estão construindo possibilidades e vivenciando-as. Considerando que *os valores constituem um fundamento essencial da práxis*,³³ compreender como os trabalhadores enraízam tais valores em suas práticas aponta possibilidades para notarmos como modificam suas trajetórias de vida e as próprias dinâmicas do social.

As narrativas dos trabalhadores apontaram caminhos nos quais compreendemos que, a ida para a ocupação, enquanto uma alternativa real, ocorre antes no âmbito de *próprias experiências* e que posteriormente são compartilhadas publica e politicamente.

À medida que alguns atores principais da história – políticos, pensadores, empresários, gerais – retiram-se da nossa atenção, um imenso elenco de suporte, que supúnhamos ser composto de simples figurantes, força sua entrada em cena (...). A vida “pública” emerge de dentro das densas determinações da vida “doméstica”.³⁴

Compreendemos, portanto, que as ações de ocupações ocorrem relacionando-se aos fatos imediatos da falta de moradia e ao diálogo entre os trabalhadores do viver esse fato. E são motivadas pelos modos como as experiências de vida, os valores e o dia a dia, são vividos e negociados nos contextos históricos entre os sujeitos e a comunidade em uma perspectiva de classe social, de seus interesses em comum.

Detectamos nas narrativas, determinadas ênfases em temas específicos como moradia, alimentação, sustento, saúde familiar, lazer, fé e comunidade, que articulam entre si valores comuns aos trabalhadores. Seja na forma como ocorrem no dia a dia ou como são elaborados, de modo que forjem interpretações sobre como irão se inscrever socialmente enquanto sujeitos que ocuparam e que estão construindo, com seus próprios significados e recursos, novos espaços de vivência e moradia.

³³ KONDER, L. **Em torno de Marx**. São Paulo: Boitempo, 2010. p. 24.

³⁴ Folclore, antropologia e história social. In: **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos** / E. P. Thompson; organizadores: Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001. p. 235.

Para investigarmos quais são estes significados não realizamos um trabalho automático ou irreflexivo, mantivemos em vista que lidamos com um material que não se modifica, mas que se relaciona simultaneamente com todo o outro material do presente a partir das nossas interrogações.

[...] um método lógico de investigação adequado a materiais históricos, destinado na medida do possível, a testar hipóteses quanto à estrutura, causação etc., e a eliminar procedimentos auto confirmadores (“instâncias”, “ilustrações”). O discurso histórico disciplinado da prova consiste num diálogo entre conceito e evidência, um diálogo conduzido por hipóteses sucessivas, de um lado, e a pesquisa empírica, do outro. O interrogador é a lógica histórica; o conteúdo da interrogação é uma hipótese (por exemplo, quanto a maneira pela qual os diferentes fenômenos agiram uns sobre os outros); o interrogado é a evidência, com suas propriedades determinadas. Mencionar essa lógica, não é, decerto proclamar que ela esteja sempre evidente na prática de todo historiador, ou na prática de qualquer historiador durante todo o tempo. (A história não é, penso eu, a quebrar seus próprios juramentos) É, porém, dizer que essa lógica não se revela involuntariamente; que a disciplina exige um preparo árduo; e que três mil anos de prática nos ensinaram alguma coisa. É dizer que é essa lógica que constitui o tribunal de recursos final da disciplina: não – por favor, notem – a “evidência” por si mesma, mas a evidência interrogada dessa maneira.³⁵

Orientamos-nos pelo método proposto por E. P. Thompson ao estabelecermos os diálogos entre as nossas interrogações e a análise das narrativas construídas a partir das falas dos trabalhadores. Consideramos esse método realista e possível, pois, nos ateu, e a nossas interrogações, nos contornos oferecidos às perspectivas originadas pela realidade, percebida nos indivíduos, localizados nas ocupações urbanas por moradia, notados com a investigação nas evidências sobre os significados que atribuem para suas vidas e às formas de alterá-la, por exemplo, ao ocupar terras ociosas.

A alternativa de ocupar terras urbanas por moradia encontra respaldo nas trajetórias dos indivíduos, na medida em que confere realidade às expectativas de outras possibilidades que, até então, estavam além das apresentadas por sua condição material, que pode ser definida por questões de exploração no trabalho, problemas familiares, financiamentos, aluguéis, empréstimos, ausência de apoio, intervenção pública efetiva etc.

Ao construírem tal alternativa, os trabalhadores forjam ações com base nas suas experiências em comum, em um sentido de identificação, pois, passam a partilhar de um

³⁵ THOMPSON, E.P. Intervalo: A Lógica histórica. In: **A miséria da teoria ou um planetário de erros** – uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1981.p.57.

objetivo final comunitário que é a obtenção do lote para a construção da moradia. No processo de ocupação, o direcionamento de trajetórias na luta e resistência por moradia representa momentos de incerteza, de impacto e de certa obstinação na defesa e conquista desse objetivo.

Ao longo da pesquisa notamos semelhanças, entre diferentes ocupações, na forma de os indivíduos alinharem as suas experiências, os seus interesses e defendê-los. Tais semelhanças apontam permanências de uma linguagem reivindicativa de uma lógica social mais justa que questiona sua própria condição social.

Notamos ações em comum entre os trabalhadores bem como a demarcação, ou legitimação, de posicionamentos referenciados em elaborações morais sobre seus direitos, a dignidade ou a cidadania, localizadas por sua vez a partir da posição que ocupam nas relações de produção. Isso não significa elaborar que os trabalhadores constituam um movimento homogêneo, mas que se identificam a partir de suas experiências, práticas e objetivos. Tais identificações também são definidoras das situações experimentadas no processo de lutas por moradia, de suas estratégias de ação, de linguagem, de negociação enfim, diversas formas de oposição e enfrentamento aos interesses de determinados agentes dominantes - proprietários, representantes do poder público, pesquisadores, lideranças dos movimentos, padres, pastores etc.

Nesse sentido, consideramos que as estratégias notadas nas narrativas sobre os processos de luta pela moradia em Uberlândia, apontaram ações de solidariedade, de resistência, de silêncio sobre o vizinho como resguardo da comunidade, do compartilhar alimentos, de vender fiado, dentre outros, que forjam uma classe que é

(...) determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram – ou entraram involuntariamente. A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais [...] A consciência de classe surge da mesma forma em tempos e lugares diferentes, mas nunca exatamente da mesma forma.³⁶

Para investigarmos e interpretarmos a forma como as experiências são manifestadas nas situações que os trabalhadores vivenciam e quais são seus objetivos, partimos dos temas que nos pareceram mais frequentes nas narrativas, de modo a

³⁶ THOMPSON, E. P. Prefácio. In: **A Formação da Classe Operária Inglesa**. A árvore da liberdade. vol. 1. Trad. Denise Bottmann, Paz e Terra, RJ, 1987. p.10.

refletirmos sobre os sentidos presentes nas trajetórias e ações dos trabalhadores e, buscar suas referências e discussões históricas. Ao buscarmos tais referências e discussões notamos a organização de uma linguagem comum que os trabalhadores utilizam para se referir às suas próprias interpretações sobre questões políticas. Ou seja, por meio desta linguagem expressam tais questões com referência nos modos como as vivenciaram, ao mesmo tempo em que as localizam a partir de seu lugar social e, principalmente, o que anseiam como resultado de sua ação que, é referenciada nos sentidos expressos, ou intermediados, por essa linguagem.

Ao considerarmos que os indivíduos não são fracionados ou polarizados entre sua situação e perspectivas de vida, pudemos notar como projetam modelos de vivência em atividades diversas, nas perspectivas para a construção de suas casas, no emprego, na saúde, na família e na alimentação. Garcia (1996) pontua que,

A heterogeneidade dos discursos culturais expressa a diversidade de pontos de vista que caracteriza uma sociedade transpassada por desigualdades. Para seus agentes, a prática discursiva é o instrumento no qual constroem e expressam seus interesses. (...) Se os sistemas simbólicos são efetivamente produtos sociais, comportam simultaneamente uma dimensão positiva e dinâmica; eles têm a potencialidade de, articulados pelos homens, intervir na ordenação do mundo alterando significados. Por essa via a ordem social deixa de ser vista como um contínuo totalmente estruturado; comporta brechas e fissuras, espaços potenciais de contestação. Heterogeneidade e diversidade caracterizam um discurso que descreve o social como fragmentação.³⁷

Mantivemos em vista, para compreender os valores notados nas narrativas dos trabalhadores que, a separação de evidências cabe enquanto um procedimento do trabalho intelectual, no entanto o sujeito é dinâmico e múltiplo na medida em que vive e constrói a sociedade de acordo com os *seus* próprios interesses e relações.

Nesse sentido, ao interpretarmos as narrativas, consideramos que a linguagem é uma possibilidade investigativa, um instrumento de conexão e comunicação entre as experiências sentidas na esfera individual, evidencia práticas sociais e as diferentes situações que podem ser compartilhadas entre os trabalhadores na constituição ou alteração da realidade. Ou ainda, como argumenta Raymond Williams, *a linguagem é*

³⁷ GARCIA, Sylvia Gemignani. Cultura, dominação e sujeitos sociais. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 8(2):159-176, outubro de 1996. p.164-165.

*então, positivamente, uma abertura característica do homem e uma abertura para o mundo: não uma faculdade distinguível ou instrumental, mas constitutiva.*³⁸

Ao mesmo tempo em que direciona a potencialidade de transformação dos trabalhadores, as narrativas foram reveladoras de determinadas visões que instituem práticas sociais a partir de interpretações sobre os sentidos de solidariedade, comunidade, doação, perseverança ou ainda de isolamento, de criminalidade, de desonestidade, oportunismo, preguiça e ignorância, fato que nos chamou a atenção.

Notamos que as narrativas dos trabalhadores em alguns momentos convergiam, ou forjavam novas práticas de convencimento, estabeleciam um campo de tensões entre diferentes interesses, ou de novas formas de viver as relações produtivas, extrapolando as possibilidades materiais e a lógica que estas impõem. Principalmente, quando esses valores e visões estão relacionados aos sentidos de conflitos diretos, momentos vivos de reivindicação e enfrentamento.

De modo que, na defesa de seus interesses, diante de situações de conflito e das relações que vivenciam, os trabalhadores se apropriam de argumentos que podem sensibilizar ao outro, ao de fora, adotando na forma de expressar suas expectativas e objetivos, uma linguagem que, alerta para a legitimidade tanto de sua ação quanto do outro, baseados em Direitos Sociais previstos na Constituição, em sentidos de cidadania, dignidade, de tratamento justo e humano etc.. Exercendo desta forma, alguma influência ao interpretar e argumentar com as relações de força expressas nos meios com os quais vão negociar, em certa medida, remodelando-as, por exemplo, quando negociam sua permanência nas áreas urbanas ocupadas, questões sobre a construção das casas, a distribuição dos lotes, o acesso à água, energia etc.

Assim, os temas em comum que notamos nas narrativas, nos interessaram na medida em que expressam as escolhas que os sujeitos realizam diante da negociação com outros agentes e seus interesses diante dos processos de luta que vivenciam. Bem como seus significados na coexistência de pontos passivos ou ativos em relação aos princípios que constituem determinada base moral, elaborada a partir de seus valores e experiências, que determina em quais reivindicações ou ações irão ceder ou em quais irão resistir. De um modo que, a narrativa expressa e constrói um tipo de identidade,

³⁸ WILLIAMS, R. Língua. In: **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 30

que pode ser percebida como rebelde e conformadora³⁹ de acordo com a situação vivida e as questões e interesses que estão em jogo. Nessa perspectiva, a luta é definidora das ações dos sujeitos na medida em que ceder ou resistir compõe estratégias de permanência e construção de possibilidades a partir de suas expectativas, também definidoras de suas ações.

Consideramos que tais escolhas e discursos elaborados pelos sujeitos no processo de lutas, podem ser vistas e interpretadas como caminhos que permitem interrogarmos as questões que nos chamaram a atenção nas evidências sobre como os trabalhadores conduzem as ações e articulações frente às negociações que regem o equilíbrio de seus interesses em um território de tensões de determinadas relações sociais em longo prazo.⁴⁰

Ao considerarmos as possibilidades de interpretação das narrativas, a lógica histórica destaca as evidências, esses sujeitos e os modos como direcionam suas relações e interesses, a partir das situações que estão vivendo. Ou seja, como os seus interesses são articulados e elaborados na prática, pois, não partem de um sistema de valores, regras e leis, elaboram suas práticas com os sentidos estabelecidos por sua condição de vida.

Assim, as atitudes dos trabalhadores, firmemente, nos parecem ser embasadas por suas próprias necessidades, linguagens e por certo senso de solidariedade durante as ocupações.

Esses trabalhadores, em determinados contextos históricos, são fazedores dos meios pelos quais poderão ou não atingir suas expectativas e objetivos e, ao empenharem sua experiência naquilo que constroem, recolocam a dimensão humana nos processos de ocupação, luta e resistência. Já que esta dimensão é em geral, engolida por forças organizativas da administração municipal, da polícia militar ou pela privação ao acesso a bens e serviços. Para os que pressupõem a presença da dimensão

³⁹ *A identidade social de muitos trabalhadores mostra também uma certa ambiguidade. É possível perceber no mesmo indivíduo identidades que se alternam, uma deferente, a outra rebelde.* Ver: THOMPSON, E. P. Introdução: costume e cultura. In: **Costumes em comum** / E. P. Thompson ; revisão técnica Antonio Negro, Cristina Meneguello, Paulo Fontes. – São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.14 em uma discussão sobre os significados da cultura plebeia e sua ambiguidade entre as moralidades oficial e a popular em um diálogo com Gramsci e Medick.

⁴⁰ *Se empregamos a terminologia de classe, a “economia moral” então pode se referir nessa definição ao modo como as relações de classe são negociadas.* Ver THOMPSON, E.P. Economia Moral revista. In: **Costumes em comum** / E. P. Thompson ; revisão técnica Antonio Negro, Cristina Meneguello, Paulo Fontes. – São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.261

hegemônica dessas forças, já nos foi dito pelos trabalhadores que *hoje somos nós, amanhã depois vai se eles*.⁴¹

No entanto, compreendemos que são agentes em contextos históricos específicos, justamente pela razão de que, não é por serem ativos em determinados momentos que possuem intenção, forças ou meios para remodelar ou transformar integralmente a organização das relações sociais. Seus objetivos e interesses compõem determinados processos de luta e lidam com a regulação de suas ações por tipos de intervenções representadas, por exemplo, na administração pública, nas estratégias propostas pelos movimentos sociais, pela influência de entidades religiosas e de ONGs.

Tais entidades, organizações e movimentos intervêm nos modos pelos quais questões ligadas ao cotidiano dos trabalhadores serão encaminhadas nos aspectos da moradia, da alimentação, do sustento etc. Por exemplo, quando é determinado pelo movimento representante da ocupação que é necessário que alguém permaneça no barraco para que seja garantida a posse do lote até o momento de assentamento são, em geral, as mulheres que mais alteram seu cotidiano para atender a tal exigência, unindo o cuidar dos filhos, o desemprego e outros a essa função. Há termos estabelecidos sobre como essas entidades trilharão os caminhos para que os objetivos e expectativas dos trabalhadores sejam atingidos.

Ao lidarmos com as interpretações desses diferentes grupos sociais de Uberlândia, sobre os trabalhadores e os modos como projetam seus múltiplos interesses e vivências, buscamos evidências a partir do acervo do jornal Correio de Uberlândia considerando o período de 1999 a 2012.⁴² Com o objetivo de observar e compreender como e por que determinadas interpretações sobre as ocupações urbanas são evidenciadas pela imprensa local enquanto problemas relacionados às pessoas e fatos externos a cidade e que influenciam suas dinâmicas de organização social.

Permanecemos atentos ao examinar esse material – bem como ao longo de toda a pesquisa, à abordagem historiográfica sobre determinadas visões forjadas a partir dos sentidos de *progresso*,⁴³ já exploradas de forma profunda e crítica pela historiografia

⁴¹ **Acampamento Sem Teto** – Elisson Prieto Uberlândia MG. Canal da AFES MG – Associação Franciscana de Ecologia e Solidariedade. 4p. Duração 00:11:06. 29. abr. de 2013. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=f_GxDdTzaT0>. Acesso em 04 nov. de 2013. Material de pesquisa. p. 2.

⁴² O acervo do jornal Correio de Uberlândia está disponível no Arquivo Público de Uberlândia.

⁴³ De modo geral, todos nossos trabalhos parecem ser, em alguma medida, incomodados por essa desconcertante forma como a imagem sobre Uberlândia é apresentada, principalmente pela imprensa local, fonte de nossas pesquisas. O livro **Uberlândia revisitada: memória, cultura e sociedade** / Diogo

sobre Uberlândia,⁴⁴ em trabalhos que contribuíram muito para o conhecimento sobre nossa localização⁴⁵ de estudo, e sobre como o estigma de uma ideia ou de um sentido de progresso natural em Uberlândia influencia determinadas visões, concepções e, aparentemente, determinaria também os limites da atuação dos diferentes indivíduos. Nesse sentido, Dantas (2008) apresenta de forma contundente tal visão ao argumentar que,

A cidade de Uberlândia, localizada na porção ocidental do estado de Minas Gerais, assenta-se em um imaginário bastante ufânico. Desde os primeiros anos de sua emancipação político-administrativa, em 1888, Uberlândia arvora-se destinada ao progresso. E a fim de concretizar tal ideal, foi forjado, na primeira metade do século XX, um discurso que buscou imprimir à cidade uma imagem de ordem e progresso, civilidade e modernidade.⁴⁶

de Souza Brito, Eduardo Moraes Warpechowski (organizadores). Uberlândia: EDUFU, 2008. reúne de forma sistemática alguns textos que possibilitam uma ideia geral sobre o tema, utilizando uma abordagem política. Ou ainda a obra como um todo, mas em especial o capítulo 1 de: JESUS, Wilma Ferreira de. **Poder público e movimentos sociais aproximações e distanciamentos Uberlândia 1982-2000**. Dissertação em História Universidade Federal de Uberlândia, 2002. ALEM, João Marcos em Representações Coletivas e história política em Uberlândia. **História & Perspectivas**, Revista do Curso de História – UFU, no 4 jan./jun. 1991.p. 79-102., ao abordar grupos políticos da cidade organiza essa visão de seu ponto de partida: a elite e seus instrumentos de dominação. Para outras abordagens, consultar a lista de referências dos materiais relacionados à Uberlândia na seção de referências ao final do trabalho. Ressaltamos que os trabalhos citados compõe uma pequena seleção de estudos que apresentam visões e interpretações sobre Uberlândia e sobre a historiografia muitas vezes divergentes e que devem ser confrontadas entre si como forma de enriquecer a compreensão sobre esta problemática do *progresso* em Uberlândia.

⁴⁴ MEDEIROS, E. Antunes de. **Trabalhadores e viveres urbanos: trajetórias e disputas na conformação da cidade Uberlândia 1970/2001**. Dissertação. Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de História, 2002.; Alguns textos em **Muitas Memórias, Outras Histórias** / [organização de] Déa Ribeiro Fenelon, Laura Antunes Maciel, Paulo Roberto de Almeida, Yara Aun Khoury. – São Paulo : Olho d'Água, 2005. ; outros em **Outras histórias: memórias e linguagens** / [organização de] Laura Antunes Maciel, Paulo Roberto de Almeida, Yara Aun Khoury. – São Paulo : Olho d'Água, 2006.; MORAIS, Sérgio Paulo de. **Trabalho e Cidade: trajetórias e vivências de carroceiros na cidade de Uberlândia – 1970-2000**. 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002.; MORAIS, Sérgio Paulo. **Empobrecimento e “inclusão social”**: Vida urbana e pobreza na cidade de Uberlândia/MG (1980-2004). Tese (doutorado em História Social)Programa de Pós-graduação em História, Pontifícia Universidade Católica São Paulo. 2007.; SILVA JUNIOR, Renato Jales. **Direito a memória: modos de viver e morar em Uberlândia entre as décadas de 1960 e 1980**. 2013. Tese (História) - Universidade Federal de Uberlândia.; Kelly Cristina STROTBEEK, Abreu. **“A gente tem muita vontade de ter um lugar da gente mesmo”**: histórias e narrativas de moradores do bairro Santo Inácio (Uberlândia 1980-2000). 2005. Dissertação (História) - Universidade Federal de Uberlândia.

⁴⁵ Para uma abordagem geográfica e histórica, esclarecedora e objetiva, sobre o que são consideradas as “raízes” de Uberlândia consultar: BRITO, Jorge Luís Silva. **Atlas Escolar de Uberlândia** / Jorge Luís Silva, Eleusa Fátima de Lima. – 2. ed. –Uberlândia : EDUFU, 2011.pp. 15-19.

⁴⁶ DANTAS, Sandra Mara. **De Uberabinha a Uberlândia: os matizes de um projeto de construção da Cidade Jardim (1900-1950)**. In.: Uberlândia Revisitada: memória, cultura e sociedade / Diogo de Souza Brito, Eduardo Moraes Warpechowski (organizadores). Uberlândia: EDUFU, 2008. p. 19.

Já Medeiros (2002), apesar do enfoque particular a seu tema, em síntese, dialoga com tal compreensão e contextualização sobre o estabelecimento de uma ordem de civilidade, moralidade e desenvolvimento econômico e de progresso, que seria então, de acordo com determinadas interpretações historiográficas, um pressuposto inerente à Uberlândia nas leituras relacionadas aos processos de desigualdade social,

Em outras palavras, o progresso “real”, como sinônimo de transformação e portador de desigualdades sociais, dá lugar a um “conceito” ideologizado, revestido de uma possibilidade de “bem-estar para todos”, para as camadas populares. Revestido de um eterno devir, que nunca é alcançado. É como se fosse possível que as elites locais, portadoras de uma capacidade inigualável de controlar as “camadas populares”, pudessem – e quisessem – “desenvolver” o bolo para depois reparti-lo, para utilizar uma afirmativa bem em voga na virada dos anos 70 para os anos 80.⁴⁷

Optamos por abordar tais questões históricas, do estabelecimento de conflitos com a ideia de progresso, a partir dos aspectos percebidos entre nossas evidências, principalmente no confronto com o jornal *Correio de Uberlândia*, pelo motivo de que essas questões aparecem no jornal muitas vezes com o objetivo de planificar noções sobre as regiões da cidade que foram construídas a partir de ocupações, sombreando e deslegitimando as diversas ações dos trabalhadores. Associando, por exemplo, *pobreza* à uma condição “natural” das pessoas *pobres*, bem como a violência, a ignorância etc. Como *status* das pessoas que moram nessas regiões, inclusive, definindo regiões – ou redutos – a partir de tais noções sobre a *pobreza*. Banalizando também por essa perspectiva, o que é ser um trabalhador que se coloca em luta e ocupa terra para constituir moradia em Uberlândia, atribuindo, de forma monolítica, um papel social de sujeição aos valores das classes dominantes, contribuindo para a ideia de que a condição de pobreza seria permanente e desnaturada ao ideal de cidade referenciado na *civilidade* e no *progresso*.

Procuramos então compreender como,

[...] o indivíduo veio a ocupar esse “papel social” e como a organização social específica (com seus direitos de propriedade e estrutura de autoridade) aí chegou. Estas são questões históricas. Se detemos a história num determinado momento, não há classes, mas simplesmente uma multidão de indivíduos com um amontoado de

⁴⁷ MEDEIROS, E. Antunes de. **Trabalhadores e viveres urbanos: trajetórias e disputas na conformação da cidade Uberlândia 1970/2001**. Dissertação. Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de História, 2002.p.17.

experiências. Mas se examinarmos esses homens durante um período adequado de mudanças sociais, observaremos padrões em suas relações.⁴⁸

Nesse sentido, perseguimos com a pesquisa no Correio de Uberlândia questionar as relações estabelecidas em via de mão única entre dominante e dominado e discutir as condições de trabalho e vida, assim como a luta acerca de valores estabelecidos socialmente.⁴⁹ Buscamos compreender, como são interpretados os significados de ser este indivíduo que ocupa terras para formar moradia, ou ainda, o que significa romper com a lógica da especulação imobiliária ou com a organização social instituída em Uberlândia para propor outras lógica e organização mais justas. Referenciamos essas questões também nas indagações e narrativas dos trabalhadores que estão construindo o bairro Elisson Prieto e de outros processos de ocupação na cidade no período estudado.

As fontes orais,⁵⁰ enquanto metodologia de investigação social e instrumento político contribuíram para a percepção dos caminhos da subjetividade e no cruzamento entre as evidências instituídas e individuais e, enriqueceu nossos ângulos de abordagem. Diante das possibilidades das contribuições da história oral para o historiador, mantivemos em vista que as fontes orais representam a realidade através de indícios que podem apresentar diferenças entre si, mas que representam um todo coerente acerca de padrões e modelos interpretativos sobre a sociedade em que vivemos,

A essencialidade do indivíduo é salientada pelo fato de a História Oral dizer respeito a versões do passado, ou seja, à memória. Ainda que esta seja sempre moldada de diversas formas pelo meio social, em última análise, o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais. A memória pode existir em elaborações socialmente estruturadas, mas apenas os seres humanos são capazes de guardar lembranças. Se considerarmos a

⁴⁸ THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. A árvore da liberdade. vol. 1. Trad. Denise Bottmann, Paz e Terra, RJ, 1987. p. 11-12

⁴⁹ THOMPSON, E. P. **A Miséria da Teoria ou um planetário de erros** – uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1981.p.189-190.

⁵⁰ Acompanhamos os diálogos e metodologias de trabalho com a história oral propostos basicamente por: PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de história oral** / [seleção de textos Alessandro Portelli e Ricardo Santhiago ; tradução Fernando Luiz Cássio e Ricardo Santhiago] . - - São Paulo: Letra e Voz, 2010. - - (Coleção ideias). ; PORTELLI, Alessandro. O que faz a História Oral Diferente. **Revista Projeto História**, São Paulo, n.14, fev., 1997. ; PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **PROJETO HISTÓRIA**, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História da PUC SP. São Paulo. Sp. Brasil – 1981. pp. 13-50.; **Muitas Memórias, Outras Histórias** / [organização de] Déa Ribeiro Fenelon, Laura Antunes Maciel, Paulo Roberto de Almeida, Yara Aun Khoury. – São Paulo : Olho d'Água, 2005. **Outras histórias: memórias e linguagens** / [organização de] Laura Antunes Maciel, Paulo Roberto de Almeida, Yara Aun Khoury. – São Paulo : Olho d'Água, 2006.

memória um processo, e não um depósito de dados, poderemos constatar que, à semelhança da linguagem a memória social, tornando-se concreta apenas quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas. A memória é um processo individual, que corre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. Porém, em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas são – assim como as impressões digitais, ou, a bem da verdade, como as vozes – exatamente iguais.⁵¹

Expandimos nossas possibilidades de trabalho com as fontes orais para as gravações de reuniões no ano de 2012, e utilizamos os vídeos produzidos por diferentes sujeitos e organizações, de modo que os transformamos em narrativas transcrevendo-os para que, as falas dos trabalhadores e integrantes dos diversos movimentos fossem resignificadas como narrativas/evidências. Atentando-nos ao momento em que foram produzidas e ao alerta que nos faz Portelli (2001) de que (...) *nossa tarefa é interpretar criticamente todos os documentos e narrativas*,⁵² de modo que não desconsideramos os interesses que permearam a produção destes materiais.

Realizamos entrevistas com moradores do bairro Elisson Prieto, pessoas daqui de Uberlândia e de outras regiões, todas com alguma conexão familiar em bairros próximos à ocupação no setor Leste, principalmente no bairro São Jorge. Algumas como Nilda ou Irailde adquiriram suas casas posteriormente ao período de estabelecimento da ocupação, outras como Letícia estão desde o início.⁵³ É importante esclarecer que os nomes dos entrevistados não estão completos, não por desconsiderarmos seu papel ou suas contribuições, mas porque há a resistência dos mesmos em expor esses dados às pessoas desconhecidas e a necessidade de preservarem suas identidades, pelo próprio contexto que vivenciam, diferentemente de pessoas que já vivenciam a exposição pública sem, ainda que não seja a regra, maiores riscos de vida, como no caso de representantes de movimentos sociais organizados ou de órgãos públicos.

⁵¹ PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **PROJETO HISTÓRIA**, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História da PUC SP. São Paulo. Sp. Brasil – 1981. p.16.

⁵² PORTELLI, Alessandro. O Massacre de Civitella Val Di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In.: AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p.106

⁵³ As entrevistas foram feitas no bairro Elisson Prieto, na casa dos entrevistados, no dia 11 dez. de 2013 com Eliseu e Juliana, Monira, Nilda, Claudia, Irailde, Letícia e Josiane. É válido dizermos que conversamos com muito mais moradores do que pudemos registrar, pois, encontramos dificuldades em obter de muitos a permissão para gravar a entrevista. Há uma relação mais detalhada sobre essas entrevistas na seção de referências ao final do trabalho.

Pelo movimento articulado no bairro, o MSTB, entrevistamos Wellington M. R.,⁵⁴ então coordenador do movimento na cidade e região. Acompanhamos e gravamos duas reuniões significativas que reuniram diversos representantes políticos de Uberlândia de diferentes segmentos. Uma reunião ocorreu na Universidade Federal de Uberlândia⁵⁵ entre o Frei Rodrigo de Castro A. P. da CPT, o MSTB e o Movimento Estudantil e a outra em uma solenidade no assentamento⁵⁶ para alterar o nome do bairro, com todos os representantes políticos da cidade que articulam a permanência do assentamento e seu estabelecimento como bairro.

Entrevistamos também um ex-integrante do movimento estudantil que acompanhou os processos de ocupação da área próxima a CEASA e no campus do Glória. Contamos ainda com o apoio de um funcionário da Secretaria de Habitação da Prefeitura Municipal de Uberlândia, Selis Brandão, que se dispôs a nos receber e a responder alguns de nossos questionamentos, principalmente sobre como ocorrem as intervenções via administração pública nos assentamentos.

Procuramos, ao longo dos capítulos, investigar como em momentos de tensão os trabalhadores interpretam e articulam suas próprias elaborações, baseadas em suas experiências de vida, interpretando as formas de resistência e os meios pelos quais as pessoas argumentam contrariamente à existência e à permanência de áreas ocupadas em Uberlândia. E ainda, como diálogos sobre pobreza, miséria, desestruturação familiar, ou militância apresentam possibilidades de “munição” para a despolitização da ação desses indivíduos, reinserindo-os em uma esfera de sujeição e de não agência sobre suas próprias vidas e sobre as relações que vivenciam.

A partir das reflexões de Eric J. Hobsbawm (1987), observado o contexto da obra, conjecturamos que, muitas vezes, os meios pelos quais são organizados os movimentos, entidades e associações não são analisados quando pensamos os

⁵⁴ A entrevista com Wellington M. R. foi realizada na Universidade Federal de Uberlândia no campus Santa Mônica no dia 24 fev. de 2014, em parceria com a pesquisadora Flávia Gabriela Franco Mariano, pesquisamos o mesmo tema e nossa parceria facilitou o processo de convite e convencimento de algumas pessoas em serem entrevistadas. Há mais detalhes na seção de referências ao final do trabalho.

⁵⁵ Essa reunião foi realizada na Universidade Federal de Uberlândia, campus Santa Mônica, no dia 10 out. de 2012, participaram representantes do MSTB, CPT e movimento estudantil e a autora deste trabalho.

⁵⁶ Essa solenidade ocorreu no centro de reuniões do bairro Élisson Prieto no dia 4 nov. de 2012, participaram deste evento Wellington M. R. (MSTB), Frei Rodrigo P. (CPT), Igino Marcos da Mata de O. (advogado da CPT), Marquinho do Mega Box (atual vereador pelo PT), Ismael Costa (atual vereador pelo PT), familiares do professor Élisson Cesar Prieto, Marlene (prof. do Instituto de Geografia da UFU), Edson Pistori (parceiro dos movimentos sociais).

indivíduos que os compõe, ou se os projetos pautados funcionaram ou não, ou até mesmo se encontram legitimidade ou reconhecimento nos espaços em que se articulam,

Pois, qualquer que fosse sua teoria, virtualmente todos os que estiveram de alguma forma ligados aos movimentos socialistas e operários modernos (com exceção dos anarquistas) até agora tiveram como líquido e certo que o caminho para o futuro, qualquer que ele pudesse ser, passava pela *organização*: através de associações, ligas, sindicatos e partidos, quanto mais abrangentes melhor. Parecia tão evidente e tão nitidamente comprovado na prática que deveria ser assim, que a própria convicção foi raramente investigada com seriedade.⁵⁷

Nesse sentido, não pretendemos analisar a fundo as formas estruturais em que são organizados os movimentos sem-teto ou seus apoiadores, mas compreendendo sua constante presença em parte da articulação desses processos de ocupação, luta, resistência e construção de moradias, investigamos os valores e interesses em torno dos quais os diálogos são projetados socialmente em um sentido de representatividade ou de único caminho para se atingir determinados objetivos, por exemplo, sobre como as motivações dos ocupantes são compreendidas na perspectiva de referenciais como; O que foi forjado para o movimento? As pessoas que ocuparam sob as bandeiras do movimento compartilham de seus objetivos? Se sentem representadas? Identificam-se com os discursos elaborados? Por que depois de um tempo ocorre o esvaziamento de espaços de formação e organização nos assentamentos? Como são formadas as relações e redes de apoio entre os ocupantes e os diversos grupos na ocupação?

Com essas questões, pretendemos analisar as convicções dos movimentos organizados em relação as realidades vivenciadas e os objetivos pautados nas narrativas pelos trabalhadores, com o objetivo de também contribuir para uma análise crítica destas questões.

No primeiro capítulo “Constituição de moradias e vivências por trabalhadores em Uberlândia” localizamos a área da pesquisa. Buscamos identificar quem são os trabalhadores que ocupam terras urbanas por moradia e trabalhar questões como por que ocuparam, quais são suas expectativas em relação à ocupação, como projetam seu futuro no bairro, como são levados a ocupação e quais valores são colocados, o que

⁵⁷ HOBBSBAWM, Eric J. Deveriam os pobres se organizar? In: **Mundos do trabalho**; novos estudos sobre história operária / Eric J. Hobsbawm; tradução de Waldea Barcellos e Sandra Bedran. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.p.392.

mudou nesses anos iniciais do bairro, e o que não mudou. Enfim, o que significa ser trabalhador e morar em uma área urbana ocupada em Uberlândia.

Compreendemos que abordar tais questões significa acompanhar e compreender como as pessoas se relacionam com sua própria história e seu contexto, como a compartilham e como são influenciadas por sua condição e valores ao escolher e construir alternativas de vida frente as possibilidades e condições reais. Todas essas questões são investigadas a partir de sentidos sobre o morar, o trabalhar e o viver, muitas vezes articulados a partir de certas ordenações cotidianas expressas nas falas dos sujeitos.

No segundo capítulo, “Interpretações e projeções sobre os trabalhadores” perseguiamos meios de abordar questões que se relacionam a como os trabalhadores que ocupam terras urbanas, principalmente nos setores Leste e Sul de Uberlândia, são interpretados e tem suas ações políticas resignificadas a partir dos contextos históricos e conceitos construídos pela sociedade em geral. E ainda, quais são as formas de deslegitimar as ações políticas desses sujeitos e abafar os rompimentos que provocam com a lógica instituída socialmente no imaginário sobre a cidade. De modo a compreendermos como as resistências são articuladas pelos trabalhadores a partir dos valores que consideram serem legítimos e justos à sua comunidade.

No terceiro capítulo “Demarcação de territórios e ações” tratamos de investigar, influenciados pelas discussões desenvolvidas nos capítulos anteriores, os limites das relações entre os movimentos sociais organizados, o poder público e os trabalhadores. Quais são os limites das convicções, da articulação dos interesses, da participação e da inserção do movimento em esferas institucionalizadas, incluindo, a relação de dependência com essas esferas, para que determinadas demandas sejam atendidas.

CAPÍTULO I

Constituição de moradias e vivências por trabalhadores em Uberlândia

A transformação da vida material determina as condições dessa luta e parte de seu caráter, mas o resultado específico é determinado apenas pela luta em si mesma. Isso significa que a transformação histórica acontece não por uma dada “base” ter dado vida a uma “superestrutura” correspondente, mas pelo fato de as alterações nas relações produtivas serem vivenciadas na vida social e cultural, de repercutirem nas ideais e valores humanos e de serem questionadas nas ações, escolhas e crenças humanas.⁵⁸

Quem são os trabalhadores que ocupam terras para moradia em Uberlândia? Quais expectativas possuem ao ocupar? O que significa ser um trabalhador que ocupa terras urbanas em Uberlândia? Quais experiências determinam a possibilidade da ocupação? Como esses trabalhadores definem os modos pelos quais defenderão seus interesses? Em quais valores referenciam suas escolhas?

Afim de dar conta dos questionamentos acima, buscamos compreender como os sujeitos modificam suas trajetórias de vida a partir dos processos de ocupação de terras urbanas por moradia em Uberlândia e quais os sentidos que essa mudança possui.

Compreendemos que para modificar suas trajetórias, os trabalhadores e suas famílias elaboram formas de agir e interpretar questões que estão relacionadas às tensões que permeiam a situação de ocupação, assentamento e construção de um novo bairro. Suas ações influenciam e são influenciadas pelos interesses e conflitos do contexto, compreendidos a partir das relações que esses sujeitos vivenciam.

Abordaremos a seguir, a partir das narrativas, os motivos, as resistências e as reivindicações enquanto elementos que direcionam as ações e apresentam as dimensões políticas experimentadas pelos trabalhadores.

Um dos motivos apresentados pelos sujeitos para a ocupação de terras urbanas é a saída do aluguel. Os trabalhadores apontam em suas falas, a desvinculação do aluguel e das relações com o proprietário do imóvel alugado como fator que consideram prioritário ao considerarem aderir a uma ocupação por moradia. Retratam - tanto nas evidências de outras ocupações que construíram bairros como o Joana D’Arc/ São Francisco (Anexo I), como da ocupação da área do Glória que construiu o bairro Elisson Prieto - como recorrentes as tensões devido ao atraso no pagamento do aluguel, a

⁵⁸ THOMPSON, E. P. Thompson. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos** / E. P. Thompson; organizadores: Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001. p. 263.

situação desconfortável de moradia e o alto valor das parcelas cobradas por imobiliárias e particulares.

No caso dos moradores da área do Joana D’Arc/São Francisco, em seu período de constituição, analisamos a fala de alguns moradores que foram entrevistados para um vídeo⁵⁹ documentário produzido pela AMBASF, pela Associação de Moradores do Bairro Joana D’Arc, pela Associação de Moradores do Bairro Morumbi, e pela ACCIPEN. Esse documentário intitulado “Os valores culturais e o acesso à moradia: São Francisco de Assis e Joana D’Arc 3 anos. Um sonho de um povo. Uma história de luta” foi patrocinado pela PETROBRAS.⁶⁰ O vídeo é narrado e apresenta, junto de entrevistas com os assentados da época, como foi construído o processo de ocupação e constituição dos bairros São Francisco/Joana D’Arc no setor Leste de Uberlândia⁶¹ no ano de 2001 e que posteriormente, em 2012, tornaram-se bairros.⁶² Quanto as motivações pautadas na problemática do aluguel um dos entrevistados narra a dificuldade em pagar o aluguel gerada pelos baixos salários,

Nóis que ganha salário mínimo, a classe menos favorecida, não daria conta de pegar uma prestação num terreno de 280,00 real se há de convir que é difícil pra nós ganhar um salário e paga, por exemplo, quem tem três filho, ou quatro, que seja, mesmo sendo um filho ainda já é difícil imagine com três. A maioria tava de aluguel, já num dando conta de paga aluguel tê que passa a noite escondido na oficina ,que nem foi o meu caso, trabalhava na oficina, ajudava de mecânico auxiliar, e então num tinha como, outra saída a não ser entrar nessa invasão pra vê se conseguia um pedacinho, direito a mora né? Na face da terra, um direito digno de te um memo tento pra mora no futuro né?

⁵⁹ Esse e outros vídeos foram divulgados no *YouTube* no Canal da ABIU – Associação de Bairros Irregulares de Uberlândia, o endereço do Canal é <<http://www.youtube.com/channel/UCET6-QIP2oGzksi7XeTvh6A>> . Acesso em: 20 fev. de 2014.

⁶⁰ Não encontramos nas fontes ou em conversas com os entrevistados e membros das associações, explicação para tal patrocínio, ou se o documentário foi produzido via algum edital de captação de recursos. O que foi suposto é que ou o apoio foi por edital ou por apoio político, a única informação concreta que obtivemos foi que o vídeo, da forma como foi divulgado, foi promovido pelo Vereador Valdir Araújo do PT e publicado no site da Associação dos Bairros Irregulares de Uberlândia-ABIU.

⁶¹ Sobre a composição do setor Leste ver nota 11.

⁶² *Os assentamentos Celebridade, Joana D’Arc e São Francisco, localizados ao lado do bairro Morumbi, na zona leste, agora são bairros de Uberlândia. A espera de mais de 15 anos das 10mil pessoas que vivem nas três áreas terminou (...)* . COSTA, Danielle. Uberlândia ganha três novos bairros. **Correio de Uberlândia**. Cidade e Região. 10 dez. 2012. Disponível em: <<http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/uberlandia-ganha-tres-novos-bairros>>. Acesso em 10 dez. de 2012. De acordo com Cláudia Maria de Freitas (2005, p.86) o bairro Joana D’Arc/São Francisco é, em âmbito formal, unificado. Ambos os nomes foram mantidos pela Prefeitura, pois, os moradores, que na prática mantêm a divisão, não chegaram a um acordo sobre um nome unificado quando da aprovação do projeto de loteamento do bairro.; Sobre o tema ver matéria: Prefeitura começa a urbanizar bairros carentes. **Correio de Uberlândia**. Geral – Uberlândia. Ano 63, nº 18.749, 12 jun. de 2001. p. A7

Dexa pros filho pelo meno né, então assim a nossa luta foi em prol disso aí, das dificuldade que nós vinha passando no dia-a-dia. Chegava não era o dono da casa, morava na frente outro no fundo, não podia vir em casa porque não tinha o dinheiro de dá pra ele. Era difícil, então nós passo uma precisão muito séria que era um teto pra mora certo?⁶³

As dificuldades decorrentes da situação de locatário e a condição de *classe menos favorecida*, apresentam os sentidos vivenciados sobre a brusca experiência de ser privado do acesso à moradia pelo alto valor do aluguel, a dificuldade de ser forçado a se *esconder na oficina* porque *chegava não era o dono da casa, morava na frente outro no fundo, não podia vir em casa porque não tinha o dinheiro de dá pra ele*. Letícia, do bairro Elisson Prieto, entende bem a questão da desproporcionalidade entre o salário e o valor médio dos aluguéis,

Letícia: É o aluguel! O aluguel que aperta muito, né? Que aluguel hoje em dia cê num acha menos de quinhentos reais.

Denise: Não.

Letícia: Aí cê vai trabalhar aí, eles quer te pagar setecentos reais, como cê paga com um salário desse?⁶⁴

Do bairro Elisson Prieto, Cristiano S. T. fala porque foi para o assentamento,

moro aqui desde o primeiro dia, né? Da ocupação. Vim, porque num tinha nenhuma perspectiva de vida tava num dando conta de pagá aluguel mais, tenho oito filho, e num teve outra saída a num tá aqui, correndo em busca de um teto que é a maior dificuldade (...).⁶⁵

As narrativas sobre as dificuldades, os motivos e as condições de vida semelhantes nas falas desses trabalhadores, aparecem contextualizadas em sua condição de vida, que é em certa medida, estabelecida por relações sociais, culturais e econômicas. As falas dizem sobre os sentidos das *injustiças* dessas relações,

⁶³ Entrevista com Zé do Remédio. **Os valores culturais e o acesso à moradia**: São Francisco de Assis e Joana D'Arc. Canal da ABIU – Associação de Bairros Irregulares de Uberlândia. 9p. Duração: 00:23:49. 22 set. de 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=pG0aYE1pAFc>>. Acesso em 14 out. de 2013. Material de pesquisa. p.4

⁶⁴ **Letícia**. Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi. p.8

⁶⁵ Entrevista com Cristiano S. T. **Acampamento Sem Teto** – Elisson Prieto Uberlândia MG. Canal da AFES MG – Associação Franciscana de Ecologia e Solidariedade. 4p. Duração 00:11:06. 29. abr. de 2013. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=f_GxDdTzaT0>. Acesso em 04 nov. de 2013. Material de pesquisa. p.1

Meu nome é Sônia, sou aqui de Uberlândia, há muito eu pagava aluguel o dinheiro que eu paguei aluguel é um dinheiro que não tem retorno. Foi isso que me cansou. E agora eu pretendo pagar o que é meu, estou aqui nessa luta, batalhando, junto da minha família que eles também tão aqui, tão batalhando, todos pra sair do aluguel. A gente quer pagar agora o que é da gente, e, tá animado! Tamo animado porque a gente tem gente do nosso lado, e a turma que tá aqui, são pessoas que precisam, pessoas que tem, é são trabalhadoras, que tem anos que tava né? Precisando de uma casa pra morar, esperando pra sua casa, né?⁶⁶

Foi isso que me cansou. E agora eu pretendo pagar o que é meu. Sônia diz que não é apenas a privação da casa, do espaço da moradia, ela cansou dos modos como as relações estão estabelecidas, *as dificuldade que nós vinha passando no dia-a-dia* foram articuladas em uma percepção de outras possibilidades sobre como as relações podem ser instituídas de outra forma junto com *a turma que tá aqui*.

Eliseu e sua esposa Juliana têm família em Uberlândia e já moraram em várias cidades mudaram-se para o bairro Elisson Prieto,

Eliseu: Eu moro aqui tem uns três meses.
 Denise: (...) e cê veio pra cá por quê?
 Eliseu: Vim porque a gente [achou] melhor do que pagar aluguel. A gente tava pagando aluguel.
 Denise: (...) Como que cês resolveram vir pra cá?
 Eliseu: Uai, meu pai comprou o terreno, aí a gente construiu e resolveu vim.
 Denise: E antes vocês moravam onde? Vocês já moravam juntos antes de vir pra cá? Já? Esse pequenininho [filho] é de vocês?
 Juliana: É.
 Eliseu: A gente morava ali no São Jorge.
 Juliana: Morava de aluguel.
 Denise: (...) quanto mais ou menos custava o aluguel ali?
 Eliseu: Trezentos e oitenta.
 Denise: E era, era uma casa como? Era grande? Era pequena?
 Juliana: Só dois cômodo, né? Banheiro.
 Eliseu: Banheiro, sala e quarto.⁶⁷

A mesma situação foi relatada por outras moradoras que estão construindo o bairro Elisson Prieto, o caso de Cláudia que estava realizando sua mudança para o bairro no dia em que a abordamos para a entrevista,

⁶⁶ **Acampamento Sem Teto** – Elisson Prieto Uberlândia MG. Canal da AFES MG – Associação Franciscana de Ecologia e Solidariedade. 4p. Duração 00:11:06. 29. abr. de 2013. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=f_GxDdTzaT0>. Acesso em 04 nov. de 2013. Material de pesquisa. p.3.

⁶⁷ **Eliseu e Juliana**. Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi. p.1-2.

Denise: E aí, cê morava aonde antes?
 Claudia: Eu morava no Tibery, aí eu vim pra cá.
 Denise: Você morava de aluguel de imobiliária ou particular?
 Claudia: Não, particular.
 Denise: (...) mais ou menos quanto, você pagava [de aluguel]?
 Claudia: Quatrocentos e oitenta!
 Denise: Quatrocentos e oitenta pra morar num lugar como que era, o lugar que cê morava?
 (...)
 Claudia: Não, lá era quatro cômodos, dois quartos, sala, cozinha e um quintalzinho.
 Denise: Arram. E aí cê tá mudando hoje pra cá?
 Claudia: Mudando, trazendo os trem hoje que tava terminando de coisa [refere-se ao término do acabamento interno da casa] aqui, né?
 Denise: E que que fez você vir pra cá?
 Claudia: Uai, saí um pouco do aluguel, né? Porque tá tão difícil nossa! Dinheiro do aluguel difícil demais de pagar.⁶⁸

Ou de Josiane que na data da entrevista estava no bairro há quatro meses,

Denise: Onde você morava antes de vir pra cá?
 Josiane: Morava em casa de aluguel, lá na escola, lá em cima.
 Denise: Aqui no São Jorge. No São Jorge. E por que que cê resolveu vir pra cá?
 Josiane: A, porque ele tava ganhando pouco, né? O aluguel é muito caro aí nós veio pra cá, o home ofereceu pra nós assim.
 Denise: Quanto era o aluguel (...)
 Josiane: É duzentos e cinquenta! (...) Perguntou lá se nós queria vir pra cá, porque o povo tava querendo invadir [a casa] aqui aí perguntou se nós queria vim, aí nós vim.⁶⁹

Claudia explica que viu uma oportunidade na ocupação devido a sua situação de desemprego,

Claudia: Bom, eu moro aqui trinta e cinco anos!
 Denise: Aqui em Uberlândia?
 Claudia: É. É, agora eu tô desempregada né? Então, tive essa oportunidade eu vim pra cá.
 Denise: E cê trabalha com o quê antes?
 Claudia: Auxiliar de cozinha.
 Denise: Onde? Aqui na cidade também.
 Claudia: Aqui na cidade.⁷⁰

⁶⁸ **Claudia.** Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi. p.4.

⁶⁹ **Josiane.** Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi. p. 3.

⁷⁰ **Claudia.** Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi. p. 3.

A questão do (des) emprego e da desvalorização do trabalhador é frequente nas narrativas como elemento da condição para ocupar e como um problema, principalmente para as mulheres, que encontram maiores dificuldades por não terem o apoio de creches,

Letícia: Arram. Na verdade assim, ele saiu, ele saiu do emprego e eu consegui o Carrefour, então ele ficou só com os, aqui né? Com os bico e os serviço aqui, aí ele arrumou na pizzaria e eles não conseguiram, não quiseram mudar meu horário, sabe? Aí eu tive que sair porque a pizzaria é de noite, não tinha com quem deixar eles de noite, eles me passaram pra de manhã e eu tive que sair, agora que eu tô, ajeitando pra conseguir a escolinha dela aqui pra procurar de novo o horário comercial.

Denise: E, agora você tá pensando em procurar aonde mais ou menos?

Letícia: Ai, nem sei, nem sei. Pro mercado, as área administrativa num tá, parece que num tá pegando, queria mais assim escritório assim, por causa de ser, de segunda a sexta, né? Que esses outros de, uma folga só na semana, quando cê tem criança é difícil, num sobra muito tempo, e eles tá pra escola, de noite cê tá em casa, cê tá trabalhando, aí fim de semana cê tem um dia só, né? Eu falo o dia que cê tem eles tá pra escola, então é mais puxado, mas num dá jeito, tem que ser.⁷¹

É relevante apontarmos que são as mulheres, justamente por muitas vezes serem impossibilitadas de manterem seus empregos para atenderem o cuidar dos filhos e da casa, que “garantem” o barraco ou o lote, marcando presença, resistência e interesse, nos processos de ocupação e assentamento.⁷²

No município de Saúde⁷³ no Estado da Bahia, Irailde trabalhava produzindo artigos de barro para cozinha. No entanto, em Uberlândia não encontra o barro adequado para continuar produzindo as peças. Então, assim como outras mulheres que entrevistamos, não tinha onde deixar a filha e, está em busca de um emprego,

Irailde: (...) Aí veio eu e minha filha, só que no correr do tempo eu queria trabalhar, aí minha filha tava atrapalhando um pouco, porque não tinha onde deixar (...). Aí já boto os currículo, aí só que não me

⁷¹ **Letícia**. Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi. p. 8-9.

⁷² Cabe a observação de que realizamos as entrevistas no período da tarde, horário de trabalho e, a maioria das pessoas que entrevistamos são mulheres.

⁷³ Saúde é um município pertencente ao estado brasileiro da Bahia, localizado na microrregião de Jacobina, possui uma área total de 500 km², com população de 11.560 habitantes (IBGE, est. 2006) e densidade demográfica de 23,12 hab/km². O Código Postal da cidade é 44740-000, o DDD é 074. As pessoas naturais de Saúde são denominadas "saudenses". **Wikipédia**. Saúde. Disponível em < [http://pt.wikipedia.org/wiki/Saúde_\(Bahia\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Saúde_(Bahia))> . Acesso em 12 fev. de 2014.

chamaram ainda. (...) Entreguei no Bretas*, entreguei na JBS.** (...) Aí, não chamaram ainda. Nenhuma ainda.
 Denise: Faz quanto tempo que cê entregou?
 Irailde: Não, uns quinze dias.⁷⁴

Letícia narra, ao ser interrogada sobre os motivos que fizeram com que ela e seu marido fossem para a ocupação no início do processo de luta, a mesma condição de desemprego somada a problemas judiciais com a imobiliária devido a situação de inadimplência,

Denise: E por que que vocês vieram pra cá?
 Letícia: Questão de moradia mesmo, a gente ficou desempregado, eu fiquei desempregada, ele [marido] também ficou desempregado e a gente morava de aluguel com imobiliária, e foi virando uma bola de neve, sabe? Com imobiliária e a gente teve que entregar a casa, e aí a gente veio pra cá.
 Denise: E, onde vocês moravam antes? Mais ou menos assim, o lugar.
 Letícia: Lá no Oswaldo Rezende (...) Uma necessidade né? Porque... a imobiliária começou a pedir a casa, entrou na justiça... despejo.⁷⁵

Questões e problemas relacionados ao aluguel e as imobiliárias também em muitas vezes são somados a mudanças no curso da vida no âmbito familiar. É o caso de Monira que, recém-casada, mudou-se para o bairro devido a um arranjo da família de seu marido, que viabilizou a moradia para o casal,

Denise: (...) onde cê morava antes?
 Monira: Eu morava com a minha mãe, aí eu casei, num tinha onde morar aí de aluguel, aí minha [sogra] arrumou isso aqui com o tio do meu marido, aí nós compramo aqui e moramo aqui.
 Denise: (...) Você mesmo tá aqui há?

* *Os supermercados Bretas (...) uma das principais redes supermercadistas do Brasil é uma das mais competitivas da América Latina. (...) seus mais de 11 mil colaboradores trabalham para oferecer aos clientes altos padrões de qualidade, variedade e preços baixos. De um caminhão de café a uma rede de supermercados.* Institucional. **Bretas.** Disponível em: <<http://www.supermercadosbretas.com.br/institucional>> . Acesso em: 27 mar. de 2014.

** *A JBS S/A – empresa que atua nos ramos de carne bovina, suína, ovina e de aves, lácteos e derivados, produção e comercialização de couros, latas, colágeno, biodiesel transportes e vegetais – (...) A multinacional possui outros dois projetos para Uberlândia, nas áreas de couro e polpa de tomate(...).* SILVA, Selma. JBS vai ampliar fábrica na cidade. **Correio de Uberlândia**. 22 mai. de 2011. Disponível em: <<http://www.correiodeuberlandia.com.br/espacoeconomico/2011/05/22/jbs-vai-ampliar-fabrica-na-cidade/>>. Acesso em: 27 mar. de 2014.

⁷⁴ **Irailde.** Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi. p. 2.

⁷⁵ **Letícia.** Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi. p.1-2

Monira: Oito meses.⁷⁶

No caso de Nilda, a situação de infortúnio no âmbito familiar influenciou a decisão de mudar de cidade e de consolidar uma moradia própria. Ela nos contou que mudou para a cidade após o falecimento de sua filha, permaneceu provisoriamente na casa de parentes e mudou para o bairro,

Nilda: É! E vim pra cá porque a gente precisava de um lugar pra morar, mas a gente num tinha condição de comprar um lote, olhava, pesquisava, muito caro! E a gente tinha medo, “vamo comprar um lote, construir” aí nós vamo comprar um lote, quantos anos nós vamo levar pra pagar esse lote? Depois que nós pagar é que nós vamos começar a construir a casa?!⁷⁷

Irailde morava com os pais em Saúde e mudou-se para Uberlândia com o marido e a filha devido a falta de oportunidades de trabalho e, o desejo de adquirir uma casa em sua cidade de origem, que, segundo nos informou, custa algo em torno de 8 (oito) a 20 (vinte) mil reais, ela contou com o apoio de conhecidos que já estavam na cidade desde 2006,

Denise: Lá, na Bahia, no interior de Salvador, próximo de Bonfim, lá cês moravam em casa de vocês ou cês moravam de aluguel?

Irailde: Nós morava, eu morava de favor na casa de meu pai. Aí, ele pediu a casa nós passo a morar de aluguel, aí nós veio pra cá, pra ver se nós consegue comprar uma casa lá pra nós.

Denise: E essa casa aqui vocês pegaram ela assim, ou vocês que construíram?

Irailde: Não, aqui, que deram assim pra nós fica, que quando nós chegou já não tinha mais terreno, aí, deram pra gente ficar cuidando.

(...)

Irailde: Assim, quando nós trabalha e consegui nosso objetivo, nós vai volta pra Bahia.

Denise: Vocês pensam em voltar, então?

Irailde: Eu penso em voltar, porque tá minha mãe, o meu pai, a mãe do meu marido, tá tudo lá, nossa família tá toda lá, na Bahia.

Denise: E, qual que é o objetivo de vocês, pra voltar pra lá?

Irailde: É comprar nossa casa.

Denise: Lá?

Irailde: É, lá, daí quando nós consegui comprar nós volta.

Denise: Quanto custa uma casa lá no interior da Bahia?

⁷⁶ **Monira.** Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi. p.2 e 4.

⁷⁷ **Nilda.** Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi. p.2.

Irailde: Lá custa de oito a vinte mil.⁷⁸

Os trabalhadores dizem sobre os sentidos de experiências de vida particulares, mas que falam sobre determinadas experiências sociais vividas enquanto valores, ou modos de vida, estes, por serem carregados de dinâmicas variáveis frente às condições e relações produtivas, que também são variáveis, acabam por articular resistências, ou formas de lidar com a lógica e as relações vividas. Primeiro as dificuldades são enfrentadas em casa, com a família, por condições como do desemprego, das dificuldades com as contas, com o aluguel, da experiência da privação de acesso ao imóvel alugado, a espera nas listas de habitação, todas as experiências sentidas primeiro em uma esfera pessoal e depois contextualizadas como motivações, direcionadas de forma coletiva pelos trabalhadores.

Os sentidos de *dignidade* são traduzidos nas falas de moradores do bairro Elisson Prieto que entrevistamos, a partir de situações do dia a dia. Nilda relatou alguns desses episódios que passou com sua família enquanto conversávamos sobre os problemas com as conexões de água e energia no bairro, e a necessidade do comprovante de residência para utilizar serviços públicos ou adquirir bens de consumo,

Denise: Senhora acha na verdade então é que todo mundo preferiria tá pagando pra ter um comprovante de residência?

Nilda: Isso é uma dificuldade que a gente encontra em tudo! É no hospital, é em tudo, todo negócio que cê vai fazer hoje, cê tem que ter um comprovante, é escola pra criança, cê tem que tá usando um outro endereço, porque num tem como, porque eles vão (...).⁷⁹

Outra questão que as famílias enfrentam, além da ausência de creches, é a matrícula dos filhos nas escolas devido a falta do comprovante de residência, de modo que precisam recorrer aos parentes ou conhecidos para poder matriculá-los em novas escolas, ou mantê-los nas escolas que frequentavam antes da mudança para o bairro,

Nilda: Então o que temos é isso, é escola aqui dentro, é uma creche pras mãe que trabalha, muita mãe num trabalha porque num tem onde

⁷⁸ **Irailde.** Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi. p.3- 4.

⁷⁹ **Nilda.** Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi. p.3.

por o filho! Chega numa creche dessas aí, “ai onde cê mora?”, aí já começa num tem vaga! Num é?⁸⁰

Letícia recorreu a essa estratégia, ao mudar para o bairro deixava os filhos na casa dos pais para que concluíssem o ano escolar e, posteriormente, utilizou o endereço dos pais para manter os filhos na escola até conseguir matriculá-los na região de sua nova residência,

Letícia: É, pra pegar outro aluguel particular a gente num achou sabe, procurou num achou, aí a gente pegou e resolveu vim. Aí eles tipo, primeiro eles ficaram com a minha mãe, pra poder, questão de escola, né? Pra acaba o ano, aí esse ano eu já consegui por aqui.

Denise: E a sua mãe mora perto da escolinha deles?

Letícia: Não, lá no [bairro] Santa Mônica ela morava, aí consegui vaga lá no Santa Mônica.

Denise: Arram. É, a gente mora lá também.

Letícia: É, aí eu a gente assim, morava aqui e lá, né? Morava aqui e lá por causa da escola deles, aí esse ano já consegui pra eles aqui, ela não. Que ela veio na van, que meu pai pagou a van pra ela poder acabar o ano que...

Denise: Eles têm quantos anos?

Letícia: Quatro e sete.

(...)

Letícia: É, esse ano agora eu vô tentar aqui mais perto.⁸¹

Irailde nos relatou, ao ser questionada sobre a abordagem de assistentes sociais e membros de organizações sociais no bairro, que não conseguiu matricular sua filha em uma escola e sob a ameaça de ser acionada pelo Juizado de Menores levou a filha de volta à Bahia na casa dos avós,

Irailde: Aí só que eu num tava com a minha filha na escola, aí disse que era pra eu botar a minha, só que aí eu botei ela na escola só que num chamou, aí eu tive que voltar pra Bahia, aí já voltaram aqui de novo, e já tinha levado ela pra Bahia. (...) É, que lá ela estuda, a vó leva e trás.

Denise: Então, esse foi um dos motivos também, você ter levado a sua filha de volta, num ter conseguido escola, foi esse o motivo na verdade?

Irailde: Foi. Esse o motivo, porque eu num achei a vaga pra ela. Num chamou.

⁸⁰ **Nilda.** Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi. p.8.

⁸¹ **Letícia.** Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi. p.2-3.

Denise: E caso assim, quem veio aqui falou que você tinha que por sua filha na escola, se você num conseguisse coloca ela, que que acontece?

Irailde: Eles disse que ía trazer o Juizado de Menores. Aí, porque ela já tava na idade de ir pra escola, sabe? (...) Aí eu tive que levar logo, porque eu ía perder minha filha.

Denise: (...) Imagino.

Irailde: Aí eu tive que levar, eu levei, graças a Deus tá lá na avó.

Denise: Aí cê fica com esse celular aí matando a saudade?!

Irailde: É! Tem um bocado de foto dela aqui!⁸²

Nilda comenta sobre a dificuldade de estar empregado e a relação desse fato com o local e o processo de construção do bairro diante da interpretação feita por pessoas que não conhecem ou não se relacionam com a região ou os moradores. Destacamos em sua narrativa a percepção, ou expectativa, de que quando o bairro estiver com os equipamentos básicos será visto de uma forma diferente,

Nilda: Eu acho assim, eu tenho vergonha de falar onde eu moro porque eu falar pode eles num me aceitarem no meu emprego, não! Você fala assim “eu preciso de trabalhar, e eu moro lá! Eu moro lá! Porque eu num tenho”, agora se você quer me dar o emprego e não quer que eu more lá, então pague o aluguel pra mim, me dê uma casa em outro bairro, porque não tem nada a ver isso, isso aqui é como qualquer outro bairro quando começa!

(...) É legalizar as coisa logo, e começar as coisa aqui pra se tornar um bairro que vai mudar a visão completamente, num é? Vai mudar pra todo mundo, e tudo. Aí começa, porque aí, cê, cê tendo sua residência, cê tendo como comprovar, porque cê chegar no canto, a, tenho aqueles Triângulo da Sorte***, que eu vendo aí, pra um deles aí, pra eles aí, aí muita gente vai compra e fala assim, “a mas que endereço que eu ponho?”, eu falo assim “daqui! Cê tem que pôr o endereço daqui, porque eu quero ver se um dia num vai sair um ganhador daqui! Sai ali do São Jorge, do Laranjeiras... tudo, e se ganhar, aonde foi que ganhou, aqui [Glória]. Porque não adianta se morar aqui e pôr o endereço de lá, “a quem ganhou?”, “a foi a do lá do São Jorge, sendo que mora aqui”, não eu falo pras pôe o seu endereço, o número da sua casa, do seu lote, as rua têm nome também, embora seja fantasia mas tem, né?”.⁸³

Interpretamos que essas situações que puderam ser mapeadas nas evidências como geradoras de limitações, imposições e dimensões vividas pelos trabalhadores,

⁸² **Irailde.** Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi. p.7.

⁸³ **Nilda.** Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi. p.19-20.

***Triângulo da Sorte é um título de capitalização da modalidade popular. Triângulo da Sorte. Home. Disponível em: < <http://www.triangulodasorte.com.br/?p=home>>. Acesso em: 27 mar. de 2014.

como a falta do comprovante, o não conseguir matricular os filhos, a abordagem por órgãos públicos e de justiça etc. compõe uma gama de expressões de determinados instrumentos de controle, efetivos e centrais, que impedem que esses sujeitos desenvolvam certa autonomia frente suas próprias demandas e expectativas para suas vidas. Apesar das milhares de famílias que moram no bairro, os trabalhadores não estão no mapa da cidade.

Identificamos como recorrentes na fala dos trabalhadores argumentos referindo-se ao bairro que construíram de que “aqui é todo mundo trabalhador”, ou de que “é um bairro como qualquer outro”. Letícia, ao ser interrogada sobre ações de caridade de agentes externos no bairro apresenta esses argumentos,

Letícia: (...) aqui é um bairro como outro qualquer, quem mora aqui, todo mundo sai pra trabalhar, leva os meninos pra escola, volta, é, (...) Quer dar brinde pros menino, quer dar cesta básica, é bem vindo, pode dar. Pode me dar, né Estér?! [Com a filha que estava no colo] E, balinha, agora de curso assim, eu já vi assim várias vezes de roupa, de deixarem roupa aqui, mas assim.

Denise: Aqui na sede?

Letícia: Até aqui atrás tinha umas roupas que sobrou aqui... sapato.

[As roupas estavam em sacolas plásticas no chão, atrás das muretas em que estávamos sentadas]

Denise: É, tem aqui, né? Provavelmente.

Letícia: Mas eu nunca vim, olhar nem nada, então eu num sei te falar nem nada.⁸⁴

Os entrevistados buscam deixar de fora, ou rejeitar, determinadas interpretações que possam deslegitimar seus modos de vida, ou sua ação direta que, por sua vez, desestabiliza ordenamentos sociais de relações produtivas até então vigentes, como pagar o aluguel, ficar endividado, ter que morar com a família, pagar aluguel por condições precárias, aceitar doações de roupas etc. Fatos que, de certa forma, desconsideram sua condição de sujeitos e pessoas com autonomia, vontades e potencialidades. Assim, ao notar como são interpretados por determinado viés dominante em outras regiões da cidade, articulam discursos nos quais interpretam suas experiências, para marcar sua presença nesse terreno de conflitos permeado pelas relações de forças políticas e sociais que centralizam a condição de pobreza como inerência em determinados momentos, exercendo pressão sobre os trabalhadores e retirando todos os significados articulados entre agir, ocupar e resistir para conquistar sua moradia.

⁸⁴ **Letícia.** Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi.p.7.

Nilda nos relatou uma experiência que viveu em uma loja da região central da cidade ao tentar comprar um móvel para a casa de seu filho e o vendedor perceber que ela mora no Elisson Prieto,

(...) eu vou te contar um exemplo, isso aí é um exemplo, achei, fiquei muito humilhada, me senti humilhada por isso, eu fui numa loja, comprar um guarda roupa pro meu filho, e aí eu falei pra ele, vamo comprar a vista pra não se endivida, e fui comprar o guarda roupa que eu ia dar pra ele o guarda roupa, e entrei com ele num loja que eu acho que não vou citar o nome.

Denise: Não precisa.

Nilda: Até enquanto nós não falamos onde morava, eles tavam tratando a gente de uma forma diferente.

Denise: Diferente como?

Nilda: A diferente, nós falamos que ele pediu o endereço, que nós falamos que ele foi no computador puxa lá, eu falei, “não adianta cê puxar lá porque o bairro não tá no mapa! Ele num tá registrado, não tem como ele tá no mapa”. Aí ele já começou a por dificuldade que não tinha o guarda roupa, que não tinha chegado, que ele tinha se enganado, e eu falei pra ele na hora, “moço, eu num sou boba, talvez cê mas a gente dá pra entender que você não tá querendo vender o guarda roupa, porque é pra entregar lá naquele bairro”. Pois, quantas e quantas vezes as pessoas, que moram lá, que tem dignidade, que são igual a você, igual a qualquer outro, vem e dá renda pras loja, porque todo mundo compra as coisas. (...) agora só porque mora lá e num tem como comprovar o endereço, vai comprar a vista, não tá pondo dificuldade. “Pois então fique com o seu guarda roupa, porque eu tô saindo que existe outras loja”. E vim embora, cheguei aqui na loja aqui do bairro São Jorge, entrei na loja, fui muito bem tratada, falei onde eu morava, nossa num fez diferença nenhuma! Todo, “não, mando entregar pra senhora hoje mesmo, e mando o montador amanhã, pra senhora”, muito bem! A gente sente outra pessoa, agora você entrar a pessoa olha pra você... é como cê entra numa loja, se você tivesse mal vestido, mal calçado, eles num te trata bem.⁸⁵

Um dos problemas enfrentados pelos moradores do Elisson Prieto que identificamos na narrativa de Nilda é a dificuldade em estabelecer determinadas relações devido às suposições de quais seriam os significados de morar no bairro que é construído a partir de um processo de ocupação de terras por moradia. Quando se referem às relações com os bairros do entorno não identificamos esse problema de forma latente na fala dos trabalhadores, muitos deles, inclusive, saíram de condições precárias de moradia alugada nesses bairros e se mudaram para o bairro Elisson Prieto.

O fato de os sujeitos entrevistados sempre dizerem que *aqui é todo mundo trabalhador ou aqui é um bairro como outro qualquer, todo mundo sai pra trabalhar*,

⁸⁵ **Nilda.** Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi. p.4.

leva os menino pra escola, organizam determinados valores sobre como elaboram as suas práticas diante das tensões das relações sociais e produtivas. Enquanto formas de resistência e de projeção de suas potencialidades por maneiras “ordenadas”. Adotando a interpretação dos porquês, dizer é *um bairro como qualquer outro*, afirma como os sentidos da luta e da conquista da moradia são redimensionados ou convertidos frente a outros valores que seriam considerados por determinados padrões dominantes e efetivos como de normalidade, *como de qualquer outro*.

A constituição de espaços de disputa e de debate em torno do tema da moradia extrapola as dimensões de obter a casa para o morar e pertencer. As atitudes e linguagens dos trabalhadores dialogam a todo o momento com os interesses e valores de grupos, projetos sociais e interesses dominantes.⁸⁶ De forma subjetiva, os modos de morar, trabalhar e viver, de se inscrever no espaço urbano e constituir a memória, praticados por grupos hegemônicos em Uberlândia são questionados quando os trabalhadores expressam e colocam em movimento os sentidos e as formas como compreendem suas condições de vida. Interpretamos que quando Nilma nos diz *O bairro não está no mapa*, expressa sua percepção de tais diálogos e, que não só o bairro, mas os sujeitos daquele bairro também não estão *no mapa*, de modo que não são reconhecidos nas lojas da cidade, não têm acesso às creches, postos de saúde, transporte público, água, asfalto etc.

Refletimos com Williams que a hegemonia como deve ser compreendida em sua complexidade de relações,

[...] é então não apenas o nível articulado superior de ‘ideologia’, nem são as suas formas de controle apenas vistas habitualmente como ‘manipulação’ ou “doutrinação”. É todo um conjunto de práticas e expectativas sobre a totalidade da vida: nossos sentidos e distribuição de energia, nossa percepção de nós mesmos e nosso mundo. É um sistema vivido de significados e valores – constitutivo e constituidor – que ao serem experimentados como práticas, parecem confirmar-se reciprocamente. Constitui assim um senso de realidade para a maioria das pessoas na sociedade, um senso de realidade absoluta, porque experimentada, e além da

⁸⁶ (...) *em qualquer sociedade e em qualquer período específicos há um sistema central de práticas, significados e valores que podemos chamar apropriadamente de dominante e eficaz. Isto não implica nenhuma presunção sobre o seu valor. O que estou dizendo é que ele é central. Na verdade, eu o chamaria de um sistema corporativo, mas isso pode ser confuso uma vez que Gramsci utiliza “corporação” para significar o subordinado em oposição aos elementos gerais e dominantes da hegemonia. De qualquer forma, o que tenho em mente é o sistema central, efetivo e dominante de significados e valores que não são meramente abstratos, mas que são organizados e vividos.* WILLIAMS, R. Base e Superestrutura na teoria da cultura marxista. **Cultura e Materialismo**. / Raymond Williams; tradução André Glaser. – São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 53

qual é muito difícil para a maioria dos membros da sociedade movimentar-se, na maioria das áreas de sua vida. Em outras palavras, é no mais forte uma “cultura”, mas uma cultura que tem também de ser considerada como domínio e subordinação vividos de determinadas classes.⁸⁷

Investigar e refletir sobre quem são esses trabalhadores que ocupam terras por moradia em Uberlândia, os motivos pelos quais ocupam, suas expectativas, as experiências que conferem sentido à sua ação e as linguagens e práticas que instituem, é também compreender como se organizam as relações sociais, as problemáticas destas relações e o estabelecimento de dinâmicas que são diretas e recíprocas, entre proprietários e ocupantes, poder público e movimentos sociais organizados, mídia privada e opinião pública...

Ao examinar a relação entre “*a gentry*” e os “*trabalhadores pobres*”, E. P. Thompson sugere três características da ação popular (a tradição anônima, o contrateatro e a ação rápida e fugaz),⁸⁸ salvo o contexto da obra do autor, estas nos auxiliam nas reflexões para compreender a importância e os sentidos que se constituem com a ação de movimentos organizados em torno de um objetivo – de uma reivindicação. Considerando que esse objetivo expressa relações de subordinação e insubordinação constituídas por modos conscientes e por vias das práticas culturais, de viver, de trabalhar e de lutar, para o autor,

É possível mencionar outras características, mas essas três – a tradição anônima, o contrateatro e a ação direta rápida e fugaz – parecem ter importância. Todas dirigem a atenção para o contexto unitário da relação de classe. Num certo sentido, os governantes e a multidão precisavam uns dos outros, vigiavam-se mutuamente, representavam o teatro e o contrateatro um no auditório do outro, moderavam o comportamento político uns dos outros. Intolerantes com a insubordinação do trabalho livre, ainda assim os governantes da Inglaterra demonstravam, na prática, um grau surpreendente de tolerância com a turbulência da multidão. Há aqui alguma “reciprocidade” estrutural profundamente arraigada? Considero essa noção de reciprocidade *gentry*-multidão, de “equilíbrio paternalismo-deferência”, em que os dois lados da equação eram, em certa medida, prisioneiros um do outro, mais proveitosa do que as noções de “sociedade de uma só classe”, de consenso ou de uma pluralidade de classes e interesses. O que deve nos interessar é a

⁸⁷ WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Tradução Valtensir Dutra. Rio de Janeiro. Zahar Ed., 1979, p.113.

⁸⁸ THOMPSON, E. P. **Costumes em comum** / E. P. Thompson ; revisão técnica Antonio Negro, Cristina Meneguello, Paulo Fontes. – São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 25.

polarização de interesses antagônicos e a dialética correspondente da cultura.⁸⁹

Diante das noções sobre *práticas dialéticas correspondentes da cultura* notamos ainda que esses moradores apontam suas percepções sobre como são tratados com base em situações, como por exemplo, ter um carro velho,

Nilda: Num trata! Você chega num posto de gasolina pra abastecer um carro, se você chegar num carro velho, eles demoram um tempo pra vim te atender, chega um atrás numa caminhonete, num carrão do ano, eles vem correndo! Eles vem...

Denise: E por que que a senhora acha que isso acontece, além dessa questão da aparência?

Nilda: Eu acho que é ruindade mesmo, isso é coisa mesmo do ser humano.⁹⁰

E diante dos sentidos sobre viveres que os entrevistados apresentam, os entrevistados captam e expressam como compreendem as elaborações feitas sobre suas práticas, hábitos e condição de vida. Nilda diz novamente que não é só o bairro, o lugar, são os moradores, as relações e os modos como se inscrevem ou direcionam suas possibilidades,

Nilda: (...) Eles só mostra o lado bom, o Rio de Janeiro é a cidade mais linda do mundo, num tem problema. Porque muitos veio passear de fora e num conhecer? Quando chega lá eles assusta! A mesma coisa aqui, né? Só que aqui tá, tá aí a diferença! Porque aqui muita gente honesta e muita gente trabalhador, gente que tem religião, gente que talvez tem tanto conhecimento que a gente nem imagina, talvez aqui tem tanta gente que possa se aproveitado, né? E tão sendo excluído, quase que excluído.

Denise: Senhora acha que assim essas, vocês que moram aqui, essas pessoas elas são excluídas, vocês acabam sendo excluídos porque...

Nilda: Por causa dessa...

Denise: Por causa dessa visão preconceituosa é isso que a senhora tá querendo dizer?

Nilda: Porque aqui é considerado como uma favela! Porque é considerado como uma invasão, como uma as pessoas que, sei lá, um mendigo! [Risos] Aqui é considerado assim! E num é isso! Todo mundo quer?! Queremos! E num queremos de graça, e num...

⁸⁹ THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum* / E. P. Thompson ; revisão técnica Antonio Negro, Cristina Meneguello, Paulo Fontes. – São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 68.

⁹⁰ **Nilda**. Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi. p.4.

queremos pagar, mas nós queremos o nosso direito e nós num queremo... nossa casa (...).⁹¹

Chamam-nos a atenção as características elencadas por ela para falar do lado bom do bairro *muita gente honesta e muita gente trabalhador, gente que tem religião, gente que talvez tem tanto conhecimento que a gente nem imagina*. Ou ainda, em relação à polêmica que ocorreu em determinado momento do processo de ocupação sobre se a Prefeitura permitiria a permanência das casas de alvenaria que foram construídas pelos próprios ocupantes,⁹² ou se o bairro seria formatado em blocos de prédios populares,

Nilda: (...) eles tão querendo prédio, a gente num quer.

Denise: Eles quem? (...) A Prefeitura? O movimento?

Nilda: Não, não, o movimento não, a Prefeitura, como eles já falaram... predinho eu acho que num é, eu acho que não é o certo pra quem mora aqui, pessoas aqui num têm nem, como se diz, assim, jeito pra morar num predinho, que bagunça, cê viu? Esse povo aqui! Um predinho, que que vira?! [Risos] Eu acho assim, do jeito que tá cada um, se deu conta de construir sua casa, construí sua casa, deixa quietinho.

Denise: O ideal seria ficar do jeito que tá então?!

Nilda: Do jeito que tá, só legaliza! Pronto!

Denise: A casa do filho da senhora aqui [local onde foi feita parte da entrevista] eu tô vendo que já tá, né? Já tá na alvenaria, já tá com reboco, já tá com piso.

Nilda: É, olha o que ele gastou aqui, isso daqui foi tirado do suor, foi trabalhando de motorista, tem dia que meu filho chega em casa quatro hora da manhã!

Denise: O filho da senhora é motorista?

Nilda: Motorista.

Denise: Particular ou ...?

Nilda: Não, ele trabalha num depósito, de areia aqui. Tem dia que ele chega quatro hora da manhã debaixo de chuva, tem dia que ele sai, tem dia não, todo dia ele sai de casa, seis hora da manhã! Cinco e meia! E ele sem almoço, porque às vezes ele via pensando que volta logo, o caminhão quebra, tem que ir buscar ele longe, ele chega quatro hora da manhã ele liga mãe, avisa aí a Samara, que é a esposa dele,

⁹¹ **Nilda.** Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi. p. 5-6.

⁹² Segundo o secretário de habitação, a ideia é construir prédios. Para o presidente da Associação dos Moradores, Wellington Marcelino Romana o conjunto vertical [sic] seria ideal. “Não dá pra pensar um bairro igual aos outros que foram fruto de ocupação. A gente precisa ter infraestrutura, escola, lazer, precisa ter moradia segura. Para nós se é vertical ou não vertical não interessa nesse primeiro momento. nós queremos é um local pra morar”. Invasão no campus Glória em Uberlândia, MG, completa um ano – Ruas receberam nomes e maioria das casas é de alvenaria. Prefeitura e UFU se reúnem para resolver futuro do local. **G1 Triângulo Mineiro**. 14 jan. de 2013. Disponível em: <http://www.g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2013...ntx86z2ftdx_FcSw> Acesso em 20/01/2013. Sobre este debate ver entrevista que realizamos com Wellington mais adiante.

que não posso, num sei a hora que vou chegar, e eu num durmo enquanto ele num chega preocupada esperando. Chega lá duas hora, três hora da manhã.

Denise: E a esposa?

Nilda: Isso é uma dificuldade pra conseguir a fazer a casinha, olha aí, ainda num é uma moradia boa, do jeito que a gente sonha, mas tá fora do aluguel, né? Tem três filho.

Denise: A esposa dele mora aqui com ele também?

Nilda: Mora.⁹³

Reaparecem os sentidos de ser trabalhador, sair cedo para trabalhar relacionados a outros argumentos que resignificam os sentidos em torno das reivindicações não só de permanência no bairro, mas dos *modos* de pertencer. De modo complexo, a partir de interpretações sobre quais seriam os padrões de comportamento para morar em apartamentos, Nilda elabora sentidos que buscam afirmar os motivos para a construção de casas e não de prédios, legitimando-os a partir das impressões sobre os modos de viver dos ocupantes. A narrativa articula elementos de legitimação ao objetivo de permanência das casas já construídas com o *suor do trabalho*, pois de qualquer modo as *pessoas aqui num tem nem (...) jeito pra morar num predinho, que bagunça, cê viu? Esse povo aqui! Um predinho, que que vira?! (...) deixa quietinho.*

Nesse sentido, as interpretações de grupos hegemônicos que disputam seus interesses culturais e econômicos, estabelecem conflitos e reformulações entre os valores dos trabalhadores a partir das situações que são ou serão vivenciadas por eles em seu dia a dia. Na medida em que estão subordinados às relações de tais grupos, têm que lidar com as dificuldades que lhes são impostas, por exemplo, ao se candidatar a vagas de emprego. Interrogamos Nilda sobre como avalia as interpretações que são elaboradas sobre o bairro, quais razões considera que são constitutivas destas, ao que ela argumenta,

Nilda: É porque tem gente aqui? Tem. Tem, umas pessoas aqui muito necessitada, mas como tem em todo lugar também. Em qualquer bairro tem. Mas é isso é que é o caso, por que? O bairro ali, lá o centro da cidade, por ter até no Santa Mônica que é o bairro mais apreciado de Uberlândia, é onde tem a visão, é igual assim, ganhou fama, né? Mas todo mundo vive dentro das suas casa, fechadinho de boa, cê num sabe o que que passa lá dentro! Na casa de ninguém. Aqui é porque cê tá vendo todo mundo, cê tá vendo a criança andando na rua com pé descalço, com shortinho rasgado, num é? Aí passa e fala assim “coitado, coitadinho” então, eu acho assim, que num é tão coitadinho, ajuda precisa pra todo mundo, eu às vezes preciso de um tipo de

⁹³ **Nilda.** Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi. p.4.

ajuda, você precisa, outro precisa outro, cada um precisa de um tipo de ajuda, mas eu acho que as pessoas precisam mais aqui é de anda cabeça erguida, e luta pela sua moradia mesmo, pelo seu emprego, e as pessoas vê as pessoas daqui como um ser humano e não como uns mendigo que coitado, dá emprego, dá oportunidade pras pessoas e deixa desse preconceito. “A! Não vou dar emprego pra ele porque ele mora naquela favela”, isso aqui não é favela! Isso aqui é um condomínio! [Risos].⁹⁴

Isso aqui é um condomínio! Nilda atribui outras dimensões à associação da pobreza a constituição daquela região ou bairro da cidade que é também a constituição de como seus moradores a vivenciam, e que é vista como “favela” ou lugar de “coitadinhos”.

Nilda, ao articular essa questão como situação vivida em todos os bairros da cidade, a interpreta como uma questão sobre determinadas formas de inscrição social em uma linguagem que interpreta, de modo politizado e qualificado, as associações feitas às situações de pobreza, questionando o lugar social que é atribuído “aos pobres” pela identificação dessas regiões como locais de “pobres e coitados” e os próprios sentidos do que é ser pobre. Em um sentido também de controle e criação de um campo de intervenções a médio e longo prazo para a administração pública, para pessoas que deixam “doações” de roupas na área de reuniões na sede, entidades de assistência, ONGs, movimentos sociais e religiosos.

Compreendemos que as reivindicações por emprego, cidadania, dignidade, ter o comprovante de endereço (o que equivaleria a efetivar a conquista da moradia), *andar de cabeça erguida* relacionam-se a reivindicação por aspectos da vida, da cultura.⁹⁵ A resistência ou reelaboração das relações pelos trabalhadores a partir de suas próprias experiências e realidade, sobre os sentidos próprios de *justiça e cidadania*, considerando que,

A organização do controle social e das alternativas que a ele se opõem não se estabelece de um momento para outro, mas se constituem projetos historicamente vivenciados em experimentações que têm a

⁹⁴ **Nilda.** Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi.p.18.

⁹⁵ *Os homens vivem sua experiência integralmente como ideais, necessidades, aspirações, emoções, sentimentos, razão, desejos, como sujeitos sociais que improvisam, forjam saídas, resistindo, se submetendo, vivendo enfim, numa relação contraditória (...) Nesse sentido a luta de classe é, ao mesmo tempo e na mesma medida, luta de interesses e de valores. Cultura passa a ser apreendida como todo um modo de vida e todo um modo de luta, não podendo ser pensada como reflexo ou eco de uma base material.* VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo. **A pesquisa em história** / Maria do pilar de Araújo Vieira, mAria do Rosário da Cunha Peixoto, Yara Maria Aun Houry. – 5. ed. – São Paulo: Ática, 2007. p.7.

ver com a correlação de forças de cada situação, e significa sempre uma imposição de vontades sobre os projetos alternativos pois, ainda que perdedores, exprimem vontades, visões e perspectivas do real.⁹⁶

Além das dificuldades apresentadas pelos sujeitos, Nilda, ao ser interrogada sobre o cerceamento de possibilidades e das potencialidades dos ocupantes a partir do direcionamento de determinados tipos de emprego como os únicos disponíveis para esses trabalhadores no mercado de trabalho considera,⁹⁷

Denise: O que eu li também, é “a, a pessoa que mora lá no Elisson Prieto ou a pessoa que mora no São Jorge ou a pessoa que mora no Morumbi, nesses bairros aqui perto são pessoas que vão, o emprego que eu tenho pra oferecer pra ela é de catador de reciclável, ou é de lixeiro”

Nilda: Num tem nada a vê! Isso aqui, isso aqui pode sair daqui um jornalista, um médico, um professor, qualquer tipo de profissão!⁹⁸

Notamos modos de lidar com essas questões que confrontam as possibilidades colocadas para os moradores dos bairros que são construídos por processos de ocupação. Tais dimensões colocadas nas falas sobre ser trabalhador, honesto, ou ainda sobre o dinheiro ser o mesmo para todas as pessoas, podem ser interpretados como uma possibilidade de rompimentos dos discursos predominantes. Tais narrativas identificam, ou ao menos localizam situações eficientes de controle com os quais lidam esses trabalhadores em seu cotidiano.

Desta forma compreendemos que essas narrativas são significativas, pois, são reveladores de determinadas visões que instituem práticas sociais a partir de interpretações sobre os significados de noções como solidariedade, comunidade, ação política e resistência.

Tais visões, percebidas a partir de traços de solidariedade que, também instituem práticas de mobilização e organização, podem ser compreendidas como a expressão de uma elevada consciência de classe forjada nas experiências e na luta dos trabalhadores que ocupam espaços e práticas não necessariamente constituídos para sua classe.

⁹⁶ VEIRA, Maria do Pilar de Araújo. **A pesquisa em história** / Maria do pilar de Araújo Vieira, mAria do Rosário da Cunha Peixoto, Yara Maria Aun Khoury. – 5. ed. – São Paulo: Ática, 2007. p.8.

⁹⁷ Vale lembrarmos que anteriormente Irailde e Letícia citaram como empregadores o Carrefour, e Irailde a rede de Supermercados Bretas e a empresa JBS.

⁹⁸ **Nilda**. Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi. p.19.

As ações de apoio entre os trabalhadores são recorrentes no bairro e na fala das moradoras que entrevistamos,

Denise: Nossa em. E, aqui é uma horta, né?

Irailde: Foi eu que fiz isso aqui.

(...)

Irailde: É porque lá eu também plantava horta, pra vender na feira, aí o rio secou, nós parou de vender, aí quando eu vim pra cá eu comecei a plantar. Porque é muito bom, plantando dentro de casa, né? Sem, aqueles veneno todo, que bota!

(...)

Denise: E a cesta [básica] aqui cumpre, né? Porque são só vocês dois.

Irailde: Só nós dois e dá.

Denise: E vocês plantam, né?

Irailde: É.

Denise: E esse daqui que vocês plantam vocês levam pra vender também?

Irailde: Não.

Denise: Cê fornece pro pessoal aqui perto?

Irailde: Forneço quando eu encontro ele passa aí e pedem eu dou.

Denise: Arram.

Irailde: Eu num consigo comer tudo sabe? ⁹⁹

Nilda, que é dona de uma mercearia, ajuda as pessoas do bairro vendendo fiado e prorrogando o prazo de pagamento quando precisam,

Denise: E vocês como donos de um comércio aqui no bairro, vocês vendem fiado pro pessoal? Comé que é?

Nilda: A gente tem que vender um pouco!

[Risos]

Nilda: Leva ele também, né?

Denise: Como que funciona? O pessoal chega e fala “a! Dá pra vender fiado aí?”

Nilda: “Cê pode vender um pouquinho porque esse mês eu tô apertado, comprei uma televisão pra minha casa, num dei conta de”, faz uma compra, ganha uma cesta às vezes, mas a cesta num vem tudo! Só vem o básico! Aí, falta um café, um açúcar, um pão, um leite, pra criança, e a gente vai vendendo mais essas coisinha, uns é bom pra pagar, paga no dia, outros demora, outros nem paga! Mas, eu ajudo muitas pessoas também, gosto de ajudar. Eu num levo pelo lado assim, de dizer “ah, não presta!”, num paga, acho que muitos num paga porque num pode mesmo! Aí a gente vai tendo paciência esperando um pouco, e vai, tem gente que para de comprar, e vai pagando aos pouco, termina de pagar e começa de novo, e já maneira, e vai levando a vida assim, a gente já conhece todo mundo, e tem os que a gente quando vê, que ele num trabalha, e só quer, porque vida

⁹⁹ **Irailde.** Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi.p.3 e 5.

mansa, aí a gente corta também, não! Vamo ajudar quem precisa. Num é?¹⁰⁰

É interessante notarmos as estratégias que ela estabeleceu para identificar quem é *vida mansa*,

Denise: Mas como a senhora olha assim e vê? “A esse daí é vida mansa!”?

Nilda: Porque se a pessoa num tem um emprego, num tem nada, num quer fazer nada, mas é uma pessoa saudável, cê olha, tá com saúde, num quer trabalhar, eu acho que não, eu você já tem que.

Denise: Mas aí a senhora pergunta a na hora de vender o fiado, a senhora pergunta “a, você trabalha? Recebe quando?”. A senhora dá uma investigadinha assim pra ver se a...

Nilda: “Cê trabalha? Que dia que cê vai me pagar porque eu num posso esperar muito tempo, né?”. Por que é muito pequenininho, num tenho capital pra...

Denise: Segurar?

Nilda: Pra segurar um mês, dois meses, pessoa que quer fiado, comércio nenhum aguenta, né? Então eu num coloco, eu num aumento o preço, num cobro juro, então, o mesmo preço que eu vendo a vista é o mesmo que eu vendo fiado, mas eu falo pra eles, se vocês pagar em dia, vocês vão ter todo dia vocês tem, né? Porque a gente vai ajudando, e aí tem uns que paga direitinho e ajuda também a gente, porque cê recebe o fiado, no dia que recebe cê recebe ali algum, aí cê sabe o que cê faz. Eu vou abastecendo, vou comprando mais mercadoria.

Denise: Dá pra planejar, né?

Nilda: É, eu vou comprando mais mercadoria.¹⁰¹

Vender fiado é ponto significativo de ajuda para alguns moradores e cria relações de segurança no estabelecimento da vida dentro do bairro diante de situações adversas. O bairro é caracterizado como um espaço de relações, ou de práticas, baseadas em uma lógica mais justa de mercado e de economia.

Denise: E cê acha que aqui cês aproveitam mais o bairro, tipo assim, antes cês moravam numa casa ou apartamento?

Letícia: Casa, também.

Denise: Cê tinha contato com os seus vizinhos?

Letícia: Aqui eu tenho mais do que lá.

Denise: Aqui você acha que cê precisou de alguma coisa, seu vizinho precisou de alguma coisa...

¹⁰⁰ **Nilda.** Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi. p.10-11.

¹⁰¹ **Nilda.** Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi. p. 11.

Letícia: É, mais fácil. O povo da mercearia mesmo, te faz fiado, entendeu? No outro dia cê vai e paga, então tá mais assim, mais companheirismo, né?

Denise: Todo mundo se conhece mais?

Letícia: Agora mesmo a gente foi fazer almoço na casa da vizinha, né? Ela “não, vem pra cá, vamo fazer aqui, então a gente tem mais...”

Denise: Mais proximidade, né?

Letícia: Urrum.¹⁰²

Em sequência aos sentidos de *dignidade*, a questão da moradia adequada e o estabelecimento da vida no bairro também se sobressaem nas narrativas dos trabalhadores que vivenciaram a experiência do ocupar. O documentário sobre os bairros Joana D’Arc/São Francisco apresenta trechos de entrevistas com os assentados nos quais eles contam como foi viver no assentamento inicialmente,

Tenho um barraco de lona, né? Que esse barraco mais tarde veio a cair só que antes de caí eu passei muita dificuldade debaixo dele, né? É, com chuva, tive dificuldade com chuva que... moiáva muito dentro da minha casa. Então eu passava à noite sentada num banquinho pra dá lugar meus filho dormi, porque em cima onde eles durmia corria uma enxurrada, né? Aí a casa alagava ficava parecendo um mar.¹⁰³

Os barracos, de lona ou de madeira, constituem no momento de ocupação uma forma de demarcação imediata da área ocupada e dos lotes, porém, sua impossibilidade de resistência à chuva¹⁰⁴ e ao sol são um grande problema e desconforto para seus moradores. Esta questão pode ser notada na fala de Letícia que relata que o sol torna impossível a presença dentro de sua casa durante o dia,

Denise: E assim, hoje aqui sua casa já tá de alvenaria?

Letícia: Não, ainda não, ainda tá de tábuas.

(...)

Denise: E, por exemplo, (...) essa grana que vai sobrar do aluguel, que que você acha que vai dar pra fazer? Que que vai dar pra melhorar?

¹⁰² **Letícia.** Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi.p.6.

¹⁰³ Elaine Felipe Marcelino. **Os valores culturais e o acesso à moradia:** São Francisco de Assis e Joana D’Arc. Canal da ABIU – Associação de Bairros Irregulares de Uberlândia. 9p. Duração: 00:23:49. 22 set. de 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=pG0aYE1pAFc>>. Acesso em 14 out. de 2013. Material de pesquisa.p.2

¹⁰⁴ “Segundo os moradores, cerca de 300 barracos foram atingidos. PM esteve no local, mas moradores não registraram boletim de ocorrência”. Após chuva, casas de assentamento são destruídas em Uberlândia, MG. **G1 – Triângulo Mineiro.** 15 out. de 2012. Disponível em: <<http://www.g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2012/...chuva-casas-de-assentamento-sao-destruidas-em-uberlandia-mg.html>>. Acesso em: 20 jan. de 2013.

Letícia: Então, aí no caso pra construir, né? Começar a construir pelo menos um quarto, pra ficar mais, mais fresquinho, porque uma hora dessa, por exemplo, num tem jeito de cê ficar dentro de casa.¹⁰⁵

Um aspecto que chamou nossa atenção em relação à construção do bairro Elisson Prieto foi a rapidez com que as casas de alvenaria surgiram, Nilda comenta sobre a tranquilidade que elas conferem ao bairro,

Denise: Que que mudou de movimentação política, do jeito de viver aqui, de construir as coisas, hoje tá mais calmo, antes era, o que que mudou? Como que a senhora avalia?

Nilda: Não, eu acho que mudou porque já, a gente já sente que tá virando um bairro mesmo, né? Mas hoje, sofrimento, um dia deu uma chuva aqui, gente mas foi feio, foi carregando telha, plástico, jogando tudo no meio da rua, cê só via criança gritando e mulher, meu marido mesmo correu pra socorrer muita gente, trazendo lá pra casa, levando pra plenária e tudo, teve casa que não ficou nada, aqueles, né? Muito feia. Agora não, cê vê que chove, mas já tá mais tranquilo porque já tem uma casa... uma telha pra segurar a chuva, as parede de tijolo, tá construindo todo mundo tá ficando bom.

Denise: A pior coisa então era a chuva, né?

Nilda: Era a chuva, o vento essas coisa porque era muito precário a situação, agora não, tá melhorando, cada dia tá melhorando, cê quase num vê barraco mais. Né? Só casa de alvenaria.¹⁰⁶

Aproximadamente onze meses após o início da ocupação do Elisson Prieto a situação era de,

Uns quatrocentos idosos e mil e quinhentas casas de alvenaria e um setecentos barracos de Madeirite, entre Madeirite, placa e lona. Então, a estrutura que foi criada lá dentro (...) Existe casa lá dentro que foi investido quase vinte mil reais, num empréstimo, fiado, fazendo boletinho nos depósito né... Acaba que isso tudo gerou um imposto, gerou um lucro pro governo. Hoje a nossa comunidade lá, independente ou não se for por na ponta da caneta, o tanto de compra de lona, Madeirite, tijolo, cimento e etc, etc e tal... vai gerando um lucro absurdo lá dentro, né... sem falar que nós fizemos um projeto de habitação lá dentro antes de ocupar a... com a área ocupada né, mas tivemos, um total senso e uma total facilidade pra se envolver com a agro engenharia que é um processo de topografia, né... de corte dos

¹⁰⁵ **Letícia.** Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi.p.3 e 5.

¹⁰⁶ **Nilda.** Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi. p.14.

lote, então foi tudo padronizado, foi tudo bem feito, pagamos por isso...¹⁰⁷

Na comemoração de um ano do assentamento os moradores deram nomes às ruas do bairro,

Completo um ano que os integrantes do Movimento Sem Teto do Brasil se instalaram (...). São mais de 2.200 famílias no local (...) No local é possível observar que os padrões de energia de casas foram instalados e só faltam os relógios. Além disso todas as cerca de 30 ruas receberam nomes, inclusive o assentamento que ao invés de Paulo Freire, virou Elisson Pietro. De acordo com a Associação de Moradores, cerca de 90% das casas são de alvenaria. Uma delas é da dona de casa, Vera Barbosa Silva, que conta com dois quartos, salas e cozinha.¹⁰⁸

As narrativas que dizem como os moradores visualizam o bairro em um futuro próximo, além das situações difíceis que enfrentam e de suas reivindicações ao poder público, expõe as condições do morar, suas expectativas e anseios para este lugar que estão construindo. A partir do que informam que falta no bairro é possível visualizar os modos como projetam o viver.

Nilda compartilha que sair do bairro é muito difícil, porque além de ficar em uma região um pouco afastada e não ter asfalto ainda, as linhas de ônibus não atendem em locais próximos,

Nilda: Precisamos dum coletivo aqui, pra ajudar as pessoas mais, porque eu levanto todo dia cinco hora da manhã, pra fazer pão de queijo, cinco hora, cinco e meia se vê a quantidade de gente passando pra ir trabalhar! Cinco e meia, seis hora todo mundo saindo é debaixo de chuva, é molhando tudo, pisando na lama! Tudo sujo e pra í pega um coletivo nessa mesma distância! Se passasse um pelo menos nessa última rua que faz no bairro aí, já era uma ajuda grande, né?¹⁰⁹

Sair do bairro é apontado como um dos problemas não apenas para quem trabalha, mas também para levar os filhos às escolas, que passam a depender de vans,

¹⁰⁷ **Reunião MSTB e entidades estudantis da UFU.** 10 out. de 2012. Centro de Convivência do Campus Santa Mônica, Universidade Federal de Uberlândia (MG). Duração: 00:55:55. Arq. 121003003. Material de Pesquisa. p. 6-7.

¹⁰⁸ Invasão no campus Glória em Uberlândia, MG, completa um ano. **G1 – Triângulo Mineiro.** 14 jan. de 2013. Disponível em: < <http://www.g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2013/01/invasao-no-campus-gloria-em-uberlandia-mg-completa-um-ano.html>>. Acesso em: 18 jan. de 2013.

¹⁰⁹ **Nilda.** Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi. p.7.

um custo a mais, que os pegam na entrada da rua principal do bairro, mas não entram nele porque não tem asfalto. Em conversas que não puderam ser gravadas nos foi dito que as opções de lazer se restringem também, pois, sair do bairro é complicado e em geral, a cidade não oferece muitas opções, o Parque do Sabiá¹¹⁰ foi apontado como o lugar que as famílias costumam ir quando é possível, aos finais de semana. As crianças costumam passar os finais de semana na casa de avós.

Ao deixar de pagar o aluguel a condição da ocupação de terras por moradia se configura como uma possibilidade de fazer outras coisas que até então não eram possíveis, *nessa moradia de dez meses sem paga aluguel, dez meses sem... sem... comendo pão e tomando café de manhã, dez meses até... assa a carniinha no final de semana, porque na hora o dinheirinho que pagava o aluguel sobrou então assim (...).*¹¹¹

Ao identificarmos essas possibilidades localizamos diversas formas de regular ou conviver com essas situações, há a falta de serviços básicos, de alimentos, de roupas, de dinheiro, etc. Mas o bairro está sendo construído e essas novas possibilidades permitem conquistar outra situação de vida para o presente e para o futuro dos filhos que não estava disponível até então,

Nilda: O dinheiro do aluguel, as pessoas, hoje, eu vejo gente falar pra mim aqui, que já tem o que num tinha aqui, hoje, num tá pagando um aluguel, nem uma água, nem uma luz, tão dando conta de comprar uma bicicleta pra andar, tão dando conta de comprar um guarda roupa que num tinha, um fogão novo ou uma televisão, um móvel pra casa que eu acho que é digno! Todo mundo tem que te! E antes muita gente num tinha, e agora tem, por quê? Porque tá sobrando, um pouquinho da luz, do aluguel e da água, e o dinheiro do aluguel tá investindo na casa, porque cê vê, o rapaz do material de construção aqui, já sabe! No começo do mês todo mundo recebe, vai dando que é uma beleza, aí do dia quinze pra frente, pára as venda! Porque num tem mais dinheiro, né?! Vai esperar receber novamente, pra começar a comprar, então eu acho que, tá sendo uma ajuda muito boa! Porque quem tá aqui é porque tá recebendo minha filha se você vê a poeira aqui quando, hoje tá bom! Choveu! Quando é poeira mesmo, cê entra aqui cê fala “não, num tem condição desse povo morar aqui” porque que

¹¹⁰ O Parque do Sabiá é um parque e zoológico, localizados na Zona Leste de Uberlândia, no Triângulo Mineiro. O parque é municipal e administrado pela FUTEL - Fundação Uberlandense de Turismo, Esporte e Lazer, que é uma fundação da prefeitura. Wikipédia. *Parque do Sabiá*. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Parque_do_Sabiá> . Acesso em 22 fev. de 2014.

¹¹¹ **Reunião MSTB e entidades estudantis da UFU**. 10 out. de 2012. Centro de Convivência do Campus Santa Mônica, Universidade Federal de Uberlândia (MG). 24p. Duração: 00:55:55. Arq. 121003003. Material de Pesquisa. p.8.

enfrenta? Porque... pra poder conseguir a sua moradia! É o futuro dos filho da gente! Dos neto, né?¹¹²

Observamos que o novo bairro, construído a partir de processos de luta e de rompimento, viabiliza também a outros trabalhadores, ao não ter que aderir ao mercado imobiliário de aluguéis, projetar seu futuro por relações estabelecidas com *sua* própria lógica. A moradia se estabelece não apenas como o lugar do morar, mas como lastro da vida, a estabilidade presente e futura. Lembramos o caso de Irailde que citamos anteriormente, e que mora no Elisson Prieto enquanto junta dinheiro para comprar outra casa em sua cidade de origem, Saúde no Estado da Bahia. Na projeção de seu futuro no bairro Letícia pretende construir um cômodo para sair da casa construída com madeira e Monira projeta como será sua casa,

Denise: E cê acha que esse dinheiro que sobra, cê pode aplicar no que assim?

Monira: É pode arrumar a casa, pode crescer mais a casa, por exemplo, agora eu vou começar a fazer minha casa, na frente aqui [da varanda do cômodo onde estávamos].

Denise: Tem um espaço bom aqui, e que que se pretende construir aqui? Você vai começar pelo que?

Monira: Fazer um alicerce primeiro, aí depois.

Denise: Como que você imagina a sua casa aqui?

Monira: É eu quero aqui um quarto, aqui a sala, um banh... não! Dois quarto, uma sala, um banheiro.¹¹³

As perspectivas de investimentos em longo prazo também se tornam mais palpáveis,

Denise: (...) Num ter que pagar o aluguel, que que mudou na vida de vocês? (...)

Juliana: Muita coisa!

Eliseu: Uai, melhorou, né? Porque... o dinheiro do aluguel é um dinheiro que vai e não volta, o dinheiro do aluguel vai aos pouco. (...) A gente já comprou um, saiu do aluguel, né? A gente tá mais é investindo, né? Construindo, investindo no que é nosso, né? A casa pronta aí.¹¹⁴

¹¹² Nilda. Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi. p.8-9.

¹¹³ **Monira.** Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi.p.3.

¹¹⁴ **Eliseu e Juliana.** Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi. p.3.

Claudia diz que pretende investir o dinheiro que iria para o aluguel de uma casa em um curso para as filhas,

Denise: E esse dinheiro que você antes usava no aluguel, e agora você num vai mais, (...) que que ele te possibilita fazer?

Claudia: Uai, a gente vai morar, né? Eu preciso de mais dois cômodo vai puxa aqui pro fundo agora, porque num quis trazer os trem porque, agora com a gente aqui, puxa área, meu tanque, é isso, investir agora.(...) É alimentação, um curso das menina, né? Um curso, facilita, nossa, porque todo dinheiro do aluguel é uma coisa que cê vai e nunca vê, né? Então um curso uma coisa, igual eu tenho uma menina aí de treze anos.¹¹⁵

Alguns moradores empreendem seus negócios dentro do bairro para atender demandas de comércio dos moradores. Próximo à casa de Letícia, alguns estabelecimentos serão abertos por outros moradores do bairro,

Letícia: Quase esquina! Meu lá é quase esquina, aí o meu tá, o mercado que abriu é lá pertinho, a padaria é lá pertinho, aí do lado tá construindo disse que vai ser um açougue. Aí tá ficando bom!¹¹⁶

Nilda e seu marido moraram em um cômodo de madeira por um tempo, depois construíram dois cômodos, em um funciona uma pequena mercearia que abastece a vizinhança, e no outro cômodo funciona uma cozinha e quarto para eles, o filho deles e sua esposa moram em uma casa no lote de fundo à mercearia, e é lá que descansam ou ficam com a família. O marido de Nilda, além de ajudá-la na mercearia compra e vende materiais de construção usados,

Nilda: Então, tudo, aí vai começar tudo do zero de novo, né? Então eu penso isso que todo mundo tá aqui porque precisa. Eu tenho esse pequeno comércio por quê? Porque foi o dinheiro do aluguel e eu moro, tô morando dentro, eu ainda não consegui construir minha casa, mas se Deus quiser eu quero construir, quer dizer com a idade que eu tô quando for pra morrer eu tenho minha casa! Então, eu peguei, pensei, eu vou construir minha casa, aí eu pensei, falei não, primeiro eu tenho que arrumar um jeito de ganhar um dinheirinho, num tenho oportunidade de trabalhar fora e arrumar serviço, então peguei aqui de aluguel e fui construindo, construí, é, dois cômodo, nesses dois cômodo eu trabalho, e moro, né? E todo dia, fazendo meu pão de

¹¹⁵ **Claudia.** Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi. p.6-7.

¹¹⁶ **Letícia.** Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi.p.4.

queijo, meus salgado, e vendendo as coisinha, e todo dia tô tendo meu dinheirinho e vô juntando pra mim comprar o material pra fazer minha casa, construir minha casa.

Denise: É o objetivo da senhora?

Nilda: É, meu objetivo.

Denise: O marido da senhora tá trabalhando com o que agora? Que a senhora falou...

Nilda: Lá junto comigo, os dois, e material usado, ele compra material usado, as pessoas aqui precisam, uma madeira, uma telha, é, é essas coisinha, e vai vendendo essas coisinha e assim a gente vai sobrevivendo.¹¹⁷

As experiências de vida são compartilhadas entre os moradores nos sentidos e valores que caracterizam a ideia de comunidade *Então eu penso isso que todo mundo tá aqui porque precisa.*

A segurança do bairro e de seu entorno também são frequentes nas falas dos moradores nas entrevistas, em um sentido de contrapor interpretações que estabelecem o bairro à pobreza e a lugar de violência,

Nilda: Não é gostoso? É muito gostoso aqui. Aquela via, de todo lado cê olha é bonito, cê tá de lá olha pra cá, cê tá de lá olha, passa assim, a te dá a sensação de que já é um bairro normalizado, né? Tudo e o que eu acho bom aqui, porque, é tranquilo, as mulher que trabalha elas vem a noite, passa sozinha, ninguém mexe com ninguém, a não ser que, se tiver fazendo alguma coisa errada aí. Mas pelo direito seu, tá vivendo bem, num mexe com ninguém, num tá fazendo nada, eu acho que num tem como dá errado. (...) Tudo, i, as mulher que vem, mulher que trabalha a noite, muita gente trabalha a noite, vem sozinho aí, ninguém nunca ficou sabendo de nada, e eu já acho que no bairro pra lá [São Jorge], já é perigoso.¹¹⁸

Os moradores, mesmo quando esse não era o assunto, pontuaram que são pessoas de fora que cometem delitos na área,

Denise: Bom, acho que é isso, tem mais alguma coisa que cê queria falar?

Letícia: Não. De roubo, assim essas coisas, por enquanto, ontem parece que assaltaram o barzinho lá em cima, que é ali.

Denise: Á...

¹¹⁷ **Nilda.** Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi. p.10.

¹¹⁸ **Nilda.** Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi. p. 13.

Letícia: Mas, eu tenho pra mim que não é gente daqui, né? (...) Aqui todo mundo assim, olha um o do outro, sabe? Num tem nada fechado, nada trancado, a gente precisa deixar as coisas lá, ninguém mexe.¹¹⁹

O apontar questões sobre segurança, estabelecem uma linguagem do resistir, ou de elaborar um contradiscurso às associações ou interpretações negativas e deslegitimadoras do processo de ocupação. Identificando a ação às questões relacionadas à criminalidade, ao localizar o bairro e a região como local de práticas criminosas associa-se a ação direta também a um tipo de prática criminosa.

Nilda: Que... porque um dia eu vim a noite, é, lá passando ali perto daquele córrego do [inaudível] tinha uns rapaz lá, até batendo num rapaz, falei olha pro cê vê, e a gente procurou por todo lado assim, uma polícia mas cê num vinha nenhuma [inaudível]. Mas é porque, ou ele tava fazendo alguma [coisa] errada, ou é assaltante também. Num sei, porque vai lá, a gente num sabe qual a intenção dele, se tem arma, se num tem, né? Então cê tem que, melhor deixar quieto. Mas é isso, num tenho nada que reclamar daqui, e nem penso vamos dizer assim, “a nós vamos resistir assim de uma outra maneira, não”, eu acho que a nossa resistência aqui é ter fé em Deus, pedi aos governante, as autoridade, que olhe pra nós, com assim, até com piedade mesmo, não porque a gente tá precisando de esmola, não. Todo mundo trabalha, a gente tá precisando de moradia mesmo, de oportunidade como qualquer outro, que o bairro cresça! Que tenha dignidade, que seja um bairro bom, porque é pra ser, tem tudo pra ser um bairro bom, né? Tão perto daqui da UFU, né? [...] Tão bonito que é isso aqui, eu acho que se os político trabalha aqui mesmo, com vontade, isso aqui vai ficar muito bom.¹²⁰

Nilda rompe com a associação entre a ação política e criminalidade: *Mas é isso, num tenho nada que reclamar daqui, e nem penso vamos dizer assim, “a nós vamos resistir assim de uma outra maneira, não”, eu acho que a nossa resistência aqui é ter fé em Deus, pedi aos governante, as autoridade, que olhe pra nós, com assim, até com piedade mesmo, não porque a gente tá precisando de esmola, não.*

Portanto, buscamos nesse capítulo, considerando os processos de ocupação, assentamento e construção do bairro, compreender os sentidos elaborados pelos sujeitos que viveram processos de luta por terras urbanas por moradia em Uberlândia diferentes contextos.

¹¹⁹ **Letícia.** Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi.p.6.

¹²⁰ **Nilda.** Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi.p.13.

Investigamos os modos de viver e se inscrever a partir dos significados que os trabalhadores atribuem às suas experiências, ao projetar em suas reivindicações diferentes linguagens e ações que possam constituir outra lógica e disputa no campo de relações sociais e produtivas estabelecidas.

Ao analisarmos as experiências dos trabalhadores em conjunto, atinamos para os modos pelos quais dinâmicas e ações diretas produzem realidades sociais vividas influenciando as relações de classe. Enquanto sujeitos que se colocam em movimento, os trabalhadores agem, simulam e interpretam as relações sociais nas quais se inscrevem a partir de suas vivências e relações de produção, suas dinâmicas e ações diretas constituem processos de direcionamento das suas reivindicações porque a forma como se concretizam, carrega suas próprias experiências.

CAPÍTULO II

Interpretações e projeções sobre os trabalhadores

Isso aqui! O juízo que fez isso aqui! Ele vai pro inferno, igualzinho muitos foi! Que ele num é um ser humano de osso e carne igual nós! Ele tá na cama dele rodando televisão de boa!

E nós, se tivesse uma moradia.¹²¹

Ao interrogarmos nossas evidências, chamaram nossa atenção alguns dos discursos sobre os trabalhadores que ocupam terras urbanas para construir moradia em Uberlândia.

Tais discursos, amplificados via imprensa local e publicações de movimentos sociais, são comentários e interpretações sobre os trabalhadores que, a partir de ações diretas ocupam áreas ociosas. Notamos interpretações e projeções sobre os trabalhadores tanto de grupos hegemônicos em Uberlândia (jornal Correio, proprietários de áreas ocupadas, poder público, judiciário e entidades de assistência social privadas) quanto de outros grupos que contrapõe essa hegemonia como os movimentos sociais organizados (grupos de militantes organizados em torno do tema da luta pela terra). Ambos apresentam questões políticas mais amplas em seus discursos *sobre* os trabalhadores, muitas vezes, em ações que intencionam organizar, ou direcionar, a ação e compreensão sobre as problemáticas que esses sujeitos vivenciam.

Os trabalhadores apresentam tais problemáticas a partir das suas próprias motivações, expectativas e reivindicações. Quando estas são elaboradas simbolicamente para um saldo político maior, seja com a determinação dos trabalhadores como “base” ou como “pobres”, suas ações políticas são resignificadas e os sujeitos que ocupam terras são localizados fora do papel de agentes desses movimentos de ocupação. Suas ações passam a conter outros sentidos, relacionados à especulação imobiliária, políticas públicas, baixos salários, ausência de educação formal e/ou consciência política.

Esses sentidos, confrontados com as fontes documentais e orais, foram notados em múltiplas dimensões diante de projetos políticos em disputa para a cidade, que buscam explicar as condições de vida dos trabalhadores a partir de questões políticas e

¹²¹ **Acampamento Sem Teto** – Elisson Prieto Uberlândia MG. Canal da AFES MG – Associação Franciscana de Ecologia e Solidariedade. 4p. Duração 00:11:06. 29. abr. de 2013. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=f_GxDdTzaT0>. Acesso em 04 nov. de 2013. Material de pesquisa.p.2-3.

econômicas que afetam a vida desses sujeitos. As contradições decorrentes da compreensão da teoria marxista e seu viés econômico são debatidos por E. P. Thompson¹²² e nos instigam a pensar as relações vivenciadas por estes trabalhadores, segundo o autor,

Por mais sofisticadas que seja a ideia, por mais sutil que tenha sido o seu emprego nas mais várias ocasiões, a analogia “base e superestrutura” é radicalmente inadequada. Não tem conserto. Está dotada de uma inerente tendência ao reducionismo ou ao determinismo econômico vulgar, classificando atividades e atributos humanos ao dispor alguns destes na superestrutura (lei, arte, religião, “moralidade”), outros na base (tecnologia, economia, as ciências aplicadas), e deixando outros a flunar, desgraçadamente, no meio (linguística, disciplina de trabalho). Nesse sentido possui um pendor para aliar-se com o pensamento positivista utilitarista, isto é, com posições centrais não do marxismo, mas da ideologia burguesa. (...) A religião e os imperativos morais permanecem inextricavelmente imbrincados com as necessidades econômicas. Uma das ofensas contra a humanidade implicadas pela sociedade de mercado plenamente desenvolvido, e por sua ideologia, tem sido, exatamente a de definir todas as relações sociais coercitivas como “econômicas” e de substituir elos afetivos pelos mais impessoais (mas não menos compulsórios) elos do dinheiro. (...) Quando Marx contestou a economia política burguesa predominante em seu tempo, assim como sua tese guia sobre a natureza do homem econômico aquisitivo, ele contrapôs a ambas o proletariado, ou o homem econômico explorado, que estava destinado a ser o homem revolucionário (via luta econômica). Porém, embora isso não seja senão uma parte do pensamento de Marx, carregou com um economicismo pesado as subseqüentes teorias e estratégias dos pensadores e partidos marxistas. Estes geralmente se esqueceram da ofensa primeira do capitalismo, a de cotar todas as relações em termos exclusivamente econômicos.¹²³

As potencialidades dos trabalhadores em projetar e organizar outras lógicas para as relações sociais que vivenciam, sejam elas rebeldes ou conformadoras,¹²⁴ são utilizadas a favor de projeções e interpretações *economicistas* que passam a ser o principal argumento para a projeção de possibilidades transformadoras desta própria lógica econômica e não, também, das relações sociais. *Economia*, segundo o autor, engloba uma série de relações que não se estabelecem somente por compreensões *economicistas* a própria noção de economia é formada a partir das relações que são

¹²² THOMPSON, E. P. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos** / E. P. Thompson; organizadores: Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.p. 227-268.

¹²³ THOMPSON, E. P. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos** / E. P. Thompson; organizadores: Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001. p. 256-258.

¹²⁴ Ver nota 39.

estabelecidas entre os seres humanos a partir de suas necessidades materiais, culturais e morais. Ser localizado em determinado tipo de relação em um modo de produção não determina necessariamente as formas de conflito, ou os meios de se tornar consciente de tais relações,

Nas sociedades modernas, as relações de produção encontram expressão na formação e luta (ocasional, no equilíbrio) das classes. Entretanto, classe não é, como gostariam alguns sociólogos, uma categoria estática: tais e tais pessoas situadas nesta e naquela relação com os meios de produção, mensuráveis em termos positivistas e quantitativos. Classe, na tradição marxista, é (ou deve ser) uma categoria histórica descritiva de pessoas numa relação no decurso do tempo e das maneiras pelas quais se tornam conscientes de suas relações, como se separam, unem, entram em conflito, formam instituições e transmitem valores de modo classista. Nesse sentido, classe é uma formação tão “econômica” quanto “cultural”, é impossível favorecer um aspecto em detrimento do outro, atribuindo-se uma prioridade teórica.¹²⁵

A manutenção de conquistas, ou da própria luta, pode ser compreendida como uma forma de reelaboração das expectativas diante de conflitos simbólicos e intervenções de grupos hegemônicos, sendo que estas podem elaborar ou reelaborar as dimensões das relações sociais vigentes. Os processos de ocupação de terras urbanas para construção de moradia em Uberlândia incomodam e tumultuam a projeção de interesses públicos e privados, desenvolvidos para a cidade em diferentes contextos políticos (ainda que estes sejam presididos pelos mesmos atores), mas isso não significa que seja essa a intenção *a priori* da ação direta dos trabalhadores, e nem por isso ela se apresenta desprovida de consciência ou de ação políticas. É isso que vamos abordar a seguir.

Iniciamos nossa investigação com alguns textos e vídeos que foram produzidos pelo movimento estudantil, pela APR e pelo movimento sem-teto, e divulgados na internet. Os transcrevemos a fim de utilizá-los como narrativas, pois apresentam um rico registro sobre estes movimentos, os trabalhadores, situações de despejo, ocupação, negociação com a Polícia Militar e das reivindicações desses diferentes grupos. É importante ressaltar que nossas interpretações desses materiais relevaram os contextos em que foram produzidos e até mesmo seus objetivos, entretanto, buscamos nos ater às relações estabelecidas *pelos* e com *os* trabalhadores.

¹²⁵ THOMPSON, E. P. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos** / E. P. Thompson; organizadores: Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001. p. 260.

A partir das fontes, buscamos compreender como os trabalhadores que moram e estabelecem bairros originados de ocupações resistem ou lidam com esses significados em seu dia a dia na defesa de seus interesses. Questionamos os modos como direcionam ou não suas expectativas em correlação com essas diferentes interpretações e projeções ao elaborarem múltiplas formas de resistência.

Vamos começar analisando os materiais de diferentes movimentos sociais e da mídia que pesquisamos confrontando-os e ao que os trabalhadores dizem.

O trecho citado a seguir, refere-se a uma nota emitida pela APR, CPT e AFES que acompanhavam o processo de desocupação, e que foi amplamente divulgada pelo CAHIS UFU, e trata sobre a desocupação da área urbano-rural próxima ao CEASA de Uberlândia em agosto de 2011,¹²⁶

O clima é de tensão e impasse no despejo das 3 mil famílias acampadas na fazenda Tenda em Uberlândia. (...) Os advogados das famílias entraram com um recurso alegando que a ação que está sendo cumprida é de reintegração de posse e não uma ação demarcatória de propriedade. Portanto, esse serviço ilegal de demarcação de glebas para efetivação de liminar de despejo atinge as famílias acampadas, e é prova clara do que temos denunciado: a superposição de matrículas sobre o mesmo imóvel e as fraudes cartorárias.¹²⁷

O Centro Acadêmico do curso de História¹²⁸ acompanhou como apoiador a reintegração de posse e divulgou esta (Anexo III) e outras notas e moções de apoio. À época, o debate sobre a concentração de terras¹²⁹ em Uberlândia somada às intensas ocupações e reintegrações, atingia níveis polêmicos, devido à exposição sobre a situação

¹²⁶ Essa ocupação, como vimos foi a que desdobrou-se na ocupação da área do Triângulo do Glória. Ver Figura 1 “Triângulo do Glória”.

¹²⁷ Centro Acadêmico de História da Universidade Federal de Uberlândia CAHIS - UFU. Gestão Primavera nos Dentes 2011-2012. **Impasse em despejo de famílias em Uberlândia**. 3 ago. de 2011. Disponível em: <<http://cahis-ufu.blogspot.com.br/2011/08/impasse-em-despejo-de-familias-em.html>>. Acesso em 10 dez. de 2012.

¹²⁸ É importante salientar que grupos políticos de diferentes lugares, na colisão de seus programas, estabelecem a prática da atuação conjunta em suas diferentes pautas. Abordaremos essas relações de modo mais aprofundado no Capítulo III.

¹²⁹ Para consultar a distribuição de terras em Uberlândia ver: FREITAS, Cláudia Maria de. **Regularização da ocupação urbana em Uberlândia**: loteamento São Francisco/ Joana D’Arc – uma contribuição. – 2005. Disponível em: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia. Dissertação Instituto de Geografia. <<http://hdl.handle.net/123456789/1112>>. Acesso em: 04 nov. de 2013. p.80-81.

produzida pelos cartórios¹³⁰ com as matrículas das propriedades, como uma moção de apoio, também divulgada pelo CAHIS UFU explica,

(...) Três mil famílias acampadas em Uberlândia estão sendo despejadas pela Polícia Militar de Minas Gerais (PMMG), em cumprimento a uma liminar judicial, determinada pelo Juízo da 4ª Vara de Uberlândia. Tensão e dor são vividas pelas famílias. A população desconhece a verdade sobre a terra, da área ocupada por essas famílias.

A região, que inclui parte do Parque do Sabiá, parte do bairro Santa Mônica, dos chamados bairros irregulares (Dom Almir, Prosperidade, Joana D'arc, São Francisco, Celebridade, Zaire Resende) e áreas não ocupadas, no entorno, foram um dia de João Costa Azevedo; (vide matrícula 5.273 e outras - Cartório do 1º Ofício).

Com a morte de João Costa Azevedo, aparece uma doação feita por esse a João Costa Silva (vide matrícula 26.016 – Cartório do 1º Ofício). Em seguida, morre João Costa Silva e aparece uma escritura pública de compra e venda de João Costa Silva para Lindolfo Gouveia (vide transcrição 48.050 e 51.075 - Cartório do 1º Ofício).

Aproveitando a confusão, surge um novo documento: uma permuta entre João Costa Azevedo, Virgílio Galassi, Tubal Vilela, Rui de Castro, Irany Anecy de Souza, os Irmãos Torrano e outros. Esta permuta, repleta de irregularidades, gerou matrículas de imóveis sobre as terras que foram um dia de João Costa Azevedo (matrícula 23.894 - Cartório do 1º Ofício). Estas matrículas provocaram diversas sobreposições de áreas, como por exemplo, a matrícula. (51.075 e a matrícula 13.121 - Cartório do 1º Ofício).

Quase todas as terras de João Costa Azevedo viraram loteamentos (irregulares e regulares).

O espólio Irany Anecy de Souza, um dos supostos donos da área, nunca tomou posse efetiva da mesma, porque rompeu com a imobiliária Tubal Vilela, tanto é que desfez a permuta irregular.

Irany vendeu centenas de pedaços dessa área para terceiros, e esses possuem matrículas dos mesmos, num loteamento chamado “Vila Jardim”, que nunca foi aprovado pela Prefeitura de Uberlândia, mas mesmo assim alguns desses pagam IPTU.

O abandono da área levou 3 mil famílias de sem terra a ocupar o local.

A decisão do despejo se baseia em documentos com indícios concretos de fraudes cartorárias. Agrava-se o fato de que na escritura juntada aos autos de n. 0320430-08.2011, uma simples conta matemática comprova a ilegitimidade do Espólio de Irany Anecy de Sousa, que vendeu quantidade de terras superior ao próprio título da área que alega ser proprietário.

Por sua vez, o Juízo da 3ª Vara Cível da Comarca de Uberlândia, em pedido de Ação de Reintegração de Posse, ajuizada por outro suposto dono de parte dessa área, declinou competência e determinou a remessa dos autos à Vara Especializada de Conflitos Agrários da Comarca de Belo Horizonte(...).¹³¹

¹³⁰ Para compreender “*A importância dos cartórios na regularização fundiária no Brasil*” consultar: FREITAS, p.28-33.

¹³¹ Centro Acadêmico de História da Universidade Federal de Uberlândia CAHIS – UFU. **Moção de Apoio às 3000 famílias da ocupação urbano-rural em Uberlândia**. 3 ago. de 2011. Disponível em:

A situação de disputa em relação às matrículas de imóveis em toda a malha urbana de Uberlândia tem sido estudada pelos movimentos sociais organizados¹³² como uma das formas de organizar estratégias e localizar os lugares para as ocupações.¹³³ Entretanto, localizar os motivos para a ocupação a partir da *ilegitimidade do Espólio de Irany Anecy de Sousa, que vendeu quantidade de terras superior ao próprio título da área que alega ser proprietário* direciona a ação política dos trabalhadores que é transformadora de sua própria condição a uma ação de enfrentamento aos proprietários e aos cartórios. É evidente que existe o interesse dos sujeitos em conquistar o lote para si, simultaneamente há também a intenção do enfrentamento a essas figuras consideradas pelos movimentos sociais organizados como “donas” da cidade, porém, a iniciativa dos trabalhadores não legitima essa segunda intenção de modo imediato, e sim posteriormente como discurso de participação no movimento.

Uma ocupante (não identificada) da área próxima ao CEASA foi entrevistada pelo Coletivo DialogAção¹³⁴ em um vídeo publicado como ação de denúncia pelo movimento religioso AFES em seu Canal do *YouTube*,¹³⁵

Eles num tão respeitando ninguém, desde o primeiro dia do despejo, ninguém tá respeitando ninguém. É derrubando barraco, com trem dentro, se eu num fico ali na minha casinha, assim, perto do dia ali que começou o despejo, eles tinha derrubado minha casinha, entendeu? E outra coisa, a gente aqui não somo cachorro não é porque a gente é pobre que eles precisa fazer isso com a gente! A gente é um ser humano num é? Aí, como se diz? Só eles que tem poder?! Por quê? Porque veste aquela farda?! A gente tem poder também porque nós todos somos

<<http://cahis-ufu.blogspot.com.br/2011/08/mocao-de-apoio-as-3000-familias-que.html>> Acesso em: 20 fev. de 2014.

¹³² Um estudo básico e esclarecedor quanto a confusão de registros e matrículas é o de OLIVEIRA, Igino Marcos da Mata de. **Uberlândia de “costas” para a justiça**. Uberlândia: 10 abr. de 2011. [S.I.]

¹³³ Abordaremos de forma mais detida essa questão no Capítulo III.

¹³⁴ “Nós, do coletivo DialogAção, somos um grupo de estudantes que acredita que o movimento estudantil é uma importante ferramenta para que, coletivamente, possamos nos organizar para refletir e intervir no papel e na atual realidade da educação e universidade.”. **Coletivo DialogAção**. Quem Somos? Disponível em: <<http://coletivodialogacao.blogspot.com.br/search/label/APresentação>> . Acesso em: 22 fev. de 2014.

¹³⁵ “YouTube é um site que permite que seus usuários carreguem e compartilhem vídeos em formato digital. Foi fundado em fevereiro de 2005 por três pioneiros do PayPal, um famoso site da internet ligado a gerenciamento de transferência de fundos. (...)A revista norte-americana Time (edição de 13 de novembro de 2006) elegeu o YouTube a melhor invenção do ano por, entre outros motivos, “criar uma nova forma para milhões de pessoas se entreterem, se educarem e se chocarem de uma maneira como nunca foi vista”. **Wikipédia**. You Tube. Disponível em:< <http://pt.wikipedia.org/wiki/YouTube>>. Acesso em: 22 fev. de 2014.

filhos de Deus, num é verdade?! Nós num somo cachorro, nós num somo ladrão, talvez se fosse um ladrão, se fosse um estuprador, vagabundo, maconheiro, que tivesse aqui dentro, eles apoiava! Como nós num somo! Eles que[rem] até destruí a vida da gente! Entendeu? Mas como se diz, o que eu falo é isso.¹³⁶

A ocupante diz sobre as práticas da PM para com os ocupantes e dos sentimentos que experimentou ao ser coagida para desocupar, ainda que ela tenha resistido na defesa de sua *casinha*. Pondera ainda as relações estabelecidas na discussão sobre a ação de ocupar e seu direito em receber tratamento digno *a gente aqui não é cachorro não é porque a gente é pobre que eles precisa fazer isso com a gente!* Estabelecendo formas de resistência ao localizar os valores sobre como entende a ocupação de terras urbanas por moradia em um território diferente daquele da atuação de grupos de *maconheiros, ladrão, estuprador, vagabundo, coisa que nós num somo!* Que é em sua interpretação o campo legítimo de atuação da PM.

Ainda nessa ação de desocupação transcrevemos o vídeo “Injustiça contra a ocupação em Uberlândia (MG)” que foi produzido pelo Coletivo DialogAção. Nos atentamos para a fala de uma ocupante que estava, num primeiro momento, no círculo de negociação com o representante da CPT, a PM, algumas lideranças do movimento sem-teto e estudantis e outros ocupantes, e quando ela percebe a câmera acompanhando o processo de negociação dirige-se direta e deliberadamente para seu rumo, que é também o do coletivo do ME presente, e argumenta,

Cadê a Prefeitura daqui?! Ele num faz nada pra nós! Eu só quero um pedacinho de terra será que eles num entende isso não?! E essas casa vazia por que que eles num põe o povo?! Eu tô com a inscrição aqui ó! Eu te mostro! A inscrição aqui ó! E esse prefeitura, esse prefeito num faz nada! Óia aqui ó! De dois mil e nove! Até hoje eu num tenho uma vaga eu num tenho nada! Que, que eles faz pra nós?! O prefeito, a prefeitura só da casa pra quem num precisa, pra quem num tem filho, pra quem num tem marido, pra quem num tem esposa! É só gente à toa que eles dá casa! É só pra quem tem casa! Eu quero um lar pra mim! Eu quero uma casa! Por que, que a Prefeitura num pode dá?! Eu num dô conta de paga um aluguel caro não! Porque eu tô doente! Será que isso eles num vê não?! Cada vez que a gente vai na Prefeitura eles inventa uma mentira! A minha cunhada! Ela é viúva! Os fio dela é mais fei do que os meus, saiu casa pra ela agora, porque pra mim num pode?! O dinheiro dela é melhor do que o meu?! Cadê esse prefeito daqui?! Cadê a justiça?! Por que que a justiça num faz nada?! Porque que eles só vem em cima dos pobre?! É só humilhação que a gente ganha aqui, ma na

¹³⁶ **Acampamento Sem Teto** – Elisson Prieto Uberlândia MG. Canal da AFES MG – Associação Franciscana de Ecologia e Solidariedade.4p. Duração 00:11:06. 29. abr. de 2013. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=f_GxDdTzaT0>. Acesso em 04 nov. de 2013. Material de pesquisa.p.2

hora de pega um voto, dois, eles vêm tudo na porta da gente e num faz nada! A hora que a gente precisa deles eles cai fora! Eu quero vê o dia que eles vim precisa dum voto!¹³⁷

Configurava-se um momento de violência aos sujeitos durante a reintegração da área, muitos barracos foram demolidos, as pessoas foram forçadas a sair para outro lugar e haviam vários fatores envolvidos como a PM, advogados, coisas a ser negociadas, salvar os pertences, a presença de câmeras, etc.

Nesse contexto, procuramos notar como os argumentos que levam à ação direta e coletiva estão articulados em uma linguagem comum, que mobiliza e direciona argumentos carregados de sentidos definidores de certa legitimidade da ocupação frente ao poder público, ao movimento social e a PM. Tais sentidos de legitimidade, justiça, direito e dignidade, são compartilhados entre os ocupantes ao falaram de sua resistência à reintegração. Charles Tilly em seu artigo “*Acción Colectiva*”, ao debater as transformações e permanências nas práticas de manifestação européias, elenca quatro aspectos da ação coletiva,

(...) *Primero*, siempre ocurre como parte de la interacción entre personas y grupo antes que como una performance individual. *Segundo*, opera dentro de los límites impuestos por las instituciones y prácticas existentes y los entendimientos compartidos. *Tercero*, los participantes aprenden, innovan y construyen historias en el propio curso de la acción colectiva. *Cuarto*, precisamente porque las interacciones históricamente situadas crean acuerdos, memorias, historias, antecedentes, prácticas y relaciones sociales, cada forma de acción colectiva posee una historia que dirige y transforma usos subsecuentes de esa forma. (...) ¹³⁸

Eu quero vê o dia que eles vim precisa dum voto! Os políticos, que projetam para a situação seus interesses e, investidos pela autoridade de sua atuação “para os pobres”, regulam a gama de possibilidades para as intervenções dos trabalhadores na mesma medida em que são alertados de seus deveres “com os pobres” com a menção do voto. A ocupante opera em sua fala, citada anteriormente, as formas como a ação direta atua *dentro de los limites impuestos por las instituciones y prácticas existentes y los entendimientos compartidos*, ao mesmo tempo em que institui relações de troca nos limites de sua própria atuação frente às pressões vividas no contexto da desocupação.

¹³⁷ Injustiça contra a ocupação em Uberlândia (MG). 2p. Duração: 00:07:22. 4 ago. de 2011. Disponível em: <<http://coletivodialogacao.blogspot.com.br/search/label/V%C3%ADdeos>> Acesso em 23 ago. 2012. Material de pesquisa.p.1.

¹³⁸ TILLY, Charles. Acción colectiva, en Apuntes de investigación. CECyP. Año IV, Nº 6, noviembre; Buenos Aires; 2000. p. 13-14.

Não necessariamente os trabalhadores aceitam esses *limites*, um exemplo disso é a própria ocupação e sua resistência (permanência). Os sujeitos utilizam das possibilidades disponíveis nesse território de tensões ao reivindicar seus direitos, desvelando suas noções sobre justiça, dignidade, cidadania, economia e sobre as relações de produção que vivenciam - *cadê a justiça?! Nesse sentido, motivos como até hoje eu num tenho uma vaga eu num tenho nada! ou só da casa pra quem num precisa, pra quem num tem filho, pra quem num tem marido, pra quem num tem esposa!* Mobilizam os sentidos de como são vividos e entendidos os critérios, controlados pela administração pública municipal, para a distribuição das casas que deveria ser não por listas, mas por valores e necessidades imediatos, *eu num dô conta de paga um aluguel caro não! Porque eu tô doente! Será que eles num vê isso não?* Coloca as relações desiguais de sua condição social experimentadas no cotidiano.

E essas casa vazia por que que eles num põe o povo?! Eu tô com a inscrição aqui ó! Eu te mostro! A inscrição aqui ó!(...) De dois mil e nove! Expõe o confronto entre os interesses de determinados grupos, dizendo que há responsáveis para que as condições e relações sejam estabelecidas de tal maneira. A partir dos critérios, e sua publicidade, na escolha das pessoas que serão contempladas pelas listas dos programas habitacionais em Uberlândia, destaca o discurso sobre o seu direito de ocupar a área já que a Prefeitura não respeita as suas necessidades que são imediatas. A ocupante chama a atenção e alerta que há um argumento para estar ali e que este corresponde a determinados acordos que foram descumpridos.

Quanto à inscrição em programas habitacionais,¹³⁹ Wellington, coordenador do MSTB que assumiu a organização da ocupação da região do Glória, aponta que um dos

¹³⁹ São Programas da Prefeitura Municipal de Uberlândia o “Entre, a Casa é Minha” que tem por objetivo *dar continuidade ao processo de legalização de áreas irregulares em Uberlândia. A Prefeitura já regularizou os bairros Assentamento da Paz, Uberlândia Viva e Zaire Rezende, que já possuem ruas com sistema de esgoto, água e luz elétrica. Prefeitura Municipal de Uberlândia.* Disponível em: <<http://www.uberlandia.mg.gov.br/?pagina=agenciaNoticias&id=86>>. Acesso em: 20 fev. de 2014. E o Programa “Tchau Aluguel” que é um *Programa Habitacional para famílias de baixa renda de até três salários mínimos, subsidiado pela PMU através do Fundo Municipal de Habitação.* Prefeitura Municipal de Uberlândia. Secretaria Municipal de Planejamento Urbano e Meio Ambiente. *Banco de Dados Integrados*, 2007. p. 120. O Programa mais recente é o Minha Casa Minha Vida que *tem como finalidade criar mecanismos de incentivo à produção e compra de novas unidades habitacionais pelas famílias com renda mensal de até 10 salários mínimos, que residam em qualquer município brasileiro. Para que o Programa Minha Casa Minha Vida construa moradias adequadas e bem localizadas é essencial a participação ativa dos municípios mobilizando instrumentos em seus Planos Diretores que favoreçam a disponibilidade de bons terrenos para o programa, especialmente para famílias com renda de 0 a 6 salários mínimos. Este Programa tem como meta construir um milhão de habitações. Como produzir moradia bem localizada com recursos do programa minha casa minha vida?: implementando os instrumentos do Estatuto da Cidade / Organização de Raquel Rolnik, textos de Raphael Bischof, Danielle Klintowitz e Joyce Reis. Brasília : Ministério das Cidades, 2010.p.21.*

motivos para as ocupações é o tempo de espera em longas filas e os critérios, indefinidos e não regulamentados de forma pública e democrática¹⁴⁰ mas políticos, que favorecem os proprietários,

(...) argumento maior do Promotor é que essas famílias aqui não tão cadastradas no, num foram cadastradas em nenhum programa da prefeitura, e pra surpresa deles 99% dessas pessoas já foi inscrito na Prefeitura, tem gente que tem onze anos de inscrição! E aguardando na fila de espera, então os critério usado até hoje, para a distribuição de moradia foi critério político e não seguindo a fila realmente, a ordem de inscrição. Então, são família que tão inscrita, são família que tem necessidade, e são família que são merecedora por isso tão lutando e merece muito mais ainda pela coragem de luta e enfrenta a chuva, as tempestade que agora começaro e tão enfrentando bravamente (...)¹⁴¹

As famílias são merecedora e por isso tão lutando. Marlene Santos, presidente da Associação dos Moradores do bairro São Francisco de Assis, apresenta sua avaliação da situação pós-assentamento no vídeo documentário “Os valores culturais e o acesso à moradia: São Francisco de Assis e Joana D’Arc 3 anos. Um sonho de um povo. Uma história de luta”,¹⁴²

“ (...) Entrevistador: E você acredita que hoje a população aqui resolveu realmente ficar aqui e enfrentar os dissabores, as da falta de dinheiro? Hoje ela tá muito melhor do que quando morava de aluguel? Com certeza, tão satisfeito, porque o dinheiro do aluguel agora já estão construindo suas casas, né? Muitos já estão empregados então nós temos ainda um terço que ainda continua é (...) esse povo tá de parabéns porque conseguiu seu espaço com muita luta, com muito sofrimento, com muitas caminhadas e reivindicações e chegaram ao patamar que

¹⁴⁰ *A Secretaria Municipal de Habitação planeja divulgar em um prazo de até 60 dias a lista de espera atualizada dos inscritos no Programa Minha Casa, Minha Vida em Uberlândia. A listagem, Segundo o secretario de habitação, Delfino Rodrigues, vai conter a ordem estabelecida pelos critérios da Caixa, bando que opera o programa do Governo Federal. Segundo o secretário, essa classificação não vinha sendo seguida pela pasta de Habitação na gestão anterior. “Na ausência de critérios objetivos, os critérios subjetivos acabam se destacando”, afirmou em entrevista para série de sabatinas do CORREIO de Uberlândia com o primeiro escalão do governo Gilmar Machado. FERNANDES, Arthur. Secretaria Municipal de Habitação vai divulgar lista de espera por casas. **Correio de Uberlândia**. 28 jan. de 2013. Disponível em: <<http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao-secretaria-municipal-de-habitacao-vai-divulgar-lista-de-espera-por-casas>>. Acesso em: 28 jan. de 2013.*

¹⁴¹ **Evento no assentamento Glória em homenagem a Élisson Prieto**. 4 nov. de 2012. Duração: 00:45:20 Arq. 12110401. 11p. Material de Pesquisa.p.4.

¹⁴² Esse e outros vídeos foram divulgados no *YouTube* no **Canal da ABIU** – Associação de Bairros Irregulares de Uberlândia, o endereço do Canal é < <http://www.youtube.com/channel/UCET6-QIP2oGzksi7XeTvh6A>> . Acesso em: 20 fev. de 2014.

hoje tão, hoje eles levantam a mão diz assim “graças a deus eu tenho meu lote eu tô construindo, tô empregado”, né? (...).¹⁴³

A presidente da associação que ocupou o bairro Joana D’Arc/ São Francisco elege elementos semelhantes aos de Wellington, que ocupou a área do Glória, para o reconhecimento da resistência, ela ressalta o sentido do merecimento *desse povo que tá de parabéns porque conseguiu seu espaço com muita luta, com muito sofrimento, com muitas caminhadas e reivindicações e chegaram ao patamar que hoje tão, hoje eles levantam a mão e diz assim “graças a deus eu tenho meu lote eu tô construindo, tô empregado, né?”*.

As condições precárias experimentadas pelos trabalhadores são direcionadas como sentidos sobre o direito e o merecimento de permanecer na ocupação. A condescendência se sobrepõe à ação direta dos sujeitos, que resistiram não necessariamente por não ter opção, mas por terem mobilizado os seus valores e decidido agir. É interessante notar que a fala de Wellington se deu em um evento no bairro com autoridades políticas e quadros de partidos com o objetivo de estabelecer um marco na mudança de nome do assentamento de “Paulo Freire” para “Elisson Prieto” e que, a fala de Elaine ocorre em um momento de entrevista para um documentário a fim de estabelecer a memória dos processos de ocupação que originaram o bairro Joana D’Arc/ São Francisco *um sonho de um povo, uma história de luta*. Notamos então os modos de interpretar os viveres dos trabalhadores enquanto um “processo de luta” em um discurso que apresenta as múltiplas dimensões que motivam a ação correlacionando *os valores culturais ao acesso à moradia*.

Os trabalhadores apontam que estão agindo porque estão cientes de que existe a possibilidade da conquista da moradia, de com a pressão mediante o poder público municipal alterar, ainda que momentaneamente, os processos de distribuição das casas, os modos de se inscreverem socialmente e de direcionarem seus valores e escolhas para a criação de resultados específicos. Seus *valores culturais* são então incorporados por discursos que visam explicar a intervenção dos movimentos sociais organizados que identificam nas motivações e nas reivindicações dos trabalhadores um território para

¹⁴³ Marlene Santos – Presidente da Associação dos Moradores do bairro São Francisco de Assis **Os valores culturais e o acesso à moradia:** São Francisco de Assis e Joana D’Arc. Canal da ABIU – Associação de Bairros Irregulares de Uberlândia. 9p. Duração: 00:23:49. 22 set. de 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=pG0aYE1pAFc>>. Acesso em 14 out. de 2013. Material de pesquisa.p.7.

práticas de sensibilização, indignação e de diálogo que pautam seus projetos de organização social, localizados na “base”.

A narração do vídeo documentário sobre os bairros Joana D’Arc / São Francisco marca fortemente os modos pelos quais as relações são compreendidas e instituídas pelo movimento social organizado,

No dia 29 de dezembro de 2000 um grupo de famílias que vivia de aluguel em diversos bairros de Uberlândia, decidiu ocupar uma área localizada entre os bairros Jardim Prosperidade e Morumbi, no entanto, foi rechaçado por forças militares à desocupar o local por ordem do Governo Municipal. As famílias, de volta às suas casas de aluguel, esperaram a mudança de governo, no dia primeiro de janeiro de 2001, e no dia seguinte sessenta famílias iniciaram a ocupação de uma área no setor leste da cidade, um pedaço de chão improdutivo que era uma mistura de depósito de lixo, pasto a esmo e servia como especulação imobiliária para o futuro. As primeiras famílias a ocuparem o assentamento afirmavam “enquanto não temos moradia, este imóvel está vazio e abandonado, um verdadeiro depósito de lixo, é uma ameaça permanente à saúde pública”.¹⁴⁴

O depósito de lixo, o pasto a esmo, o chão improdutivo, a ameaça permanente à saúde pública, o abandono e a especulação imobiliária. Estes são argumentos que são organizados em torno de uma perspectiva que é interessante para a gestão pública enquanto administradora de um território de relações econômicas e de desenvolvimento para a organização do *progresso* em Uberlândia, ainda que tal organização (que é também uma expectativa de organização da realidade) ocorra pela instituição de relações sociais e econômicas desiguais.

Nessa perspectiva, a ação direta dos trabalhadores está correlacionada pelos movimentos sociais organizados aos sentidos de desenvolvimento social e econômico. O narrador do vídeo mostra o assentamento por um ângulo que seria “vantajoso” ou conciliatório politicamente para a Prefeitura que, por sua vez, resolveria o conflito sem atacar diretamente os trabalhadores.

Vejamos o trecho a seguir, que trata de questões e argumentos semelhantes no processo de ocupação do bairro Elisson Prieto expressos pelo coordenador do MSTB,

¹⁴⁴ **Os valores culturais e o acesso à moradia:** São Francisco de Assis e Joana D’Arc. Canal da ABIU – Associação de Bairros Irregulares de Uberlândia. 9p. Duração: 00:23:49. 22 set. de 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=pG0aYE1pAFc>>. Acesso em 14 out. de 2013. Material de pesquisa.p.2.

(...) temo todo o entendimento de que a área servia pra desovar cadáver né. Ali era ... nós mesmo achamos revólver lá dentro, achamo ossada e num sei o quê. Agora vai saber se é de gente... agora existia um processo ali dentro que era de acerto do crime, e era realmente a galera acertava essa situação escondida lá dentro, e claro, assim tá claro pra todo mundo, temo clareza que é um processo imobiliário aquilo ali.¹⁴⁵

As *ossadas*, que não se sabe do quem eram um espaço de atuação *de acerto do crime*. Notamos questões que identificam e elaboram os valores que legitimam o direito de se estar na área, os benefícios para a região e para a cidade, além de permanecer na área, o *crime* prejudicial à sociedade e a eliminação de um ponto de especulação imobiliária. Essas narrativas apontam para a instituição de um discurso que mostra que os movimentos sociais organizados podem assumir funções determinadas ao poder público.

Nilda, moradora do bairro Elisson Prieto, elenca outras questões para defender porque o bairro deve ser regularizado e porque sua regularização seria benéfica à cidade e ao entorno da área em geral,

Nilda: É pensa em faze aquilo mas, não só aqui, como em todos os bairro, em todas cidade, antes eles promete, depois... aí vamo espera a boa vontade. Mas eu acho que aqui, eu espero que eles arrumem, porque isso aqui na hora que arruma, é, vai ter renda também, da Prefeitura, como um bairro qualquer, normal, vai ter imposto, vai ter tudo, vai ter a luz, vai ter de tudo. Todo mundo vai participar, pode ser com menos renda ou com mais renda, mas todo mundo vai participar, e é isso que nós temos né?¹⁴⁶

Nilda fala sobre as possibilidades de trabalho, de renda, da constituição de um bairro normal que implica na perspectiva de reconhecimento desses trabalhadores enquanto sujeitos que reivindicam instituir outras relações sociais em benefício de *sua própria comunidade*. Entretanto, ao mesmo tempo, Nilda é consciente dos *limites* a que estão sujeitos, a *boa vontade* do poder público municipal e dos movimentos sociais organizados.

A narrativa desenvolvida no documentário “Os valores culturais e o acesso à moradia: São Francisco de Assis e Joana D’Arc 3 anos. Um sonho de um povo. Uma história de luta”, assim como as elaboradas por materiais de outras entidades, de certa

¹⁴⁵ Wellington. **Reunião MSTB e entidades estudantis da UFU**. 10 out. de 2012. Centro de Convivência do Campus Santa Mônica, Universidade Federal de Uberlândia (MG). Duração: 00:55:55. Arq. 121003003. Material de Pesquisa.p.7.

¹⁴⁶ **Nilda**. Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi.p.15.

forma, se apropriam dessas trajetórias dos trabalhadores e conferem um caráter às falas dos trabalhadores atrelado aos movimentos, associando-as, de modo geral, em três esferas; a do movimento de ocupação, a das necessidades materiais dos indivíduos e ao contexto político municipal de mudança para um governo popular¹⁴⁷ no ano de 2001,

O pensamento na época, antes que o Governo Municipal assentasse mil e quinhentas famílias nesta área, que hoje se transformou na bandeira de luta dos sem-teto da região, era de desolação e sofrimento “não aguentamos esperar! Somos trabalhadores sem teto desta magnífica cidade. Somos empurrados para as favelas, cortiços, pensões e para o relento das ruas”, diziam os seus trabalhadores e seus familiares.¹⁴⁸

Sobre a ocupação do Glória, que também foi uma ocupação transformada em símbolo dos movimentos “sem-teto”, ou de “luta pela reforma urbana” em Uberlândia, em um contexto político parecido,¹⁴⁹ Wellington, enquanto coordenador do movimento, expressa relações instituídas por uma lógica muito parecida,

¹⁴⁷No ano 2000, foi eleito com 59,21%. Zaire Rezende é matematicamente eleito prefeito de Uberlândia (MG). **Folha Online.** (Informação disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u10248.shtml>>. Acesso em: 17 nov. de 2013) para o cargo de Prefeito em Uberlândia Zaire Rezende(PMDB), considerado um político popular, já havia sido eleito para mandato entre os anos de 1983-1984, a bibliografia sobre Uberlândia referenciada na última seção contempla informações mais completas sobre sua gestão. Vale ressaltarmos, para elucidar o contexto político geral, que no ano de 2002 “Após três tentativas, Lula foi eleito presidente da República para o período de 2003 a 2006 e reeleito para o segundo mandato, de 2007 a 2010. Durante os seus oito anos de governo, foram gerados 15 milhões de empregos. Entre 2003 e 2009, 27,9 milhões de pessoas saíram da pobreza, enquanto 35,7 milhões ascenderam à classe média. Lula terminou o segundo mandato com 87% de aprovação, tornando-se um dos mais populares presidentes da história do Brasil e um dos políticos mais respeitados do mundo.” **Instituto Lula.** Disponível em: <<http://www.institutolula.org/biografia/#.UnbQ7pGge7Y>> Acesso em: 02/11/2013; GUERRA, B. Grupos de sem-teto e sem-terra vêm esperança em Lula. **Correio de Uberlândia.** Cidade, B1, 03 jan. de 2003. Ano 64, n°19.257. Disponível em: ArPU Correio 01/2003.

¹⁴⁸ **Os valores culturais e o acesso à moradia:** São Francisco de Assis e Joana D’Arc. Canal da ABIU – Associação de Bairros Irregulares de Uberlândia. 9p. Duração: 00:23:49. 22 set. de 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=pG0aYE1pAFc>>. Acesso em 14 out. de 2013. Material de pesquisa.p.2.

¹⁴⁹ (...) *O deputado federal Gilmar Machado (PT) foi eleito prefeito no primeiro turno, ontem com 236.418 votos (68,72% dos votos válidos) (...) “Ser o primeiro prefeito do PT nessa cidade aumenta muito a minha responsabilidade. Como o Lula fez pelo Brasil e a presidente Dilma (Rousseff) continua fazendo, eu espero poder fazer aqui em Uberlândia uma grande administração. Sendo o primeiro prefeito negro e evangélico, isso também aumenta muito a minha responsabilidade. Mas quero ser o prefeito de toda Uberlândia”.* FERNANDES, Arthur. Gilmar Machado é eleito o novo prefeito de Uberlândia. **Correio de Uberlândia.** Cidade e Região. 7 out. de 2014. Disponível em: <<http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/gilmar-machado-e-eleito-o-novo-prefeito-de-uberlandia/>> . Acesso em: 18 jul. de 2014. **Coligação gente unida por Uberlândia (PRB/PDT/PT/PMDB/PSL/PPS/PSDC/PRTB/PSB/PV/PC do B).** **Uol Eleições 2012.** Candidatos. Disponível em: <<http://eleicoes.uol.com.br/2012/candidatos/2012/prefeito/mg/06111961-gilmar-machado.htm>> . Acesso em: 18 jul. de 2014.

Wellington: “É, tem uma, tem uma pessoa que é, que quer muito conhecer vocês e tal e pediu pra vocês ir lá”, porque o Alfredo naquela época queria fazer reintegração de posse e ele [Elisson Prieto] chegou no Alfredo e falou “Alfredo num faz a reintegração de posse lá não, deixa aquelas criança um dia estudar naquela faculdade que vai construir do lado. E ele tem vontade também de mostra procês o projeto da... de arquitetura da UFU e tal, a UFU tenta implementar ali, que era Masterplan” , aí nós fomos num encontro com o Elisson, aí o Elisson pegou tava bem doentinho já, foi na casa dele, contou pra nós como é que foi a história, e aí veio até um acordo, na hora, de imediato, antes de reunir com o Alfredo nós já tinha feito um acordo com ele, de deixar uma faixa de sessenta metro pra UFU construir um prédio estudantil ali, uma área de lazer, nós acordo isso também na comissão e fomos pra uma reunião com o Alfredo, e aí até então ele não tinha pedido a reintegração de posse, aí conseguiu, levamos o negócio meio que empurrando com a barriga, né? Nem entrava com a reintegração de posse, a gente tentava o contato em Brasília, contato com a Casa Civil, Ministério das Cidades, uma série de pessoas, eh... eh... no meio político, em Brasília que tinha, que tinha condições também de fazer intervenção lá dentro.

Flávia: Que, quem que ajudou?

Wellington: Nós fizemos contato com o Wellington, com o padre, que é o padre [inaudível] se eu não me engano... é, fizemos contato com a Lisa na época... (...) É isso, dos contatos, e aí começamos, fizemos contato com o Diogo Santana, que é assessor do juiz da 1ª Vara, que é Ministro da Casa Civil, representante direto da Presidenta, né? Conseguimos entrar reunião lá do PT, na época, meio que desarticulado e eu entrando sem ser convidado e coloquei a pauta lá na época, foi até através do Ismael que eu consegui entrar nessa reunião, que era uma reunião de secretários se eu não me engano. Os Deputado de lá do Rio Grande do Sul e tal, então estendeu as negociações, aí viu um camarada da Casa Civil de Brasília enviou um comunicado pro Ministério das Cidades e marcamos com, que fizemos a Audiência Pública, aí foi aí onde o Gilmar surgiu a ideia. Com essa audiência que a gente já tinha marcado, eu acho que ele viu que o negócio era interessante naquela época, até porque ele era candidato a Prefeito e começou entrar na discussão, então teve essa audiência com o Alfredo e tal, tiramos alguns encaminhamento, tiramos alguns rumo, mas também nada que nós tiramos naquele tempo com o Alfredo foi pra frente, né? As coisas, elas não avanço concretamente com o Elmiro, até porque já tinha uma firmado com o Alfredo então...¹⁵⁰

Notamos as articulações políticas de bastidores que são realizadas também pelos movimentos sociais organizados, na defesa de seus interesses, como manter a ocupação, mas que institui um segundo campo de disputa e atuação política que *envolve* as formas de viver *dos* trabalhadores, mas não *os* trabalhadores.

Ainda por essa trilha, a introdução do vídeo documentário sobre o bairro Joana D'Arc/ São Francisco, fala sobre uma história de luta e sofrimento de um povo excluído

¹⁵⁰ **Wellington M. R.** Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Flávia Gabriela Franco Mariano. p. 6-7.

dos princípios de cidadania e justiça, de uma “nação”, que serve e é construída, com a invocação da Constituição Federal de 1988,¹⁵¹ para benefício do outro, não para os trabalhadores,

A Constituição brasileira assegura o direito de moradia digna para todos, entretanto, nem governos Federal, Estadual e Municipal conseguem implementar uma política habitacional verdadeira para os trabalhadores, permitindo-lhes o acesso à verdadeira cidadania. Se pagar o aluguel não come, se comer, não paga o aluguel. [...] Suportando as mais sórdidas condições de existência, os limites impensados da miséria e dizendo que também fazem parte desta nação. Como vislumbrar que um homem que não tem nem mesmo um teto contra as intempéries que a natureza produz, aspire pertencer à uma nação? A cidadania não existe para milhões de brasileiros, excluídos das mais elementares condições de vida e submetidos às mais sórdidas das explorações. Logo, não se pode falar em identidade nacional. [...] Somos empurrados para as favelas, cortiços, pensões e para o relento das ruas”, diziam os seus trabalhadores e seus familiares. Os bairros São Francisco de Assis e Joana D’Arc são marcos de uma conquista dos trabalhadores força de uma legião de desabrigados e desamparados. Trabalhadores que sonham criar suas famílias com dignidade e um teto.¹⁵²

Esta contextualização amarra a legitimação da ocupação a um movimento político que espera obter um saldo maior em um campo de tensões e disputas, no qual as condições de vida dos trabalhadores são planificadas em uma *legião de desabrigados e desamparados* e que estabelece *os bairros São Francisco e Joana D’Arc* como *marcos de uma conquista dos trabalhadores (...)* o sonho de *criar suas famílias com dignidade e um teto*. Os significados da reivindicação de um direito à moradia,¹⁵³ são apresentados como o sentido de aspirar pertencer a uma nação, ou de crítica direcionada a um projeto político maior, não necessariamente de se opor aos sentidos e interesses que definem essa “nação”, ou até mesmo de construí-los com os *próprios* sentidos. Notamos nessas últimas falas sentidos que projetam sobre os trabalhadores a intencionalidade de legitimar

¹⁵¹ Ver arts. 6º, 182. e 183. o Capítulo II – Da Política Urbana da Constituição da República Federativa do Brasil. BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em 04 nov. de 2013.

¹⁵² **Os valores culturais e o acesso à moradia:** São Francisco de Assis e Joana D’Arc. Canal da ABIU – Associação de Bairros Irregulares de Uberlândia. 9p. Duração: 00:23:49. 22 set. de 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=pG0aYE1pAFc>>. Acesso em 14 out. de 2013. Material de pesquisa.p.9.

¹⁵³ Para uma visão mais aprofundada sobre como a moradia é compreendida enquanto um direito elementar na esfera dos Direitos Humanos ver: **Relatório Brasileiro sobre Direitos Humanos Econômicos, Sociais e Culturais. Meio Ambiente, Saúde, Moradia Adequada, Educação, Trabalho, Alimentação, Água e Terra Rural. 2003**. Plataforma Brasileira de Direitos Humanos Econômicos, Sociais e Culturais. Projeto Relatores Nacionais em Direitos Humanos Econômicos, Sociais e Culturais.p. 82-119

também os movimentos sociais organizados nas esferas do poder público, de modo que este é organizado para ocupar espaços de atuação onde *governo Federal, Estadual e Municipal* são ineficientes.

Nas entrevistas realizadas com trabalhadores do documentário “Os valores culturais e o acesso à moradia: São Francisco de Assis e Joana D’Arc 3 anos. Um sonho de um povo. Uma história de luta” são informados os equipamentos sociais faltantes à comunidade,

Ainda faltam muitos equipamentos básicos para que os dois bairros sejam, de fato, um excelente local para se viver. Não há escolas, municipais ou federais nos bairros, não há um posto de saúde, creche, posto de policiamento, rede pluvial ou asfalto. Falta um centro de formação e sede para as associações de moradores, locais fundamentais para que grupos de jovens e donas de casa possam realizar atividades culturais e de formação profissional.¹⁵⁴

Alguns *limites* também são estabelecidos para a atuação dos movimentos sociais organizados, na medida em que não podem implantar equipamentos básicos nos bairros.¹⁵⁵ Wellington diz como o movimento lida com essa questão reservando lotes,

(...), porque é bom cês entenderem também é que tem deixou umas áreas institucional pra lá também, pra construir escola, creche pra comunidade, então sobrou assim, é uma luta monstruosa hoje pra segurar que essas áreas institucional não seja ocupada, porque infelizmente nós temo muito problema.

Flávia: Tem quantas áreas, cê sabe? Pra escola...?

Wellington: A... temo uma área, quadra de cinquenta lotes que foi reservado, só os biquinho que sobrou, mas não usa, né?

Flávia: Então uma de cinquenta lotes pra construir essa...? Essa...

Wellington: É, uma quadra de cinquenta lotes pra escola.(...) ¹⁵⁶

¹⁵⁴ **Os valores culturais e o acesso à moradia:** São Francisco de Assis e Joana D’Arc. Canal da ABIU – Associação de Bairros Irregulares de Uberlândia. 9p. Duração: 00:23:49. 22 set. de 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=pG0aYE1pAFc>>. Acesso em 14 out. de 2013. Material de pesquisa.p.7.

¹⁵⁵ A partir de 2009 com a implantação do PMCMV essa questão tem sofrido alterações já que entidades sem fins lucrativos e de organização social podem assumir empreendimentos do programa. Veja matéria: LOCATELLI, Piero. Minha Casa Minha Vida – Entidades. MTST constrói moradias com as próprias mãos. Sociedade. **Carta Capital**. Editora Confiança. 10 jun. de 2014. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/moradia-pelas-proprias-maos-2178.html>>. Acesso em: 17 jul. de 2014.

¹⁵⁶ **Wellington M. R.** Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Flávia Gabriela Franco Mariano. p.14.

Em uma entrevista para o documentário um morador do início desta ocupação do Joana D’Arc/ São Francisco, diz sobre as condições vividas de não ter água, luz, esgoto ou ter que capinar e limpar os lotes que,

Foi uma barra pesada porque nós descemos aqui capinando um mato feio aí, fazendo barraco de qualquer jeito, né? Caindo dentro de buraqueira de noite aí, vigiando a turma pra num rouba o poco que a gente tinha, então nós tamo aí até hoje nessa luta. Pelejando né rapaz?

Entrevistador: E, e o, a falta de energia, a falta de água, nos primeiros meses aqui num deu vontade de você bandonar tudo e voltar a morar de aluguel?

Não... aqui sempre... num deu. Porque quando nós desceu aqui já ligamo as água clandestina. A luz também nós pego lá do cadeião, foi uma luta, uma barra pesada viu rapaz? Até que nós fomo organizando aí, nós pôs o padrão nesse bairro aí de baixo o Prosperidade e conseguimos a energia pra nós aqui em cima, mas nós queimemo lamparina durante uns seis meses aqui.¹⁵⁷

Caindo dentro de buraqueira de noite aí, vigiando a turma pra num rouba o poco que a gente tinha, então nós tamo aí até hoje nessa luta. Pelejando né rapaz? Os trabalhadores continuaram na ocupação, resistindo e formulando seus próprios modos de viver.

O documentário apresenta as redes estabelecidas com instituições filantrópicas e culturais como a possibilidade de viabilizar atividades para os filhos dos trabalhadores, sejam elas empregatícias ou de lazer,

Um dos principais locais a abraçar a causa das mães trabalhadoras dos dois bairros foi a “Casa do Caminho” uma entidade filantrópica, sem fins lucrativos e com poucos recursos, uma das primeiras moradoras do antigo bairro Joana D’Arc, Izabel Cristina recebia várias crianças retirando-as das ruas enquanto suas mães estavam trabalhando. Ali, as crianças podiam receber aulas de reforço escolar e participar de danças de rua. Artesanato, e reciclagem de roupas.¹⁵⁸

Ao que segue a fala de Izabel sobre as atividades para as crianças e jovens, *Olha ela tem o reforço escolar, aula de artesanato, reintegração na sociedade, e também*

¹⁵⁷ **Os valores culturais e o acesso à moradia:** São Francisco de Assis e Joana D’Arc. Canal da ABIU – Associação de Bairros Irregulares de Uberlândia. 9p. Duração: 00:23:49. 22 set. de 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=pG0aYE1pAFc>>. Acesso em 14 out. de 2013. Material de pesquisa. p.4.

¹⁵⁸ **Os valores culturais e o acesso à moradia:** São Francisco de Assis e Joana D’Arc. Canal da ABIU – Associação de Bairros Irregulares de Uberlândia. 9p. Duração: 00:23:49. 22 set. de 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=pG0aYE1pAFc>>. Acesso em 14 out. de 2013. Material de pesquisa. p.8.

agora nós fomos trabalhar com a reciclagem de roupa e também o balé de rua. Lembramos da avaliação de Nilda (Capítulo I) sobre o direcionamento de atividades às crianças e jovens nestes lugares, que acabam por determinar suas potencialidades.¹⁵⁹ Não compreendemos, essencialmente, quais atividades são realizadas com *reintegração na sociedade*, mas devemos destacar que atividades de reciclagem de materiais, roupas e artesanato são empregos recorrentes em empresas que costumam se instalar nesses bairros, principalmente associações de catadores, indústrias de alimentos e lavanderias industriais.

Em 2004, uma edição especial do jornal Correio sobre os 116 anos da cidade em seção intitulada “Uberlândia solidária”, há o seguinte retrato de vida de Isabel Gomide, coordenadora da “Casa do Caminho”,

Rua dos Votos, bairro Joana D’Arc. A claridade fraca de um lampião denuncia que falta luz na casa de número 155. (...) A dívida acumulada é de R\$1.114,00 e se refere a seis meses de consumo. (...) Ela não tem medo do escuro, nem dos fantasmas da miséria e da violência que assombram a vizinhança. Isabel Cristina Gomide é uma mulher corajosa. Tem diabetes, mas nem a doença nem sua própria pobreza a entristecem. Sofre mesmo é com a impossibilidade de oferecer pão e café com leite para todas as crianças que vê mendigando pela cidade. (...) Aos 50 anos, Isabel é mãe de uma mãe de sete filhos e ampliou a prole há seis anos, quando decidiu dividir o quase nada que tinha com crianças que perambulavam pelas ruas, pedindo dinheiro, trabalhando como flanelinhas, abordando os carros nos semáforos e até mesmo cheirando cola. (...) Enfermeira formada (...) A situação de vida foi piorando e a conduziu para uma cabana de lona preta que montou no Joana D’Arc. Foi nesse barraco que a sua missão social começou. (...) Para convencer os pais a [retirar] as crianças do Joana D’Arc das ruas, algumas delas na mendicância, o acordo foi dar a eles, no final de cada mês, uma cesta básica preparada com doações recebidas do Rotary Clube, da Maçonaria, do Centro Espírita e de outras empresas e instituições da cidade. A estratégia deu certo. (...) Passou mais um ano até que a Casa do Caminho se tornasse o que é hoje: um ambiente com três salas de aula, cozinha, biblioteca, secretaria e dois banheiros.¹⁶⁰

Interrogamos Letícia sobre as ações de instituições filantrópicas ou particulares no assentamento, ao que ela avalia,

¹⁵⁹ *Isso aqui, isso aqui pode sair daqui um jornalista, um médico, um professor, qualquer tipo de profissão!* Nilda. Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi.p.19.

¹⁶⁰ FERRAZ, Flávia. “Informalidade”- Trabalho gera renda integral ou complementar Salgadeiros garantem vendas nas obras. **Correio de Uberlândia**. A4 Cidade & Região . Ano 74 n° 22.880 02/12/2012 dom. ArPu Correio 12/2012 412.

(...) num tem assim quem, esteja assim numa miséria que precise. (...) mas, eu acho assim, se eles tão achando, interpretando, de uma maneira que precise, eu num importo não, agora se quiser ajudar, toda ajuda é bem vinda, né? ¹⁶¹

A interpretação feita pela imprensa local, ao tratar dessas regiões que são originadas por movimentos de trabalhadores, acabam por ecoar interpretações sobre o direito de esses sujeitos estarem nas áreas ocupadas, estabelecendo um discurso que associa os seus modos de viver a lugares de produção da pobreza,¹⁶² violência, miséria, ignorância, tráfico de drogas e práticas que direcionam o olhar sobre os trabalhadores para a interferência em modos de vida *ordeiros* que compõe determinado projeto político e social.

No documentário “Os valores culturais e o acesso à moradia: São Francisco de Assis e Joana D’Arc” um dos entrevistados relata que as mulheres do bairro, a época, confrontavam esses discursos em seu cotidiano ao lidar com os sentidos forjados para esses trabalhadores “pobres”,

“(...) E as mulheres trabalhando, que as mulheres aqui quase que pra arruma emprego lá fora é muito difícil, ninguém dá a chance pra elas, porque mora no São Francisco, no Joana D’Arc um local pobre, então o pessoal acha que pobre é bandido num é assim tem muita pessoa boa aqui dentro do bairro” ¹⁶³

No primeiro ano de ocupação do atual bairro Elisson Prieto, em 2012, as notícias sobre as ações diretas dos trabalhadores foram com frequência veiculadas pela imprensa local, lembrando que a área ocupada pertencia à Universidade Federal de Uberlândia como parte da Fazenda do Glória (Figura 1). No entanto, a projeção da mídia, era de que

¹⁶¹ **Letícia.** Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi.p.7.

¹⁶² Sobre as interpretações relacionadas ao empobrecimento ver o trabalho de MORAIS, Sérgio Paulo. **Empobrecimento e “inclusão social”: vida urbana e pobreza na cidade de Uberlândia/MG (1980-2004)** Tese, História Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: 2007. Para abordagem sobre padrões de consumo a partir das fontes documentais do jornal Correio ver em especial o Capítulo I (24-65) “As novas visões da cidade: a construção da pobreza”. No qual o autor analisa *os recentes processos político e social de produção de pobreza, visto pela ótica da imprensa como “empobrecimento da cidade”, e busca recompor o perfil de cidade, discutindo o enfraquecimento do mito da “cidade progresso. Esse mito, tão caro à historiografia da cidade, foi corroído pelo processo inflacionário, diminuição do consumo, entre outros fatores.*

¹⁶³ Silvani Alberto – Assentado. **Os valores culturais e o acesso à moradia:** São Francisco de Assis e Joana D’Arc. Canal da ABIU – Associação de Bairros Irregulares de Uberlândia. 9p. Duração: 00:23:49. 22 set. de 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=pG0aYE1pAFc>>. Acesso em 14 out. de 2013. Material de pesquisa. p.7-8.

a ocupação impediria a construção do *campus* da Universidade, com o agravante da presença dos trabalhadores ali, o que atrairia diversas práticas e imagens negativas para a região e a cidade.

Assim notamos que reportagens do tipo,

A Universidade Federal de Uberlândia (UFU) negocia com o Ministério das Cidades e Secretaria-Geral da Presidência da República a desapropriação da área (...). No local, caso seja concretizada a intenção, deverá ser implantado um assentamento regularizado, aos moldes dos programas habitacionais federais (...). Mesmo sem a certeza de que serão contempladas pela possível regularização 2,2 mil famílias lideradas pelo MSTB que estão no local pagaram para que uma empresa privada produzisse um projeto de loteamento da gleba (...). Invasão no dia 13 de janeiro de 2012 (...).¹⁶⁴

Acabaram por motivar manifestações dos leitores sobre a ocupação, de modo a determinar interpretações sobre os modos de vida dos trabalhadores atribuindo significados às suas ações e condições de vida no bairro. Buscamos essas manifestações nos espaços para comentários no próprio *site* do jornal Correio de Uberlândia, onde as manifestações de pessoas locais foram abundantes.

É importante ressaltarmos que, por compreendermos que os comentários do site do Correio de Uberlândia, assim como de todas as mídias virtuais de comunicação brasileiras,¹⁶⁵ passam por processos de avaliação e moderação, utilizamos os comentários para captar como o público leitor compreende as ações dos trabalhadores em uma oportunidade de dialogar com essas opiniões junto de nossas outras fontes. Mantivemos-nos atentos também para não cobrar do jornal um posicionamento contrário aos seus princípios.¹⁶⁶ Considerando que tal mídia não pode ser reduzida a um papel de mera transmissora de fatos ou informações, porque é também produtora de situações sociais, Raymond Williams nos instiga a pensar essa questão, pois, para o autor,

¹⁶⁴ BOENTE, Fernando. UFU e governo federal negociam regularização de área invadida. **Correio de Uberlândia**. 17 out. de 2012. Disponível em: < <http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/ufu-e-governo-federal-negociam-regularizacao-de-area-invadida/>>. Acesso em 20 jan. de 2013.

¹⁶⁵ Para ver mais sobre o assunto: SAKAMOTO, Leonardo. Irritado com comentários? Conheça a opinião de quem os lê como profissão. **Blog do Sakamoto**. 21 fev. de 2014. Disponível em: <<http://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2014/02/21/irritado-com-comentarios-conheca-a-opinio-de-quem-os-le-como-profissao/>>. Acesso em: 22 fev. de 2014. O Site do Correio de Uberlândia informa que, “Ao enviar suas informações de registro, você indica que concorda com os Termos de serviço e leu e entendeu a Política de Privacidade do site do Correio de Uberlândia. Só serão liberados comentários cujos autores estejam identificados por nome e sobrenomes e que não contenham expressões chulas e/ou de baixo calão”. **Correio de Uberlândia**. Disponível em: <<http://www.correiodeuberlandia.com.br>>. Acesso em: 22 fev. de 2014.

¹⁶⁶ Ver nota n. 5.

Como uma questão da teoria geral, é útil reconhecermos que os meios de comunicação são, eles mesmos, meios de produção. É verdade que os meios de comunicação, das formas físicas mais simples da linguagem às formas mais avançadas da tecnologia da comunicação, são sempre social e materialmente produzidos e, obviamente, reproduzidos. (...) os meios de comunicação, tanto como produtos quanto como meios de produção, estão diretamente subordinados ao desenvolvimento histórico. Isso porque, primeiramente os meios de comunicação têm uma produção histórica específica, que é sempre mais ou menos diretamente relacionada às fases históricas gerais da capacidade produtiva e técnica. E também, é assim, em segundo lugar porque os meios de comunicação, historicamente em transformação, possuem relações históricas variáveis com o complexo geral das forças produtivas e com as relações sociais gerais, que são por eles produzidas e que as forças produtivas gerais tanto produzem quanto reproduzem. Essas variações históricas incluem tanto as homologias relativas entre os meios de comunicação e as forças produtivas e relações sociais mais gerais quanto, mais especificamente, em certos períodos, as contradições gerais e particulares.¹⁶⁷

Deste modo, ao ler os comentários dos leitores favoráveis e contrários aos trabalhadores na matéria de Boente (2012), intitulada “UFU e governo federal negociam regularização de área invadida”, notamos a produção de um sentimento de perda para a cidade ao passo que a permanência dos sujeitos na área prejudicaria o desenvolvimento de um novo *campus* universitário e todas as possibilidades de “progresso” que ele representaria para a cidade,

Lukas disse: Claro que existe famílias honestas e trabalhadores naquele local. Mas depois que esse assentamento foi pra lá, ninguém teve mais sossego na grande São Jorge... muitos assaltos e gente que não presta enfiada no meio de pessoas que querem apenas um pedaço de terra. 20% da gente que mora lá é de caráter duvidoso e que só mudou pra lá pra infernizar a segurança dos bairros.¹⁶⁸

Ou ainda,

Paula Fernandes disse: Gente precisa sim construir uma universidade em Uberlândia temos projetos, concordo plenamente que o sem terra precisam de moradia. A Prefeitura que transfere eles para outro local.

¹⁶⁷ WILLIAMS, R. Meios de Comunicação como Meios de Produção. In: **Cultura e Materialismo**. / Raymond Williams; tradução André Glaser. – São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 69-70

¹⁶⁸ Lukas. Comentário na matéria de BOENTE, Fernando. UFU e governo federal negociam regularização de área invadida. **Correio de Uberlândia**. 17 out. de 2012. Disponível em: <<http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/ufu-e-governo-federal-negociam-regularizacao-de-area-invadida/>>. Acesso em 20 jan. de 2013.

Dando moradia segura, para todos. Eu vim de São Paulo, fiquei tanto vergonha daquele local.¹⁶⁹

O enfoque no terreno ou na área em posse da UFU acaba por favorecer um olhar desumanizado para as condições de vida dos trabalhadores e que prioriza a questão da área, de modo que sua presença passa a ser um “problema” de fácil “solução”, que não é resolvido por incompetência dos órgãos públicos *a prefeitura que transfere eles para outro local*. As noções sobre as ações dos trabalhadores, ou de suas condições de vida, são eliminadas completamente de perspectiva, mediante o estabelecimento de um campo de tensões e disputas sobre *a ocupação irregular da área*,

Valentina disse: Acho que as pessoas tem direito sim, a moradia, alimentação, educação e saúde. Eles são pessoas, que tem direito como qualquer outro grupo. Mas entendo que o governo tem que ter ações efetivas para proibir e coibir esse tipo de ocupação. Tudo tem que ser feito com ordem... E com condições muito bem estabelecidas para que não virem grupos de aproveitadores...¹⁷⁰

As ocupações são compreendidas como ação que extrapola valores morais estabelecidos pelos leitores para si e as relações que vivenciam. Portanto, as ocupações (ou os trabalhadores) devem ser controladas pelo governo com *ações efetivas para proibir e coibir esse tipo de ocupação* para que tudo seja *feito com ordem*. Pontuamos de passagem, que, em geral a legislação, que também reproduz as relações produtivas, *ordena* tais relações sociais a partir do estabelecimento de condições como o aluguel, a coabitação familiar e outras que variam para os trabalhadores de acordo com as relações de produção que vivenciam. Ainda que, em alguns momentos, essa *ordem* seja reformulada nos próprios valores dos trabalhadores, estabelecendo relações sociais diferenciadas.

As avaliações de leitores sobre a situação da área e o comportamento dos trabalhadores que moram nela também são recorrentes, citamos a opinião da leitora,

¹⁶⁹ Paula Fernandes. Comentário na matéria de BOENTE, Fernando. UFU e governo federal negociam regularização de área invadida. **Correio de Uberlândia**. 17 out. de 2012. Disponível em: <<http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/ufu-e-governo-federal-negociam-regularizacao-de-area-invadida/>>. Acesso em 20 jan. de 2013.

¹⁷⁰ Valentina. comentário na matéria de BOENTE, Fernando. UFU e governo federal negociam regularização de área invadida. **Correio de Uberlândia**. 17 out. de 2012. Disponível em: <<http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/ufu-e-governo-federal-negociam-regularizacao-de-area-invadida/>>. Acesso em 20 jan. de 2013.

Camila disse: (...) moro próximo a esta área e quase todo dia têm tiroteio lá, tráfico de drogas, lixo jogado para todo lado e muitos ratos.¹⁷¹

A leitora mora ali perto, mas o lixo e os ratos estão concentrados apenas na área onde o bairro está sendo construído assim como o tráfico de drogas. Além da incorporação de visões sobre os hábitos dos trabalhadores, associando imediatamente a condição da ocupação a sentidos negativos, desconsidera-se a ausência de serviços públicos básicos, apontados como reivindicação pelos moradores com quem conversamos e entrevistamos,

(...) O que que tá faltando? Passa um asfalto, falta a primeira coisa daqui que eu acho que tem que fazer, é o saneamento básico! Isso aí tem que ter, façam a rede de esgoto (...), precisa mais disso do que duma roupa e dum calçado, porque na hora que chove essa água é um perigo! Pra todo mundo!¹⁷²

Destacamos ainda interpretações sobre os trabalhadores que os leitores forjam a partir das informações apresentadas na matéria de Boente,

Antonio disse: Então um bando de desprovidos (como eles dizem que são) pagam 20 mil reais para fazer um PROJETO de loteamento??? Ahhhhh sim!!! A bandidagem de carteirinha vai tomar conta desse país!!!¹⁷³

Um bando de desprovidos que pagam 20 mil reais para fazer um projeto de loteamento? O texto da matéria instiga elaborações a partir de um discurso de oposição aos trabalhadores identificados como “sem-teto”, em uma visão já condenada sobre o movimento social organizado de que o oportunismo é o principal argumento para a ocupação. As noções sobre a condição dos trabalhadores e as relações que vivenciam são, em certa medida, absorvidas por diferentes discursos de grupos, que disputam seus

¹⁷¹ Camila. Comentário na matéria de BOENTE, Fernando. *UFU e governo federal negociam regularização de área invadida. Correio de Uberlândia*. 17 out. de 2012. Disponível em: <<http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/ufu-e-governo-federal-negociam-regularizacao-de-area-invadida/>>. Acesso em 20 jan. de 2013.

¹⁷² Nilda. Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi.p.19.

¹⁷³ Antonio. Comentário na matéria de BOENTE, Fernando. *UFU e governo federal negociam regularização de área invadida. Correio de Uberlândia*. 17 out. de 2012. Disponível em: <<http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/ufu-e-governo-federal-negociam-regularizacao-de-area-invadida/>>. Acesso em 20 jan. de 2013.

interesses ao falar *sobre* os trabalhadores a partir das condições de pobreza, sujeição, luta, confronto com os proprietários e acordos políticos, desconsiderando sua ação política.

Nesse sentido, destacamos a reportagem “Justiça determina reintegração de posse em propriedade da UFU”, de Vinícius Lemos sobre a determinação judicial de reintegração de posse do bairro Elisson Prieto, na qual os comentários foram sobre se os trabalhadores teriam o direito de permanecer na área e se o juiz estava correto em determinar a reintegração. De modo que, as opiniões sobre o direito de permanência versaram sobre as condições materiais dos sujeitos, evidenciadas em itens como carros, motos, televisão, casa própria, dinheiro para fazer outras coisas como beber. E como possuir tais recursos seria determinante sobre o direito de agir para alterar determinada lógica construindo a moradia,

Lindinha disse: (...) Conheço pessoas que estão lá que ganham bem e ainda possui casa boa, carro e moto.¹⁷⁴

ou,

Mazzio disse: Que mundo acabe em barrancos, para que morra encostado! É isso que pensam esse povo... Cambada de safos!!! Não tenho piedade alguma... Pode parecer duro, mas ninguém tem piedade de mim quando, todos os dias tenho que acordar, junto com o sol, e trabalhar feito um louco o dia todo para que no fim mês poder pagar minhas contas e impostos... Pois caso contrário, iria para a rua.. Pois não sou beneficiado com nenhuma bolsa-alguma-coisa por aí... Pegar na enxada ou puxar carrinho de mão, ninguém quer ne? Já que posso ficar no barraco, bebendo, assistindo novela e fazendo filhos, pois até o governo ajuda. Oportunidades não caem do céu... Se não correr atrás, somente poucos ganham de lambuja alguma coisa...E já sei de vários casos que pessoas bem de vida que construíram barracos nesse assentamento pagam um salário para que pessoas ou famílias ocupem os barracos. O MPF tinha que dar uma voltinha por lá, pois muita poeira iria subir.¹⁷⁵

Reduzir a potencialidade de ação direta dos trabalhadores às condições materiais é uma forma de deslegitimar todas as possibilidades presentes e futuras de suas ações e de

¹⁷⁴Lindinha. Comentário na matéria de LEMOS, Vinícius. Justiça determina reintegração de posse em propriedade da UFU. **Correio de Uberlândia**. 22 out. de 2012. Disponível em: < <http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/justica-determina-reintegracao-de-posse-em-propriedade-da-ufu/> > . Acesso em 17 nov. de 2013.

¹⁷⁵ Mazzio. Comentário na matéria de LEMOS, Vinícius. Justiça determina reintegração de posse em propriedade da UFU. **Correio de Uberlândia**. 22 out. de 2012. Disponível em: < <http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/justica-determina-reintegracao-de-posse-em-propriedade-da-ufu/> > . Acesso em 17 nov. de 2013.

localizá-los como “oportunistas” frente às dinâmicas e condições estabelecidas econômica e politicamente. As argumentações que consideram os recursos materiais dos sujeitos como definidores das formas de reivindicar outras condições sociais instituem a centralidade e sujeição da vida social às relações de poder e propriedade que são *dimensões* sobre as quais se organiza um modo de produção.¹⁷⁶ Nilda disse sobre esse tema que,

Denise: (...) Vou explorar a boa vontade da senhora um pouco, que, o pessoal fala muito, por exemplo, quando a gente vai pra esses espaços, às vezes no jornal Correio, principalmente, tem quando sai alguma matéria sobre aqui falando se vai regularizar... (...) E aí, por exemplo, eles falam assim “a mas, o povo tá lá no acampamento que num sei o quê”, (...) “Tem não porque esse povo tá lá no assentamento que num sei o que, mas eu passei lá outro dia e eles tem carro, tem tv a cabo!”

Nilda: Tem! Ué! Num tem nada a ver!

Denise: Como que a senhora responderia (...) Esse tipo de comentário?

Nilda: Ué, todo mundo quer viver melhor, num é? Agora, porque cê mora aqui cê num pode ter nada?! Ué! Tem! Porque que o povo vei... exatamente! Talvez... num tinha antes mesmo, não! Mas depois que num tá pagando o aluguel aí conseguiu comprar, porque é fácil um aluguel de, cê ganha dois salário e um é só pro aluguel, num é fácil! Aí todo mês se sobra aquele salário, cê pode fazer compromisso com ele! Cê pode comprar uma televisão. (...) Aí, aqui, aí eu fui crescendo [o bar] vai sobrando dinheirinho vai crescendo! Porque isso daqui é as coisa que ele vende, os material essas coisa, aí num tinha espaço aí ficava muito cheio, aí sabe que assim, passar tudo pra cá e ali ficar livre pro povo comer ali.¹⁷⁷

Alguns dias depois da publicação da reportagem de Lemos tivemos a oportunidade de acompanhar uma reunião entre o Movimento Estudantil, a CPT e o MSTB, a qual já citamos. Wellington que é mencionado em outro trecho da matéria de Boente comentou durante a reunião, sobre as opiniões dos leitores,

Por ser uma área muito valorizada, muito especulada né, então fica muito complicado hoje um povo abaixo da linha da pobreza tá fazendo ocupação daquele imóvel, (...). Agora pouco entrando aqui pra dentro da Universidade a gente encontra até quem eu nunca imaginei que ia encontrar aqui dentro, existe até segurança aqui dentro que é acampado lá dentro, pro cês vê como que tá o caos do negócio (...) Pro cê vê onde tá o caos da situação, então todos os setores da sociedade, até estudante da própria universidade mesmo é... gente que mexe com limpeza aqui

¹⁷⁶ THOMPSON, E. P. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos** / E. P. Thompson; organizadores: Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001. p. 254.

¹⁷⁷ **Nilda**. Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi.p.23-24.

tem pessoas lá dentro né... então todos segmento da sociedade tem um por cento, dois por cento que tá lá então é uma série de demanda que foi criada e pelo município e o município não conseguiu resolver, porque se tivesse resolvido a própria universidade conjugado com o município tinha feito um projeto de habitação e atendido a demanda porque não tinha muita gente na fila né... e aí é em torno de vinte e cinco família pra área que é cadastrada... pois é, setenta por cento é cadastrada no programa da “Minha Casa, Minha Vida” então assim, é uma situação muito contraditória e nós chamamos os companheiro aí pra luta, chamamos pro compromisso discuti isso a frente aqui da universidade, né leva isso pra uma consulta popular porque tem muita gente que tem preconceito com essa situação, acha que aquilo ali é uma forma de empata fila, né... a gente tem muito na internet os camarada fala “a...se tá lá tá porque tá querendo! Acha que tem que fica na fila igual os outro tá”, então nós somo um bando de ordeiro e um bando de cordeirinho onde se toca ele vai, nós somo um movimento de luta pela terra, um movimento de massa.¹⁷⁸

O fato de Wellington evidenciar que pessoas que estão no bairro Elisson Prieto, são empregadas por toda a cidade, inclusive na Universidade, intenciona chamar a atenção para que os trabalhadores que ocupam áreas ociosas não estão restritos à determinadas regiões de Uberlândia e suas vidas não podem ser fixadas à determinadas condições e relações sociais. Entretanto, Wellington localiza os trabalhadores a partir de sua própria perspectiva ao ironizar as interpretações dos leitores do jornal “ (...) *Acha que tem que fica na fila igual os outro tá*”, então nós somo um movimento de luta pela terra, um movimento de massa, sendo “a massa” os trabalhadores.

Procuramos abordar nesse capítulo projeções e interpretações sobre os trabalhadores, e os modos como estas instituem determinados modos de viver as relações sociais. Compreendemos que ao confrontarem suas condições materiais os sujeitos formulam maneiras para lidar e se inscrever no campo de disputas.

Esse “campo” de tensões compreende os processos e relações hegemônicos organizados por sujeitos que apresentam seus interesses nos discursos e práticas cotidianas, elaborando formas de memória sobre as trajetórias de vida dos trabalhadores.

¹⁷⁸ **Reunião MSTB e entidades estudantis da UFU**. 10 out. de 2012. Centro de Convivência do Campus Santa Mônica, Universidade Federal de Uberlândia (MG). Duração: 00:55:55. Arq. 121003003. Material de Pesquisa.p.6-7.

CAPÍTULO III

Demarcação de territórios e práticas

Historiadores más populistas o radicales comúnmente contraponen las explicaciones basadas en el impulso y la imposición con el argumento de que la acción colectiva popular surge del entendimiento compartido de las situaciones sociales – más allá de que estos entendimientos compartidos se desarrollen de la experiencia cotidiana o resulten en parte de la exposición a nuevas ideas.¹⁷⁹

No período recente do processo de ocupação do bairro Elisson Prieto o MSTB a CPT e o movimento estudantil da UFU adotaram como estratégia chamar a atenção da comunidade universitária para a ocupação e para o processo de regularização do assentamento. Precisavam de apoio e de inserção na Universidade já que a área ocupada é de posse da UFU e as decisões relativas a ela seriam tomadas pelo CONSUN.¹⁸⁰ Em reunião entre esses movimentos sociais organizados na UFU Rodrigo explica tal estratégia e seus objetivos,

Rodrigo: Isso é uma estratégia que nós resolvemos logo quando saiu de novo a reintegração de posse, de tentar começar uma gestão seja com o DCE com o SINTET e com a ADUFU, a gente vê como é que vai articular isso, pros advogados terem uma idéia do que que seria interessante, que documento possível seria interessante o CONSUN soltar. Porque a gente precisa [...] mas se a gente começa a determinar também qual que é a vontade também de quem tá cedendo e que ela seja favorável a nós, a gente tá trancando o caminho do futuro daquilo, porque é muitos... vão ser muitas lutas, depois que conquistar a área é o que o povo fique lá, num vai ser outro povo e vai ser esse tipo de loteamento, num vai ser aquele outro (...)¹⁸¹

Como partes dessa estratégia ocorreram reuniões entre o MSTB, CPT e movimento estudantil para criar táticas de mobilização que teriam início simbólico na solenidade de mudança de nome da área de “Assentamento Paulo Freire” para “bairro

¹⁷⁹ TILLY, Charles. Acción colectiva, en Apuntes de investigación. CECyP. Año IV, N° 6, noviembre; Buenos Aires; 2000. p. 29.

¹⁸⁰ O Regimento Geral da UFU define “Art. 13. O Conselho Universitário - CONSUN é o órgão máximo de função normativa, deliberativa e de planejamento da UFU (...)”. UFU. **Regimento Geral**. p.4. Disponível em: < http://www0.ufu.br/documentos/legislacao/Regimento_Geral_da_UFU.pdf> . Acesso em: 23 fev. de 2014.

¹⁸¹ **Reunião MSTB e entidades estudantis da UFU**. 10 out. de 2012. Centro de Convivência do Campus Santa Mônica, Universidade Federal de Uberlândia (MG). Duração: 00:55:55. Arq. 121003003. Material de Pesquisa.p.21

Elisson Prieto”,¹⁸² e posteriormente a criação de um Comitê nomeado “Todos Somos Elisson Prieto”.

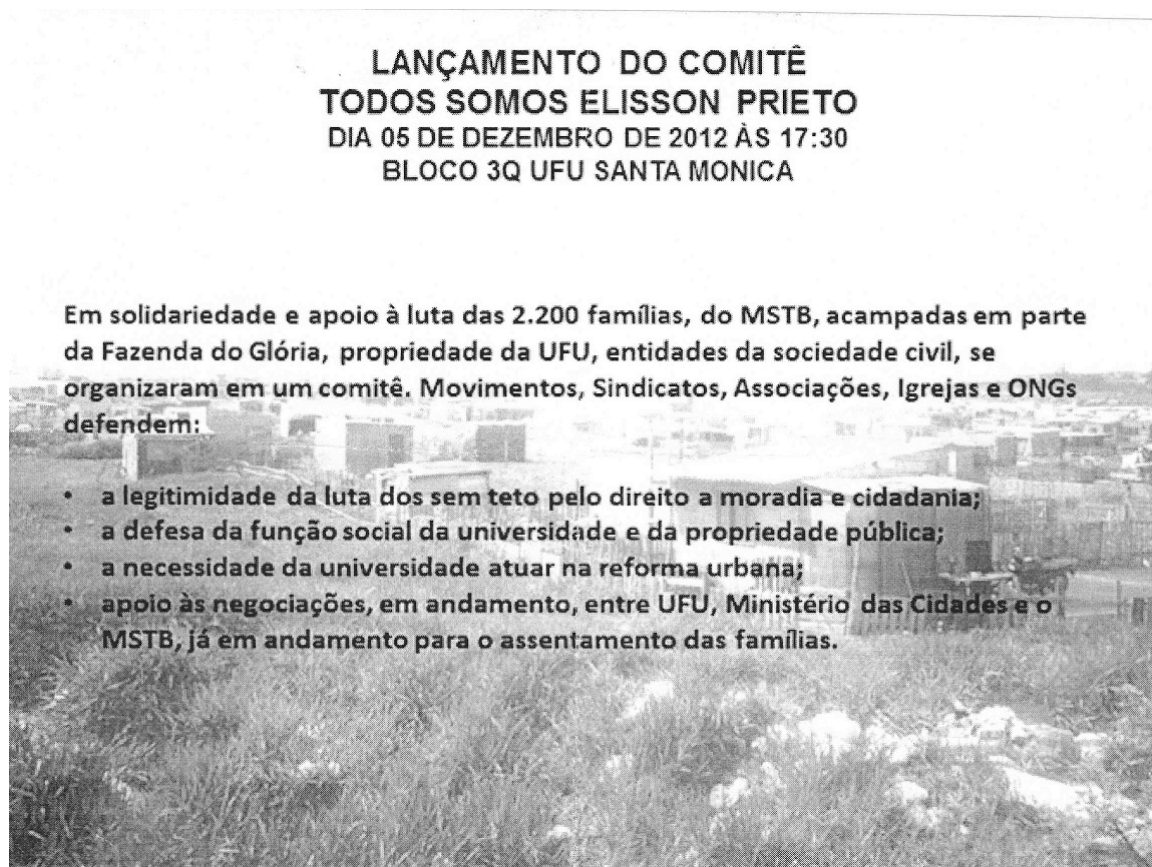


Figura 2 Comitê “Todos Somos Elisson Prieto”. Panfleto distribuído na UFU em divulgação do lançamento do Comitê “Somos Todos Elisson Prieto”. Arquivo de pesquisa.

Notamos que, além de uma estratégia para o estabelecimento de relações políticas favoráveis à regularização do assentamento, havia a intenção de chamar a atenção para a condição dos sujeitos que ocuparam, mas principalmente, à responsabilidade da Universidade enquanto agente decisivo nas negociações sobre a cessão ou venda da área. Nesse sentido, a estratégia apresentada no panfleto fala sobre *a necessidade da universidade atuar na reforma urbana, a defesa da função social da universidade e da propriedade pública, a legitimidade da luta dos sem teto pelo direito a moradia e cidadania e o apoio às negociações (...) para o assentamento das famílias* reivindicações que estão localizadas em dimensões políticas e administrativas.

Ao colocar os trabalhadores nos espaços da Universidade via um movimento de articulação política pretendia-se, segundo o que foi exposto pelos integrantes do movimento, constituir um olhar humanizado para a situação das famílias assentadas. E ainda, ao associar o nome de um professor da UFU ao bairro, pretendia-se constituir

¹⁸² Ver nota n° 7.

outro tipo visibilidade, que pudesse agregar certa legitimidade à ocupação frente às interpretações possíveis sobre os ocupantes e sobre as questões administrativas envolvidas no processo de regularização. Em sua fala durante reunião realizada entre o MSTB, ME e CPT Rodrigo comenta essas questões,

Rodrigo: No fundo, no domingo nós queremos criar com essa motivação, de te colocado o nome Elisson de tudo que eu já falei, nós queremos atrair, parte da comunidade universitária lá pra dentro pra conhecer, discutir, falar. E acho que, com os grupos mais organizados, ou com quem estiver disposto isso servi como marco pra gente iniciar uma caminhada... parceria, daquela luta né? Porque, porque eu acho que tem algumas coisas que são interessantes, mesmo da perspectiva interna da universidade, porque tem algumas coisas que a gente acha que são importantes, mesmo aquilo passando pra... pra Prefeitura, a Universidade não devia se eximir, lavar a mão totalmente. Pô, lá é um campo interessante, uma série de trabalho que poderia ser feito ali né? Isso é, isso é uma coisa em termo de futuro, depois tem toda um discussão, lá não é uma luta fácil, porque, por exemplo, depois que aquela área tiver designada nós vamos luta contra isso que o Marrom tá colocando, pô mas tem uma lista, tem mais de cinco mil pessoas que se inscreveram no “Minha Casa, Minha Vida” os outro programa da Prefeitura, etc. E aí esse povo tá furando ou não? Não, mas faz parte, mas ali a gente considera que é uma coisa diferente, ali é muito pra construir social, ali, não é que vai instalar um programa de moradia ali, ali é regularização fundiária. Aí isso é um salto fantástico em termo de administração. Eles vão vir com outras propostas, tem gente que fala que lá tem que ser predinho, outros fala que lá tem que ser residência, quer dizer, toda essa discussão, quanto mais parceiro, mais força social a gente tem, que é aquilo que aquelas famílias que conquistaram lá, acham que seja mais importante, possa acontecer. Então no domingo, seria pra isso aí.¹⁸³

Sobre o ato de mudança do nome do assentamento interrogamos K.¹⁸⁴ sobre se a finalidade dessa estratégia teria efetivado uma aproximação entre a UFU e a ocupação no sentido de captarmos os sentidos dessa nomeação para os moradores,

Denise: Essa criação da imagem do Elisson vinculada ao Glória cê acha que ela funcionou?

K: Eu num tenho muita certeza pra te falar, né? Mas eu acho que funcionou, pelo menos cê vai conversar com as pessoas, eles fizeram muita questão bateram muito isso nas assembléias deles, “olha gente”, por mais que as ideias não veio dos moradores, a gente sabe que não veio, veio uma proposta de quem, de quem tava a frente da articulação do movimento que a articulação com o Elisson, em função da fatalidade

¹⁸³ Rodrigo. **Reunião MSTB e entidades estudantis da UFU**. 10 out. de 2012. Centro de Convivência do Campus Santa Mônica, Universidade Federal de Uberlândia (MG). Duração: 00:55:55. Arq. 121003003. Material de Pesquisa.p.9.

¹⁸⁴ O nome do entrevistado foi substituído por “K.” para preservar sua identidade.

da morte dele resolveram, homenagear, e jogo isso pra assembleia, e a assembleia, enfim, não querendo discutir como mas definiu por ser “Elisson Prieto” e as pessoas lá acho que não tem como, a maioria lá sabe, “não Elisson Prieto é o cara da UFU que ajudou a gente”. Tinha, eles alimentaram muito isso também, na questão do Glória, “a o pessoal da UFU tá com a gente, o pessoal da UFU tá com a gente”, então, e as vezes colocavam meio que generalizando, né? O pessoal da UFU, como se fosse a UFU, não, eram setores específicos dentro da UFU, inclusive dentro da UFU isso foi uma questão de conflito, tinha gente que aceitava, outros não aceitavam. Uma grande de parcela de pessoas que até hoje não sabe nem que tem ocupação dentro da UFU.¹⁸⁵

Sete meses antes da reunião que citamos, os movimentos sociais realizaram uma manifestação em frente ao prédio da reitoria da UFU como uma das atividades do chamado “Abril Vermelho”, organizado anualmente pelo MST.¹⁸⁶ Foi criado um “Comitê de Combate a Violência e Criminalização dos Movimentos Sociais” para denunciar a,

crescente onda de violência e repressão, denunciando a impunidade das execuções de vinte e um sem-terra no Eldorado dos Carajás (PA) em 1996, cinco em Felisburgo (MG) no ano de 2004 e o recente assassinato de três companheiros do MLST em Uberlândia. [E] Contou ainda com uma pauta de reivindicações para a Universidade Federal de Uberlândia demandando o retorno das atividades da assessoria jurídica popular da UFU para os movimentos sociais, criação de projetos de ensino, pesquisa e extensão voltados para a Reforma Agrária e Urbana, e não implementação da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH) no Hospital Universitário.¹⁸⁷

O Coletivo DialogAção¹⁸⁸ divulgou trechos da manifestação no vídeo “UFU recebe manifestantes do Abril Vermelho a bala”, no qual uma mulher apresenta as reivindicações do movimento que envolviam a então suspensão dos serviços de atendimento aos movimentos sociais organizados pela ESAJUP,

¹⁸⁵ K. Casa do entrevistado. Uberlândia (MG). 18 mar. de 2014. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi. p. 29.

¹⁸⁶ *A Jornada Nacional de Lutas pela Reforma Agrária do mês de abril tem como objetivo rememorar os 21 companheiros assassinados (19 morreram no local) no Massacre de Eldorado de Carajás, em operação da Polícia Militar, no município de Eldorado dos Carajás, no Pará, no dia 17 de abril de 1996, tornando-se oficialmente o Dia Nacional de Luta pela Reforma Agrária.* Jornada Nacional de Lutas pela Reforma Agrária 2012. Início. Especiais e Campanhas. MST. Disponível em: < <http://www.mst.org.br/Jornada-Nacional-de-Lutas-pela-Reforma-Agraria-2012> > . Acesso em: 19 jul. de 2014.

¹⁸⁷ Abril Vermelho em Uberlândia contra a violência e a criminalização dos movimentos sociais é recebido à bala. **Coletivo DialogAção**. 19 abr. de 2012. Disponível em: < <http://coletivodialogacao.blogspot.com.br/2012/04/abril-vermelho-em-uberlandia-contra.html> > . Acesso em: 19 jul. de 2014.

¹⁸⁸ Ver nota n.134 sobre o Coletivo.

A Assessoria Jurídica pobre, sem-teto, sem-terra, não tem direito... ao direito constituído por lei é por isso que nós estamos aqui. Ele não se comprometeu a sentar com a classe trabalhadora a discutir o que está acontecendo, nós também temos direito, não esse direito constituído pelo Reitor da Universidade Federal o direito da classe trabalhadora que somos nós, que alimentamos esse país, respeito é direito nosso tem que respeitar a classe trabalhadora.¹⁸⁹

Além de um tiro ter sido disparado a esmo por um dos seguranças privados da Universidade durante a manifestação, o vice-reitor da UFU à época, Darizon A. de A.¹⁹⁰ afirmou em reunião com os manifestantes que,

a função da UFU é a função de educar, é de oferecer os cursos de graduação, de pós-graduação em todas as suas especialidades, não é função da UFU entrar em questão de reforma agrária esse tipo de discussão, nós temos, não é função da Universidade.¹⁹¹

Ao que os manifestantes responderam,

O nosso objetivo é fazer com que o público, inclusive esse espaço aqui que é um espaço nosso onde nós tínhamos a Assessoria Jurídica e o Reitor daqui retiro essa Assessoria por causa que o latifúndio fazendeiro pediu pra cortar, uma baita covardia que faz com nós, a classe trabalhadora e isso tem que levar a sério. Dá pra ver que esse espaço aqui que é a universidade do povo, ó como nós fomos recebido? Recebido a bala! E aquilo é um camarada despreparado, o papel que ele faz de segurança ele é totalmente despreparado, isso aqui é uma manifestação pacífica! É quem comete a violência é o latifúndio! É o que aconteceu com os companheiros agora, os companheiros do MLST e vários outros Estados do Brasil que acontece e foi o que aconteceu, e amanhã pode ser qualquer um de nós companheirada! Infelizmente é essa a verdade. É por isso que o povo unido jamais será vencido.¹⁹²

¹⁸⁹ **UFU recebe manifestantes do Abril Vermelho a bala.** Vídeo. Disponível em: < <http://coletivodialogacao.blogspot.com.br/2012/04/abril-vermelho-em-uberlandia-contr.html> > . Acesso em 19 jul. de 2014. Material de pesquisa. p. 1.

¹⁹⁰ Reitor: Alfredo Júlio Fernandes Neto (60 anos), Graduado em Odontologia pela UFU, eleito em 2008. Vice-reitor: Darizon Alves de Andrade, Graduado em Engenharia Elétrica pela UFU. Atual reitor da UFU aposta em continuidade de gestão. Cidade e Região. **Correio de Uberlândia**. 25 jun. de 2012. Disponível em: < <http://www.correioeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/atual-reitor-da-ufu-aposta-em-continuidade-de-gestao/> > . Acesso em: 19 jul. de 2014.

¹⁹¹ **UFU recebe manifestantes do Abril Vermelho a bala.** Vídeo. Disponível em: < <http://coletivodialogacao.blogspot.com.br/2012/04/abril-vermelho-em-uberlandia-contr.html> > . Acesso em 19 jul. de 2014. Material de pesquisa. p. 1.

¹⁹² **UFU recebe manifestantes do Abril Vermelho a bala.** Vídeo. Disponível em: < <http://coletivodialogacao.blogspot.com.br/2012/04/abril-vermelho-em-uberlandia-contr.html> > . Acesso em 19 jul. de 2014. Material de pesquisa. p. 1-2.

As relações estabelecidas entre os movimentos sociais organizados falam também sobre as formas de organização de determinadas demandas que são estabelecidas como comuns a toda uma comunidade ou classe. Sobre as relações entre os movimentos, interrogamos K. que avaliou como estas ocorreram no âmbito da Universidade,

Denise: (...) porque você falou a todo momento que vocês acompanharam e participaram o processo de ocupação de terras aqui em Uberlândia, especificamente do Glória e a do CEASA também que foi a anterior. (...) E aí eu queria que você só se possível, comentasse, ou me explicasse o que foi esse acompanhamento? Como que vocês chegaram a fazer esse acompanhamento, foi você? Foi pelo Coletivo? (...) Foi pelo movimento? Se você estiver disposto a fazer essa...(...) retomada.

K: É, então, acho que nosso acompanhamento começou pela, pelo, acho que pelo nosso próprio local de, de nosso lugar mesmo assim, né? Que eu acho que é a questão da militância no movimento estudantil (...)É, a gente tinha uma, uma leitura da importância do, dos movimentos sociais como, como agentes sociais de transformação, enfim, tem toda uma, tem toda uma discussão que a gente faz dentro do movimento estudantil, dentro do campo da esquerda em que, né? Entende a importância dos movimentos, tanto de luta pelo urbano como rural como elementos táticos e estratégicos para pensar uma nova sociedade. Então, de certa forma quando, nós fic... é, nós já tínhamos contatos com o movimento sem terra até 2010 não tínhamos contato com movimento de luta pela reforma urbana, mas com a, a mas o justamente o contato nosso com os movimentos de luta pela terra, fez com que, é, nós conhecêssemos, tivéssemos contato com pessoas que tão ligadas a essa luta. No caso, foi o pessoal da CPT, que é, que teve o contato e nos comunicou quando teve a primeira ocupação, inclusive nos procurou como apoio, um um ou seja, um grupo de apoio também pra, pra pras ocupações, na época a gente tinha um entendimento de que não havia problema, né? Mas, vale registrar que, é, enfim dentro do campo da atuação a gente tinha diferenças políticas mas em termos da, da causa da reforma urbana não vimos problema nenhum em atuar em conjunto com outros grupos que não necessariamente a gente têm um compromisso político. É, então, foi, foi via esse contato, né? Que a gente... é, ficou sabendo que tinha é, essas ocupações até porque o pessoal da CPT eles, geralmente são acionados muito pelos movimentos até pela, pelo suporte que eles dão em termos de acompanhamento principalmente jurídico, né? (...)

Denise: E, a ocupação do Glória ela provem de uma outra ocupação próxima a uma região do CEASA, é isso que teve um...

K: Sim, a sim! Antes da do Glória, na verdade, inclusive (...) no movimento estudantil, primeiro é verdade, primeiro momento que a gente teve contato com o movimento urbano, foi justamente o, a experiência da ocupação da, da área chamada do CEASA que é em frente ali do CEASA, né? (...)¹⁹³

¹⁹³ K. Casa do entrevistado. Uberlândia (MG). 18 mar. de 2014. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi.p. 2-3

Muitas vezes, a necessidade da atuação dos movimentos sociais organizados que se inscrevem no social a partir do projeto de construção de um novo projeto de sociedade, aparece junto aos trabalhadores correlacionada à necessidade de organização de *elementos táticos e estratégicos* na ação dos trabalhadores como transformadora ou como via de implantação de uma nova sociedade projetada por esses movimentos. E a partir das demandas dessa organização, como o apoio jurídico, os motivos de intervenção aparecem mais efetivos,

K: Mas enfim, é... é, mas comé que funciona assim? Pelos menos o que a gente tem de experiência, né? É, é um pessoal que realmente dá esse suporte em termos de apoio, é, tanto pra, pra a apoiar a comunidade na organização, que eles têm uma experiência de organização, no, no de uma ocupação, e também e aí tem também a parte jurídica, né? Que é esse, esse apoio, né? Do tipo verificar como é que tá a situação legal do terreno, vê as possibilidades e estratégias jurídicas pra poder fazer a luta na questão da reforma urbana, enfim, é todo aquele suporte que a gente chama de advocacia popular, né? Enfim, mas é, o que a gente tem é essa, sempre vimos eles atuando nessa, nessa questão. Tem também as questões políticas, né? Eles fazem isso e também tem, pra gente, por isso que eu falei, né? A gente, tinha claro também com quem ideologicamente, politicamente eles se vinculavam, né? É, mas enfim, acho que basicamente era isso assim.¹⁹⁴

Raymond Williams,¹⁹⁵ ao considerar a utilização de métodos sobre os conceitos de “base” e “forças produtivas”, nos incita na reflexão de que a condição dos trabalhadores (base) está, em geral, sendo atribuída a processos variáveis da política (superestrutura) do latifúndio. Os fatos da intenção social não podem ser perdidos de vista, as intervenções dos movimentos sociais organizados ou do poder público mapeiam determinadas condições que argumentam sobre a “luta”, no caso da ocupação da área próxima a CEASA e do Glória tais argumentos e razões se articulam em torno das disputas pela área ociosa,

Wellington: Então Flávia nós tivemos um despejo lá no CEASA, eu fui parte da, da ocupação, né? Uma das pessoas que mentalizou o movimento naquela época do CEASA, eu tinha a informação de que tinha aquela ocupação eu era do MST na época, era ligado mais a questão agrária, e pelo fato de ter uma ocupação urbana eu me identifiquei bastante eu estava lá e tal e acabei sendo parte, bem no

¹⁹⁴ K. Casa do entrevistado. Uberlândia (MG). 18 mar. de 2014. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi. p. 4.

¹⁹⁵ WILLIAMS, R. Base e superestrutura na teoria da cultura marxista. In: **Cultura e Materialismo**. / Raymond Williams; tradução André Glaser. – São Paulo: Editora Unesp, 2011.p.47.

finalzinho da estrutura, uns trinta dias antes do despejo, como aconteceu o despejo lá, com o despejo que aconteceu, parte das famílias foi se desmobilizando, uma parte foi pra sem-terra, uma parte foi pra casa de parente, outras pra debaixo da ponte, foi uma loucura, e um grupo foi pra beira da faixa que é ali do lado do...

Flávia: Na mesma área de lá, né?

Wellington: Na mesma área do...

Flávia: É eu lembro.

Wellington: Que fizeram lá o negócio pra desocupar (...) então nós tinha um grupo que tinha acabado de ser despejado de uma área, que era sem-terra, e tínhamos esse grupo que tava na beira da faixa, já com prazo pra desocupar, então ali no Seringueiras sempre teve aquele bico ali, sempre teve aquele triângulo. (...) Fala triângulo das bermudas ali. Parte da UFU era lá em cima, né? E essa outra parte era dali, então quando eu conheci a história de dois velhinho que vivo, que, que fala que aquela área foi grilada, na época, por um processo que aconteceu, que eu até esqueci o nome...

Flávia: A área de cá ou a área de lá?

Wellington: A da UFU. A da UFU mesmo, era pessoas que era parte da gestão do Virgílio Galassi daquele tempo, fez uma documentação falsa lá, a mãe era casada com os dono da terra, a mãe tinha seis filho e esse dono tava lá que era o dono da Fazenda Glória, como o dono das terra morreu, ficou aí o irmão que era parente meio distante assim, que era irmão, mas irmão de criação parente meio distante eh... pediu uma procuração pra essa mãe, que tinha um punhado de criancinha e tinha outro fora da cidade, pra poder administrar os bens, que ela não dava conta, e ela acabou tendo a posse desse documento essa procuração, então eles fizeram um rolo lá, um cambalacho, junto a (...) Prefeitura deram o calote aí de mais de dez milhões.¹⁹⁶

ou ainda,

K: Bairro.. é, Trabalhadores Rurais do Bairro Bela Vista****. Inclusive, tinha muito clara essa identidade, se era movimento urbano, se era movimento agrário, uns falavam a gente tá ocupando é uma área rural porque é a antiga, inclusive, montou um histórico, né? Que eles procuraram saber, com a ajuda inclusive do, do da CPT levantaram um histórico, ali era uma área inclusive é, de um antigo fazendeiro chamado João Costa, aí esse cara morreu aí começou rolar vários criações de inventários daquela, daquela área então assim, o negócio ficou realmente uma terra sem dono foi criando várias escrituras, conflitos em várias escrituras, aquele conjunto habitacional que foi criado lá, inclusive é bom salientar, né? Tem dois tipos de ocupação,

¹⁹⁶ **Wellington M. R.** Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Flávia Gabriela Franco Mariano. p.1-2.

****A ATRBV é uma associação caracterizada pelo movimento de ocupação rural e esteve presente no processo de ocupação da área próxima ao CEASA, pois essa era considerada uma ocupação urbano-rural, posteriormente o MSTB assumiu o papel de coordenação, unindo outras pessoas que haviam sido despejadas de outras ocupações sendo uma em área arrendada para a usina Capim Branco, outra próximo à uma Serra e a da área próxima a CEASA, indo até o Glória. Fonte: **Wellington M. R.** Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Flávia Gabriela Franco Mariano. p.4-5.

né? Uma feita por imobiliárias e empresas construtoras e outra feita por movimentos sociais, essa lá ninguém quis, questionou, mas pelo que a gente ficou sabendo os caras simplesmente conseguiram entrar lá, o movimento também sabia da situação, digamos, em suspenso daquela área e resolveu ocupar, geralmente é esse o pessoal do movimento tem uma ciência de onde tão ocupando (...).¹⁹⁷

Quanto ao histórico da área da Fazenda do Glória que foi ocupada e o fato de ela ser de posse da UFU, ressaltamos uma série de acontecimentos que identificamos no processo de investigação da pesquisa. Em 2010 a Resolução n.6/2010¹⁹⁸ do CONSUN (Anexo II, com trechos da resolução) já havia destinado a área para “Habitação de Interesse Social” e no mesmo ano o Decreto 12.158 de 26 de março de 2010 da Prefeitura de Uberlândia *“Cria e delimita Zonas Especiais de Interesse Social que especifica para fins de implementação do programa federal “Minha Casa, Minha Vida” na forma da lei complementar n°496, de 02 de julho de 2009(...)”*, delimitando em seu “Art. I – Zeis I o Jardim Glória”. E, no site da Prefeitura Municipal de Uberlândia¹⁹⁹ em 16 de jan. de 2013 constava uma atualização de 18 de jul. de 2011 de informações na seção “Habitação - Próximos projetos” a construção de *“1.700 casas no Jardim Glória (Entre BR-050 a São Jorge) – Programa Minha Casa Minha Vida (...) data de conclusão: projeto aguardando doação de área pela UFU (...)”*. E em 18 de jan. de 2013 a página foi atualizada e a previsão de construção de habitação foi retirada da página no que ficou constando apenas a construção de casas no Jardim Manaim. Em 17 jun. de 2011 o Correio de Uberlândia anunciou o título de matéria publicada pelo jornalista Frederico Silva (2011) que *“Uberlândia terá dois novos bairros até o fim de 2013” ao que ao longo da matéria é apresentada a informação “(...) A área para construção do Jardim Glória foi decretada como uma Zona Especial de Habitação de,*

interesse Popular, segundo o secretário de habitação Felipe Attiê. “Nesse local, só podem ser construídas casas populares. Vamos negociar com a Universidade Federal de Uberlândia (UFU) para adquirir o terreno da melhor forma possível”, disse. O reitor da UFU, Alfredo Júlio Fernandes Neto, afirma que estava ciente do projeto do

¹⁹⁷ K. Casa do entrevistado. Uberlândia (MG). 18 mar. de 2014. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi.p. 6

¹⁹⁸ Resolução n°6/2010 do Conselho Universitário da Universidade Federal de Uberlândia. **Universidade Federal de Uberlândia**. Reitoria. Disponível em <<http://www.reitoria.ufu.br/atasResolucoes.php>>. Acesso em 28 mai. de 2014.

¹⁹⁹ A seção no site da Prefeitura Municipal de Uberlândia a que nos referimos está disponível em: <www.uberlandia.mg.gov.br/?pagina=secretariaOrgaos&s=43&pg=651>. Acesso em: 16 de jan. de 2013 e 18 jan. de 2013.

município, mas, como não foi procurado a tempo, incluiu a área no projeto de ampliação do campus do Glória. “Mas, se for de interesse social, podemos vender a área. Até mesmo trocar em serviços com a prefeitura, já que precisamos fazer asfalto, água e esgoto no campus do Glória”, disse.”²⁰⁰

Notamos que as informações sobre a condição da Fazenda do Glória foram sendo selecionadas de acordo com os momentos de negociação. Selis, funcionário da Secretaria Municipal de Habitação,²⁰¹ avalia os modos como a administração municipal incorporou à sua dinâmica tais questões,

Denise: (...) O que aconteceu com o Decreto que previa a implantação de algumas Zeis na cidade, aquele Decreto que eu comentei com você na semana passada, o número 12. 158 de 26 de março de 2010, você tem conhecimento? Que que aconteceu com ele, porque ficou um pouco estranho, porque ele existe, mas parece que não foi aplicado?

Selis: Bom, você já deve ter ouvido a expressão que tem lei que pega e tem lei que não pega, esse é um Decreto lei que não pegou, então não é porque se constitui uma lei que ela vai efetivamente ser aceita, incorporada, internalizada pela população. Esse é um Decreto que não pegou, o Estatuto das Cidades, uma das mais importantes lei pra cidade, numa perspectiva de democratizar a gestão da cidade, democratizar a terra, no entanto, corre o risco também de não pegar, porque já temos mais de dez anos de construção do Estatuto da Cidade, que dá todos os subsídios para os gestores públicos cumpram e a propriedade cumpra com a sua função social e, no entanto, os gestores públicos têm desconsiderado e é uma lei importante, até porque essa lei, um movimento social da reforma urbana, os movimentos sem-teto de ocupação tem que apoderar dela, tem que apoderar dela e fazer ela valer, que ele sozinho, terão dificuldades de fazer valer em pouco tempo, entendeu? Teria que ter o apoio da justiça, teria que ter o apoio do Ministério Público, que também tem lá, o Ministério Público não tá pra defender de forma imparcial todas as camadas não, o Ministério Público tem lado e tem muito lado estranho.

Os movimentos sociais organizados acabam por estabelecer relações diretas com o poder público municipal provocando um campo de intencionalidades de discussões sobre as ocupações, pois a situação passa a ser um “problema” que deve ser resolvido diante do conflito dos interesses em disputa. Nessa correlação política, notamos formas semelhantes de planejamento de ações entre os movimentos sociais organizados e a

²⁰⁰ SILVA, Frederico. Uberlândia terá dois novos bairros até o fim de 2013. In: Correio de Uberlândia. *Online*. 17 jun. de 2011. Disponível em: <<http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/uberlandia-tera-dois-novos-bairros-ate-o-fim-de-2013/>>. Acesso em: 20 jan. de 2013.

²⁰¹ Ressaltamos que Selis, apesar de representar uma Secretaria específica da administração municipal, apresentou em sua entrevista perspectivas relevantes e representativas de como a gestão contemporânea a produção desta pesquisa lida com questões relacionadas ao tema deste trabalho.

administração municipal ambos, por exemplo, realizam levantamentos sobre as áreas ocupadas. Vejamos o levantamento realizado pelos movimentos,

MAPA HISTÓRICO DAS OCUPAÇÕES URBANAS EM UBERLÂNDIA

AREA	ANO/PERÍODO	Nº FAMÍLIAS (aproximado)	SITUAÇÃO ATUAL
D. ALMIR I	Década de 90	200	Assentamento, mas com pendências de regularização
SÃO JORGE	Década de 90	400	Bairro legalizado
LAGOINHA	Década de 80	150	Famílias em barracos e casas à beira do córrego (APP, favela), ruas sem asfalto, áreas da EMAM
SÃO FRANCISCO e JOANA D'ARC NOVO	2001	300	Bairro irregular
CELEBRIDADE	2002	350	Ocupação parcialmente regularizada
ZAIRE RESENDE	2002	350	Ocupação parcialmente regularizada
PROLONGAMENTO DO PROSPERIDADE	2007	400	Ocupação parcialmente regularizada
MORUMBI II e III, UBERLÂNDIA VIVA	2001	500	Ocupação não regularizada
MORADA NOVA I	2002	200	Área ocupada até hoje, sem pedido de reintegração de posse
MORADA NOVA II	2003	120	Lotes irregulares de 200 m²
MORADA NOVA III	2000	1000	Chácaras irregulares, falta asfalto, água, transporte.
COMUNIDADE BELA VISTA	2001	40	Área de apenas 1 hectare, sem asfalto, falta água. Sem ação judicial, sem reintegração
CHÁCARA BELA VISTA	2002	80	Ocupação não regularizada
TOCANTINS e TAIAMAM	2003	150	Famílias foram retiradas
SAÍDA ARAXÁ, CEASA	2011 - 2012	1500	Parte desapropriada para cemitério, parte continua ocupada, proprietários indefinidos, demandas judiciais, dúvidas cartorárias
FAZENDA GLÓRIA/UFU	2011 - 2012	2200	Em negociação: UFU, PMU, Governo Federal. CONSUM - UFU aprovou acordo com Prefeitura por unanimidade
CHÁCARAS DOURADINHO (12 HECTARES)	2011 - 2012	105	Já negociado, acordo com proprietário
CASAS DO SHOPING PARK	2012	200	Famílias retiradas das casas no ano passado, muitas não atendidas

SANTA CLARA (próximo bairro celebridade)	2013	720	Não tem ação judicial, sem reintegração, proprietários e Movimento estão em negociação
RANCHO ALEGRE (atrás do Canaã)	2013	670	Suposto proprietário e posseiros de 15 anos estão em negociação com Movimento. Não há ação judicial. Movimento fez projeto de loteamento e quer pagar terrenos
FAZENDA MARIMBONDO	2013	620	Não tem ação judicial, ninguém reivindicou a área
DELTA/GRANJA PLANALTO	2013	1500	Tem reintegração de posse, PM planeja desocupação
TOCANTINS	2013	150	Não tem ação judicial, sem reintegração

OBS.: as ocupações de 2013 se deram após as manifestações que ocorreram no país nos meses de junho e julho.

Figura 3 Mapa histórico das ocupações em Uberlândia. Material de pesquisa.

e o levantamento realizado pela Secretaria de Habitação,

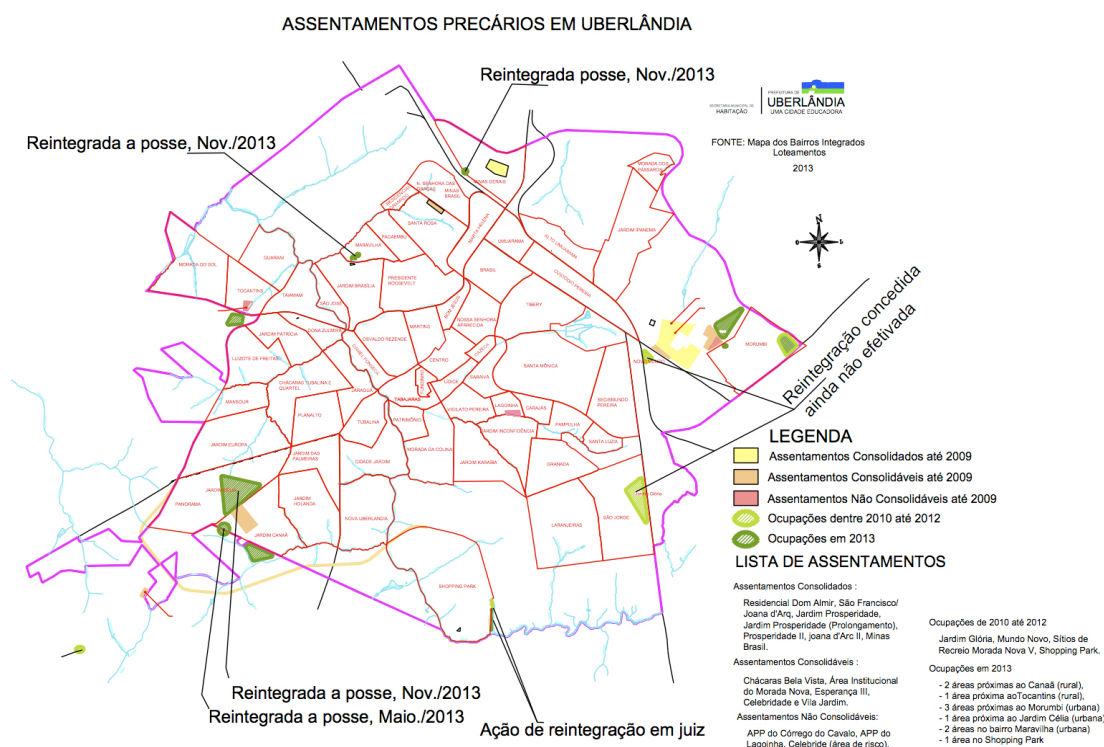


Figura 4 Mapa assentamentos precários em Uberlândia. Fonte: Secretaria de Habitação.

Ambos os mapas apresentam um planejamento de ações. O mapa produzido pelos movimentos sociais organizados faz o levantamento das ocupações com a situação das demandas administrativas e jurídicas para as áreas, relacionando inclusive o número aproximado de famílias, e o mapa produzido pela Secretaria de Habitação utiliza critérios como “assentamentos consolidados”, “consolidáveis” e “não consolidáveis”.

Tal proximidade entre as estruturas organizacionais e de planejamento chama nossa atenção, pois, há a disputa pela instituição de práticas que possam ser efetivas tanto para os movimentos quanto para a administração em um intercâmbio de interpretações. Interrogamos Selis sobre como a Prefeitura age nos casos de ocupação,

Denise: Sobre as ocupações, quando ocorre ocupação na cidade, numa área que tá ociosa, qual que é, como que a Secretaria de Habitação se organiza pra intervir, porque isso não fica muito claro, mesmo lendo o Plano de Habitação ou os documentos que tão disponíveis no site da

Prefeitura isso não fica muito claro, como que acontece? Vocês vão lá, notificam essas pessoas?

Selis: Bom, o município só notifica se for área pública, então a primeira coisa que a gente faz é área pública? É. Essa área tem uma destinação específica pra ela? O poder público, mas o que a gente faz é um contato imediato com a liderança ou com as lideranças, normalmente tem uma ou duas lideranças principal e você vai instruir essas pessoas que ali é uma área institucional o poder público não pode deixar aquelas famílias se estabelecerem ali a tentativa de se estabelecer primeiro, contra a orientação do poder público ela pode vir a perder o investimento então, quando há esse processo de diálogo, normalmente, os movimentos sociais eles acatam, e desocupa, mas a gente entende que essas ocupações ela ocorre pra cumprir no mínimo três objetivos, né?²⁰²

E quanto ao modo como a administração pública interpreta as práticas dos movimentos sociais organizados nos processos de ocupação,

(...) Ela ocorre pressionar o poder público, a dar uma resposta sobre a questão da moradia, ela ocorre pra denunciar os espaços vazios urbanos, denuncia porque tem muitos espaços vazios e que esses espaços vazios precisam cumprir com a função social da terra, porque o estatuto da terra prevê, tanto o estatuto de sessenta e quatro quanto o da cidade, a terra tem que cumprir sua função social, então, ocorre nessa perspectiva de denunciar na minha avaliação ocorre também na perspectiva de contribuir com a formação política daqueles que estão no movimento, ajuda a formar politicamente os mais jovens, as crianças é um processo de formação interessante. Então, assim, a gente assim enxergando na perspectiva desses três elementos, eu, particularmente, acho legítimo os movimentos, legítimas essas ocupações, mesmo que muitas delas não possam se consolidar, mesmo que, por exemplo, quando a gente percebe a ocupação numa área, grandes vazios urbanos, igual já ocuparam essa região do Morumbi, áreas de espólio você tem área lá que você identifica tem dez, dois, três, oito pessoas reivindicando a titularidade da área, essa área num tem dono, essa área tem que ser ocupada por quem precisa de moradia, então eu a sociedade ela tá organizada em classe e a luta de classe, interessante.²⁰³

O discurso que qualifica e expressa as intervenções dos movimentos sociais organizados apresenta aspirações localizadas em uma lógica política articulada. Há como E. P. Thompson (1987, p. 57) nos instiga a refletir, *maiorias sem linguagem articulada, que por definição, deixam pouco registro de seus pensamentos*. De modo que, *se estamos interessados na transformação histórica, precisamos atentar para as minorias com linguagem articulada*. Considerando que, *essas minorias surgem de uma maioria (...)* cuja consciência política pode ser atualmente considerada “subpolítica” (...). Nesse

²⁰² Selis. Secretária Municipal de Habitação. Uberlândia (MG). 18 mar. de 2014. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi. p.4.

²⁰³ Selis. Secretária Municipal de Habitação. Uberlândia (MG). 18 mar. de 2014. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi. p.4.

sentido interpretamos o que é colocado como a importância de um saldo político, como ressignificações obtidas a partir de um sentido de “pedagogia política”, que direciona as razões e motivações dos trabalhadores para um tipo de lógica política articulada. Como Selis aponta em sua fala, ainda que o movimento intervenha em áreas de ocupação que não poderão ser consolidadas há a pressão sobre o poder público, a denúncia dos “espaços vazios urbanos” e, a *perspectiva de contribuir com a formação política daqueles que estão no movimento, ajuda a formar politicamente*. Divergentemente, na perspectiva do ME essa questão tem sido posta à margem pelos movimentos sem-teto mediante a correlação política com o poder público,

Denise: (...) cê acha que os movimentos de reforma urbana eles representam até que ponto as pessoas que, os trabalhadores que vão ocupar esses lugares? (...)

K: É um processo, vou falar, meio dialético assim, por exemplo, as pessoas num plano mais, a maior parte das pessoas que compõe a ocupação, geralmente é um perfil de pessoas que não tem um perfil de experiência com a luta política, que vive uma, uma situação de miserabilidade que dificulta ela ter conhecimento de determinados tipos de assunto, ou de ter acesso, não que sejam pessoas incapacitadas, ou seja, pessoas que, que tem uma condição material de vida, que o que faz elas entrarem na luta é justamente mais essa condição de miserabilidade do que necessariamente uma questão de elucidação política, de consciência, mas ao mesmo tempo você tem pessoas que já tem experiência de movimento que já tem essa consciência, é você pode ter dois tipos de perfis, pessoas que são trabalhadoras do meio, e pessoas que não necessariamente são, trabalhadores, no seguinte sentido, mais próximo ao perfil do movimento, então, vamos supor, as vezes cê pode ter um intelectual lá dentro que às vezes não precisa de casa, tem a sua casa, enfim, tem as suas condições, mas enfim, tá lá, é um agente formulador, e influi no movimento, eh... então essas coisas se encontram, aí o processo da luta, vai, por exemplo, tem uma coisa assim, uma coisa interessante, as pessoas que não tem uma ideia muito clara do que é a reforma urbana, muitas delas acabam construindo essa importância da luta da reforma urbana, não vou dizer que são todas, e hoje em dia, tá difícil de falar que a maioria, e isso tem uma, uma pelo menos um dos fatores de causa disso a forma como o movimento organiza uma ocupação, acho que hoje existe um pragmatismo muito forte em pensar uma ocupação urbana, eh... principalmente pelo perfil ideológico político dos movimentos, das lideranças dos movimentos, é uma relação muito pragmática que tem uma perspectiva menos revolucionária, vamos dizer assim, falam, então, utilizam muito, então criam uma relação base muito bem definida, não tenta explorar, por exemplo, essa questão pedagógica da luta, de emancipação da consciência, ou essa é uma preocupação secundária, então você acaba criando essa diferenciação, dentro desses sujeitos que tão na ocupação, em Uberlândia isso é praticamente acho que o que eu já vi.²⁰⁴

²⁰⁴ K. Casa do entrevistado. Uberlândia (MG). 18 mar. de 2014. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi. p. 26-27.

Notamos certa convergência nas interpretações que analisamos no Capítulo II sobre os motivos ou razões pelas quais os trabalhadores mobilizam sua ação direta. Os sentidos de *pobreza* ou *miserabilidade* que informam sobre a necessidade de determinada pedagogia para qualificar os significados do ocupar, são parecidos com os que deslegitimam a ação dos trabalhadores por sua condição e relações produtivas. A ideia de “luta” e de “denúncia” cria um campo de atuação e intervenção em longo prazo para os movimentos sociais organizados sobre as ações dos trabalhadores.

Interrogamos Nilda sobre como ela avalia as diferentes situações financeiras entre os moradores,

Nilda: Eu acho que isso aí é a cabeça de cada um, aí depende de sabe fazê economia. Porque nós num gastamos a toa, nós num bebe, num fuma, num joga, eu acho que, então todo ser humano tem que fazer a sua parte, pensar, que, se você quer e tem um sonho você tem que lutar por ele, você num pode esperar só os outros vim resolve, a gente depende, de certa forma, do político, a gente depende de, de, das outras autoridade, porque a gente depende duma certa maneira, todo mundo depende. Mas, a nossa vivencia, a nossa convivência é nós mesmo que temo que luta por isso. Fazê economia, saber administrar a vida, num é? Igual você, igual ele, igual qualquer outro, tem que saber administrar sua vida porque fica dependendo de cada um, se eu consegui porque eu tinha vontade, porque eu só sei fazer isso, é o que eu aprendi toda a vida mexer com comércio. É cansativo, é? Aí eu comecei a fazer almoço pro povo do material de construção, aí que que acontece, eu comecei eles almoça com nós, porque eles num mora aqui e eles mora de aluguel lá pra baixo e pra eles i almoça num dava tempo, a “nós vamo almoçar com a senhora, e a senhora no fim do mês nós paga a senhora” e aí começou eles tavam almoçando lá na área, fiz uma área lá, pus uma mesa, aí o pai e filho, aí passa entra “a não, sobrou um pouquinho? Vou almoçar também”, aí vai, agora tem dia que almoça oito pessoa, dez pessoa, quer dizer, aumentou um pouquinho a renda, né? É custoso pra mim, não é fácil é cansativo, mas eu preciso eu gosto, num tenho preguiça, que eu muito bem, “a não, num vou levantar cedo não, pra quê?” já num tenho mais filho pra criar, porque muita gente fala isso, eu num tenho, a gente tem que luta até o último dia da vida, cê num sabe até quando cê vai viver, se cê vai precisar, eu levanto cinco hora todo dia! Eu, meu marido! Pra fazer as coisas, pra hora que o povo chegar ter, o café, o pão de queijo, o salgado, por isso que eu tenho a minha rendinha, todo dia eu guardo um pouquinho, tem que sobrar! Porque todo dia a gente, todo dia cê gasta, se você num trabalha como que cê vai viver? Se você num trabalha, e tem que viver, e tem que comer todo dia, tem que, só pode fazer coisa errada, e não é isso que a gente quer, né? Então essa maneira de menos ou mais pra uns e pra outros não acho que isso aí é depende é de cada um, agora, se tiver emprego, mais emprego, mais oportunidade pras pessoas que precisam trabalhar, aí sim! Aí ajuda, não é? Se é aqui dentro do bairro, tive uma indústria, alguém teve a capacidade de pode montar uma indústria aqui e dá emprego pra dez, vinte pessoa, um monta uma oficina, um monta o

posto de gasolina, que pra isso eu num sei se tem gente aqui que possa mas pode vir de fora e fazer isso aqui dentro, pra ajudar as pessoas.²⁰⁵

Assim, as reivindicações partem de noções políticas e sociais sobre o que é preciso ser construído no bairro por ser um direito e corresponder às noções de cidadania, e não de interpretações apenas sobre as condições materiais dos trabalhadores que são constituídas por discursos que planificam e pacificam os conflitos entre os diferentes interesses que articulam práticas sobre as razões e os modos como os sujeitos compreendem as correlações políticas,

Então nós precisamos é de ajuda nesse ponto, arrumar a rede de esgoto, arrumar as rua, coloca ônibus, aí sim, tá ajudando o povo. Porque você quer... é igual época de, o político chegar pra você e falar procê, se quer o emprego ou um ano de cesta básica? Ué, cê quer o emprego porque comer ninguém morre de fome depois que cresce também não! Num morre quando é pequeno, num é? Agora precisa de ajuda, precisa, muita gente aqui precisa de ajuda, porque tem gente aqui que é doente, que não trabalha, vive com aposentadoria mesmo, num é só aqui não, é em todo canto mesmo, esse lado aí precisa de ajuda, mas dizer assim, que todo mundo, todo mundo não, coitado os coitadinho, a maioria do povo aqui trabalha, trabalha o que precisa é isso.(...) Nós temos esse direito, que os, que a, que os governante olhe pra nós como gente, como ser humano, como cidadão. Porque, não temos o direito de votar? Nós num vota? Num somo excluído do voto, todo mundo, hoje é quase que uma obrigação.²⁰⁶

Tais interpretações acerca dos modos como são vividas na realidade as condições materiais dos trabalhadores foram notadas em entrevista publicada na matéria “Dia de Natal sem Papai Noel, mas com muita alegria” de Marcelo Calfat²⁰⁷ pelo Correio de Uberlândia, pedimos licença para apresentar esse trecho que apesar de tratar de um bairro que não se relaciona diretamente com os que temos trabalhado até aqui, também é fruto da ação direta dos trabalhadores e localiza-se na região Leste da cidade. Esse trecho é relevante porque apresenta também a fala de moradores sobre doações que receberam na

²⁰⁵ **Nilda.** Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi.p.16-17

²⁰⁶ **Nilda.** Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi.p.2 e 20.

²⁰⁷ CALFAT, Marcelo. Dia de Natal sem Papai Noel, mas com muita alegria. In: **Correio de Uberlândia.** Cidade & Região. Periferia – Dura Realidade. A4. Ano 73, n° 22.538, 26 nov. de 2011.

época do Natal ao serem entrevistadas pelo Correio de Uberlândia em outros bairros também, como o Prosperidade,²⁰⁸

(...) Moradora de um assentamento no bairro Prosperidade, zona leste da cidade (...) no barraco de chão batido, montado com pedaços de madeira e lona, vivem seis pessoas. Todos dormem no chão do mesmo cômodo. (...) mesmo com dificuldade financeira Flávia Rodrigues está sempre alegre “Eu penso que tem gente em situação pior que a minha. Por isso dou valor a vida e a tudo que tenho. Temos que pensar no próximo e ajudar quando for possível”, afirmou. Esta e outras famílias de bairros da periferia que não tiveram um Natal farto ensinam que se deve dar valor às pessoas em vez dos bens materiais. “Temos que abraçar as pessoas, mesmo os drogados ou doentes. O governo não vai resolver tudo. Por isso a população tem que estar unida e se ajudar”, disse o aposentado Gonçalves dos Santos, 61 anos que teve a comida da véspera de Natal doada por pessoas que passaram pelo bairro Prosperidade. “Foi o arroz e o feijão, mas o suficiente para nós. A vida é tão boa que só de estarmos vivos já é motivo de alegria”, disse Santos que mora com a mulher e os dois filhos.²⁰⁹

Temos que abraçar as pessoas, mesmo os drogados ou doentes. O governo não vai resolver tudo, ou tem gente em situação pior que a minha, (...) temos que pensar no próximo e ajudar tanto quanto for possível, essas falas expressam certas categorias sociais. Além de nos falar muito sobre o jornal e sobre o momento vivido, tal retrato social aponta para interpretações de que mesmo com a vivência de certas relações sociais e produtivas desiguais – injustas, a *alegria*, mesmo *sem o Papai Noel*, supera-as de modo que “tudo” o que os trabalhadores vivenciam diante dessas relações se resume a ensinar *que se deve dar valor às pessoas em vez dos bens materiais*.

Como vimos nos Capítulos I e II os trabalhadores elaboram a compreensão sobre sua ação mediante as relações que vivenciam na realidade e não em um campo de disputas organizado por uma lógica política maior, “luta” pode significar a construção de lógicas e modos de vida a partir de relações mais justas. Para os movimentos sociais organizados “luta” é o emprego de uma prática permanente, há um objetivo definido de enfrentamento a certas relações efetivamente dominantes. Nesse sentido, interrogamos

²⁰⁸ Para maiores informações sobre a área do Prosperidade ver: FREITAS, Cláudia Maria de. São Franciso/Joana D’Arc: uma descrição da paisagem e de seus atores. In: **Regularização da ocupação urbana em Uberlândia: loteamento São Francisco/ Joana D’Arc – uma contribuição.** – 2005.p.68-74 Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia. Dissertação Instituto de Geografia. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/123456789/1112>>. Acesso em: 04 nov. de 2013

²⁰⁹ CALFAT, Marcelo. Dia de Natal sem Papai Noel, mas com muita alegria. **Correio de Uberlândia.** Cidade & Região. Periferia – Dura Realidade. A4.Ano 73, n° 22.538, 26 dez. de 2011. Disponível em: ArPu Correio 012/2011 400.

sobre como K. avalia até que momento o movimento considera que sua intervenção *nas ocupações* e, na perspectiva dos movimentos sociais organizados, *com os trabalhadores* ocorre,

Denise: (...) eh... essa questão do pós-assentamento, cê já chegou a acompanhar? Porque até que ponto é hora do movimento ficar no assentamento? No bairro? Existe esse momento ou não?

K: Existe. Na própria discussão que eu já fiz com os movimentos isso aí eu acho que é tanto dos sem-terra quanto movimento de reforma urbana, sem-teto, eh... o movimento ele tem uma, ele tem uma característica que ele é uma, digamos assim parte político da luta pra ter um acesso, mas a medida quando você regulariza e você tem o acesso, você tem uma, uma, queda primeiro, da participação do movimento, e de certa forma perdendo a legitimidade do movimento, eh... o movimento de certa maneira ele é visto, de certa maneira, ele serve pra ocupar e garantir, e fazer o processo de, de regularização das áreas, o cumprimento da função social, depois que isso é conquistado, as pessoas, as ocupações elas tendem a ganhar uma dinâmica mesmo de simplesmente, de, principalmente as áreas de o assentamento urbano serem bairros mesmo, se constituírem como bairros e aí nesse sentido, no meu entendimento, de, perca dessa legitimidade do movimento ter uma, uma influencia sobre o território a ponto de, de pensar a dinâmica não né? Enfim, tanto é que quando sai o , o pessoal do movimento aqui, sem-teto, costuma falar quadradinho, por que que fala quadradinho? Porque quando o qua.. o terreno, ou o lote, né? As pessoas tendem a partir pela perspectiva, da qual ela já da qual é a da sociedade, individualista mesmo, vai pega o bairro pronto, conquistei minha meta, não preciso mais fazer luta política, isso é uma dificuldade, porque o movimento ele tenta colocar que depois de, depois de ocupar de regularizar tudo a gente tem que fazer outras lutas, a gente tem que trazer o serviço urbano, tem que trazer o postinho, só que isso vai, já não vai convencendo muito as pessoas, o que a gente já tem de relato dos próprios movimentos, pessoal que já tem experiência com isso e fala, tanto que a gente já vê assim, já fala. E o bairro quando ele já tem a característica de bairro, como a gente diz, já vai sendo integrado à dinâmica da cidade, outros agentes vão entrando e disputando espaço, no caso da gente que é da esquerda a gente fala dos agentes da maioria dominante, assim né? Então cê entra as igrejas, entra os parlamentares, entra os empresários, então vai entrando outros sujeitos que quando é momento de ocupação, que não tá integrado eles têm uma dificuldade de integração, talvez tirando a igreja, mas a igreja também ao mesmo tempo ela tá querendo se, se construir ali né? No processo.

O olhar para as ações diretas dos trabalhadores em uma lógica dependente do movimento para que a “luta política” ocorra é também atribuir ares de sujeição às suas trajetórias. Se a consciência é de classe, só pode emergir de sua própria experiência e dos modos pelos quais ela é vivida, as pessoas não vivem “no movimento” ou “formam-se militantes”, ou ainda, precisam aprender sobre as condições que elas mesmas vivenciam. Wellington comentou sobre as dinâmicas de coordenação do assentamento,

Flávia: Que, como que cês fazem pra coordenar a ocupação? Até porque é muito grande, né?

Wellington: É, tem tudo quanto é forma ali pra gente manter um meio de comunicação eh... mais fácil, [inaudível], mas num conseguimos, hoje tem um grupo de cinco pessoas lá, que coordena o Glória, lá dentro, né? A maioria dessas pessoas são pessoas que também são comerciante, então pelo fato de tá direto na comunidade consegue, entender o problema e assimilar todos os problema que a comunidade tem, porque o camarada vai comprar “a tem um, a roubo ali, um corto a água”, então entender melhor de que eu que não consigo ficar vinte e quatro quarenta e oito lá dentro, né? Então hoje é um grupo de cinco, mas nós já chegamos a ter quarenta e oito coordenadores lá, representante por quadra! Só que o pessoal muito descrente, o povo sem, o povo muito individualista, resolveu o problema dele ele tá pouco me lixando, num interessa mais em fazer luta, então... o grande problema que nós temos hoje com a comunidade é trazer os companheiros de volta pra luta, né? Trazer novamente, as lutas que acontece na região é difícil cê tirar companheiro lá dentro pra participar, ficou uma coisa muito unitária, muito individual da própria comunidade, mas também a gente sabe que isso é um tempo que passa, e é óbvio que talvez vai chegar um momento que a gente vamo conseguir, vamo conseguir manter uma, uma unidade melhor lá dentro (...)²¹⁰

O que os movimentos avaliam como uma “lógica individualista” está imbrincado nas relações produtivas experimentadas pelos trabalhadores, que estão sujeitos, em certa medida, às pressões e influências provocadas pela intervenção dos movimentos sociais organizados, assim como do poder público, ou de uma série de práticas e intervenções que são efetivas na sociedade. Pois, as relações estabelecidas são recíprocas até que os objetivos da ação direta dos trabalhadores sejam atingidos, isso não necessariamente indica um sentido “individualista”, mas pode direcionar nossos olhares para sentidos mais amplos do que os do “movimento”, para significados de comunidade,²¹¹ porquanto os

²¹⁰ **Wellington M. R.** Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Flávia Gabriela Franco Mariano. p. 15.

²¹¹ *Comunidade [community] ; (...) Uma distinção comparável é evidente nos usos de comunidade de meados do Século 20. Em alguns deles, foi-lhes conferida uma agudeza polêmica, como em política comunitária, que se distingue não apenas de política nacional, mas de política local formal e, via de regra, envolve diversos tipos de ação e de organização local diretas, “trabalhar diretamente com as pessoas”, e como tal se distingue de “serviço para a comunidade”, que tem um sentido mais antigo de trabalho voluntário suplementar à provisão oficial ou ao serviço pago. A complexidade de comunidade, portanto, diz respeito à difícil interação entre as tendências originalmente distintas no desenvolvimento histórico: por um lado, o sentido de um interesse comum direto; por outro, a materialização de diversas formas de organização comum, que pode ou não expressá-la de maneira adequada. Comunidade pode ser a palavra calidamente persuasiva para descrever um conjunto existente de relações, ou a palavra calidamente persuasiva para descrever um conjunto alternativo de relações. O mais importante, talvez, é que, diferentemente de todos os outros termos de organização social (Estado, nação, sociedade etc.), ela parece jamais ser usada de modo desfavorável e nunca receber nenhum termo positivo de oposição ou de distinção.* WILLIAMS, R. Comunidade. In: **Palavras-chave**. 2007, p. 104

trabalhadores continuam na área ocupada mesmo depois que o movimento social organizado não encontra mais seu território de legitimação sobre as demandas imediatas da vida material dos trabalhadores. A necessidade de uma organização pedagógica sobre os viveres dos trabalhadores se institui mais como uma forma de ratificar uma lógica dominante e ao mesmo tempo marcar um território de conflito frente às relações que esta institui. Por sentidos outros dos que o “movimento” espera organizar, a lógica das relações produtivas segue sendo questionada pela presença e resistência dos trabalhadores.

As relações entre os movimentos sociais e o poder público também são recíprocas, na medida em que um precisa do outro na efetivação de seus interesses. Selis, ao ser interrogado sobre determinada reconfiguração no perfil dos ocupantes, diz sobre essa reciprocidade entre o movimento e as dimensões do poder público como um espaço de disputa,

Porque, o poder público, isso é importante, ele é um espaço de disputa permanente e as camadas populares precisam se organizar pra disputar as políticas públicas, porque se ele não se organizar para disputar as políticas públicas, as políticas públicas para atender as camadas mais populares ficam capengas, então grande parte das políticas públicas mais arrojadas são frutos da mobilização e da construção coletiva vinda de baixo pra cima. Então, o próprio programa Minha Casa Minha Vida ele é resultado disso, ele é um resultado de acúmulo de pressão dos movimentos urbanos por moradia que vem se acumulando aí desde a década de 70, que se concretizou o Ministério das Cidades com o Presidente Lula e que se concretizou no programa Minha Casa Minha Vida. Da minha avaliação é um dos programas mais importantes do Governo Federal, eu acho que é tão importante quanto o Minha Casa Minha Vida é o PROUNI, programa de educação que o Brasil tá implementando. Então, é eu vejo que, que o movimento tenha essa nova configuração porque também ampliou a consciência.²¹²

Na interpretação do poder público, a organização produzida pelos movimentos sociais preenche a lacuna da comunicação *capenga* que a administração municipal não consegue estabelecer, o movimento é constituído como uma espécie de *tradutor* das demandas das *camadas sociais mais populares* na medida em que pauta as políticas públicas de “baixo pra cima” e sua atuação é importante, pois, faz emergir a discussão destas políticas *sobre/para* a classe trabalhadora.

Nesse sentido, destacamos que o documentário “Os valores culturais e o acesso à moradia: São Francisco de Assis e Joana D’Arc” é finalizado com uma narrativa que

²¹² Selis. Secretaria Municipal de Habitação. Uberlândia (MG). 18 mar. de 2014. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi. p.11.

mobiliza e retoma interpretações sobre o *merecimento*, a *cidadania* e apresenta os trabalhadores com *um povo sofrido, trabalhador e humilde*,

Os bairros São Francisco de Assis e Joana D’Arc vão escrevendo sua história de luta e conquista de um povo sofrido, trabalhador e humilde Homens, mulheres e crianças que erguem tijolo a tijolo a realização de um sonho. Um sonho de dignidade, cidadania, conquista. Uma sociedade oculta e esquecida que resgatou com a força do trabalho e a vontade de vencer o direito de ser respeitada e reconhecida como cidadã. (...) Essa história, que vem sendo construída pelos moradores sem-teto de Uberlândia é um marco na conquista de moradia digna e da cidadania de um povo. Treze outros acampamentos existem em Uberlândia e sabemos que a realização deste sonho, só será verdadeira quando sabemos que a realização deste sonho, só será verdadeira quando cada pai de famílias, cada morador, cada criança e jovem pegarem em suas mãos, a escritura de seu terreno. E, para que o final feliz exista de fato precisamos continuar a sonhar, continuar escrevendo uma história de luta. Parabéns a todos aqueles que ousaram sonhar, que lutaram e conquistaram a terra para construir seu teto.²¹³

Não estamos negando as condições precárias nas quais vivem muitos desses trabalhadores, mas interpretando que é sua ação direta e resistência que institui outras relações, não porque são *humildes* com uma experiência sofrida, que são necessários da organização de outro tipo de entendimento sobre a sua luta, ou que são completamente sujeitos às condições estabelecidas pelas relações *econômicas*. O tema da moradia inserido em uma lógica política dominante intenciona um *final feliz* que ocorre com a obtenção da escritura, o atendimento à reivindicação, e não com a mudança ou transformação social. E, como vimos na Figura 3 “Mapa histórico das ocupações em Uberlândia”, muitos assentamentos continuam a existir por décadas mesmo sem a regularização.

Ao voltarmos para a perspectiva dos trabalhadores Nilda diz sobre alguns dos significados elaborados a partir da idéia de conquista da moradia, da importância de resistir,

(...) Porque hoje se eu luto por uma casa, num é nem tanto pra mim, eu já penso no meu neto, que amanhã ele precisa, eu tenho um neto, aí depois se ele não tiver onde morar, quando ele chegar na idade duma faculdade comê que vai pruma faculdade, se ele paga o aluguel, num dá conta! Então é isso que a gente tá aqui lutando mesmo pela suas

²¹³ **Os valores culturais e o acesso à moradia:** São Francisco de Assis e Joana D’Arc. Canal da ABIU – Associação de Bairros Irregulares de Uberlândia. 9p. Duração: 00:23:49. 22 set. de 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=pG0aYE1pAFc>>. Acesso em 14 out. de 2013. Material de pesquisa. p.7-9.

moradia, todo mundo! Todo mundo e nós queremos isso mesmo, que isso aqui dê certo, que saia, que a gente tá aqui os papéis, pode levar um anos, dois anos, e, e arruma as ruas, e arruma a água, a luz pra gente, eu acho que vai ser bom demais. Tem gente aqui só de pensar de saí já entra em crise, passa mal, só de pensa, pra onde que vai?²¹⁴

Interrogamos K. sobre se os processos de ocupação organizados pelos movimentos sociais organizados é construída como uma alternativa para os trabalhadores,

Denise: (...) Você acha que, se não tivesse a ocupação, pra onde essas pessoas iriam? Elas iriam pra ocupação?

K: Eh... esse é o campo da hipótese, né? A gente fala, não iria... daria um jeito a gente até pode usar.

Denise: Por exemplo, as que não vão e que estão na mesma situação

K: Não, elas tão morando de aluguel, muitos dos relatos a gente assim ó, “qual que é a situação sua hoje?”, “morava de aluguel, morava no fundo da casa da minha mãe, então dividia a casa com a minha mãe, a tia, a cunhada num sei o que”, eh... é um pouco isso assim, elas dão um jeito, tanto é que quando são despejadas das ocupações, elas muitas vezes, vão procurar os familiares que tão morando ou os amigos, quando não tem familiares, mas eu vejo que assim não tem como não acontecer ocupação em Uberlândia, o problema é esse. A questão é não tem como não acontecer ocupação em Uberlândia! É uma contradição de uma cidade organizada, né? Nessa questão do capital, da concentração de imóveis, da especulação imobiliária, da situação da própria classe trabalhadora na cidade, não tem como não falar que não vai ter ocupação urbana, como eu já tá registrado aí na teve experiências disso, aconteceu ocupações sem ter intervenção de movimento, a do caso das casas lá da Caixa Econômica num teve ninguém que sentou e planejou, ninguém um grupo, digamos uma vanguarda uma elite que virou e falou assim, “não, vamos ocupar e tal” acontecendo e tal. Por que? Porque tá a cidade e um tanto de contradição nessa questão muito forte, e não é só de Uberlândia não, médias cidades e grandes cidades, no país inteiro, né? Então, é isso. Eu num vejo uma situação que não aconteceria ocupações isso não tem a ver quando falam, por exemplo, que a é a prefeitura que, o governo do PT que tá incentivando ocupações, ou quer dizer, que tá criando ocupações, né?

As imagens finais do documentário “Os valores culturais e o acesso à moradia: São Francisco de Assis e Joana D’Arc” mostram atividades desenvolvidas em maio de 2004 para os trabalhadores como campeonato de futebol, pedalada, torneio de sinuca, jogo de damas, corte de cabelo, atividades sócio-educativas com a PM, capoeira, dança (em um palco com um cartaz com os dizeres “esta atividade cultural conta com o apoio

²¹⁴ **Nilda.** Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi.p.9.

da Petrobrás-BR”), rap, dança na rua e churrasco. Chamou-nos a atenção a trilha sonora para essas imagens que é a seguinte,

Bandeira única

Eis aí o retrato
E vou fazer o relato, dos sem teto sofredor

“Que luta pra sobreviver
Entre a luta e o poder
Que tem a burguesia...

Morando em barraco de lona
Que diferença faz
Morando na periferia
Direitos iguais
Não importa sua cor, religião
Somos irmãos...

Não queremos dividir
Apenas somar e unir
Sociedade oculta
“Mostrar a realidade...
Outro lado da cidade deste
Povo sofredor...”

Queremos um lugar
Um chão, um teto pra morar
Dignidade de vida, nos falta
Emprego e o pão
Calejadas nossas mãos
Pedimos força e união²¹⁵

Esta composição, produzida por Marlene Santos²¹⁶ Presidente da Associação dos Moradores do bairro São Francisco de Assis incorpora elementos da narrativa de encerramento do documentário que citamos e mostra, como as ações dos trabalhadores são também modeladas pelas práticas e discursos do movimento social organizado,

²¹⁵ A indicação da autoria da música foi encontrada em referência a processos criativos dos moradores desses bairros para lidarem com as adversidades cotidianas com o empreendedorismo, o fato de Marlene presidir a Associação não aparece nas entrevistas realizadas por Cláudia Maria de Freitas, mas no documentário. Ver: *Outro destaque é a Bandeira única, de autoria de D. Marlene Santos (uma das primeiras moradoras do São Francisco e atual presidente da associação de moradores)*. FREITAS, Cláudia Maria de. São Francisco/Joana D’Arc: uma descrição da paisagem e de seus atores. In: **Regularização da ocupação urbana em Uberlândia: loteamento São Francisco/ Joana D’Arc – uma contribuição.** – 2005.p.108. Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia. Dissertação Instituto de Geografia. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/123456789/1112>>. Acesso em: 04 nov. de 2013.

²¹⁶ Ver nota n. 141.

incorporando termos como *burguesia*, *sociedade oculta*, *sem-teto sofredor*, os quais, em geral, não aparecem nas falas dos trabalhadores quando conversamos sobre os motivos pelos quais ocupam. Chamou-nos atenção também que tal composição tenha sido escrita em uma atividade voltada para que os moradores do bairro lidem com *as adversidades cotidianas com empreendedorismo*.²¹⁷ Tal fato nos faz recordar das atividades desenvolvidas nesses bairros como reciclagem de materiais recolhidos nas ruas, artesanato e costura.

Observamos que noções como o *direito de ocupar*, o *latifúndio*, a *burguesia*, o *merecimento* são permanentes nas narrativas dos movimentos sociais organizados. O confronto entre nossas fontes, o documentário e a dissertação de Rosângela Maria Silva Petuba, “Pelo direito à cidade: experiência e luta dos ocupantes de terra do bairro D. Almir (1990-2000)” que investigou o processo de constituição do bairro Dom Almir, passando pelos bairros Seringueiras e Prosperidade, todos na mesma região de bairros como São Francisco/Joana D’Arc, Elisson Prieto, São Jorge, possibilitou notarmos os modos de entender o processo de ocupação pela ótica dos trabalhadores. A autora, ao abordar as experiências dos trabalhadores na ocupação nota que há *um forte senso de transgressão legal*,

Djalma lembra-se da vez em que ocuparam a prefeitura com a palavra de ordem “Não somos invasores, somos trabalhadores!”. Na prática, o termo era fortemente repellido, quando associado à imagem de baderna, vadiagem e, principalmente, de roubo da terra, mas, mesmo quando não foi mais possível continuar a luta por meio da lei, ou seja, pela negociação do loteamento ou da casas, as pessoas continuaram a ter um forte senso de transgressão legal.²¹⁸

Djalma diz que não é uma invasora, é uma trabalhadora, e é assim que notamos que os trabalhadores que entrevistamos se posicionam não necessariamente no contexto do movimento social organizado, mas em seu próprio contexto, a partir de *suas próprias*

²¹⁷ Ver nota n. 215.

²¹⁸ PETUBA, Rosângela Maria Silva. **Pelo direito à cidade : experiência e luta dos ocupantes de terra do bairro D. Almir. Uberlândia (1990-2000).** Dissertação. UFU: 2001. p. 50. É interessante observamos que na seção final do trabalho de Petuba, ela narra uma outra ocupação que ocorreu *Na madrugada do dia 02 de janeiro de 2001, data da posse do atual Prefeito de Uberlândia, o sr. Zaire Resende – cuja candidatura e vitória eleitoral foram aclamadas, e festejadas por diversos setores da esquerda da cidade, boa parte alocada no Partido dos Trabalhadores e Sindicatos Cutistas - , um grupo de mais ou menos 90 pessoas, mulheres, homens, crianças, trabalhadores sem-teto e desempregados, ocuparam uma das últimas áreas vazias da Fazenda Marimbondo, causando surpresa em alguns setores “progressistas” da cidade por não terem esperado o Prefeito tomar posse e ido “conversar ”para discutir a situação.* (p.106). A ocupação a qual a autora se refere é mesma que o documentário narra alguns anos depois.

experiências. A condição de trabalhador não está implícita na condição de oposição radical a outras condições dominantes, como o latifúndio, ainda que tais relações sejam colocadas em xeque diante de determinadas ações dos trabalhadores. A “luta” adquire significados e razões diferentes dentre seus atores.

A autora avalia essa questão e atribui significados à ação dos sujeitos ao considerar o uso dos termos invasão/ocupação pelos trabalhadores. Termos comumente utilizados por grupos de posicionamento político de direita/esquerda em um questionamento sobre a lei de que “invasão” é um termo que ratifica as práticas do latifundiário ao passo que “ocupação” legitima as práticas dos movimentos sociais organizados,

Por outro lado, e realmente não acredito que isso seja contraditório, havia também uma sensação de que o direito dos proprietários podia ser contestado diante da terra vazia.

Mesmo assim, em nenhum dos depoimentos colhidos houve a afirmação de se ser um ocupante de terra, ou o movimento ser visto desta forma, pelo contrário, a expressão utilizada o tempo todo era invasão.

Contudo é possível que a utilização de um termo em lugar do outro seja mais importante para mim do que para eles. Talvez para esses homens e mulheres, mergulhados em situações que envolviam sua própria subsistência e a garantia de seus direitos mínimos na cidade, fizesse muito pouca diferença se estavam ocupando ou invadindo. Sua prática mudou o cenário da cidade, não porque eles tivessem isso como meta definida, e embora esse fosse um discurso corrente na época, devido ao processo constituinte de 1988, eles não eram militantes da reforma urbana, mas suscitaram a discussão sobre a miséria e a opulência na cidade, remexeram a velha ferida do uso e da posse da terra urbana, e colocaram de forma prática, concreta e contundente, a velha pergunta: “Prá quem é feita a cidade?”.²¹⁹

Petuba analisa um período anterior (1990-2000) ao desta pesquisa, no qual o perfil dos ocupantes, como mapeia a autora, era o de pessoas do trabalho no campo, constituindo viveres urbanos e partindo para a ação direta com o sentido de permanência na cidade, diferentemente do período que abordamos, os doze anos seguintes, no qual percebemos um trânsito frequente entre trabalhadores do “campo” e trabalhadores da “cidade”.

Tal mudança de perfil, reconfigura também as formas de compreender as ocupações urbanas e as rurais, ao passo que, nas ocupações rurais é mantida a compreensão de períodos de ocupação (momento de entrada na terra), assentamento

²¹⁹ PETUBA, Rosângela Maria Silva. **Pelo direito à cidade** : experiência e luta dos ocupantes de terra do bairro D. Almir. Uberlândia (1990-2000). Dissertação. UFU: 2001. p. 50-51.

(momento de estabelecimento) e efetivação da posse acompanhando outro ritmo de vida ligado às questões do campo e ao confronto direto, em geral, com os proprietários das áreas ocupadas, seus capangas etc., de modo que os períodos figuram espaços onde é possível, aos movimentos sociais organizados, por exemplo, atribuir ritmos e momentos aos *modos de viver e resistir* dos trabalhadores²²⁰. A noção de *ocupação* em áreas urbanas é constante de modo que, a resistência dos trabalhadores configura-se na sua presença e na moradia, e segue ritmos e períodos que são influenciados pelo contexto e dinâmicas *do viver* em área urbana.

Selis, ao ser interrogado sobre, argumenta em sua fala,

Denise: Semana passada você comentou uma coisa interessante que foi a reconfiguração das pessoas que vão pra essas ocupações, por exemplo, antes as pessoas não iam com a sua família e depois de determinado momento, cê citou, mais ou menos nos anos noventa, isso passou a acontecer, você poderia só comentar um pouco sobre isso? Por que você situa nos anos 90 e como você percebe essa mudança?

Selis: Eu num lembro de eu fazendo essa separação, quando o cidadão ocupava só, e quando passou a ir com a sua família, mas assim dá pra fazer um recorte, eu acho que dentro do movimento social pegando a realidade de Uberlândia, né? Pensando nas grandes cidades São Paulo, Belo Horizonte... Mas, por exemplo, uma coisa que a gente percebe nitidamente é que o movimento sem terra, o movimento de luta camponesa e o movimento da luta urbana eles unificaram, tá? Então você vê tanto famílias, a mesma família, ela tá militando no meio rural e ela tá militando no meio urbano, eu acho que, na perspectiva do movimento esse é um avanço porque o que está em questão é o acesso a terra, acesso à terra, independente se seja pra morar ou pra produzir, o que está em questão na minha avaliação é uma tomada de consciência das camadas populares é que a luta é uma só, independente que seja no campo ou na cidade então isso dá pra ver claramente que tem acontecido nos últimos tempos (...)²²¹

No perfil dos sujeitos notamos as mulheres (maioria dentre as pessoas que entrevistamos) com maior ênfase nos últimos anos na resistência nos processos de ocupação de terras. Selis percebe essa mudança,

²²⁰ Sobre as particularidades e complexidades estabelecidas por tais dinâmicas e relações ver: ALMEIDA, Paulo Roberto de. "Cada um tem um sonho diferente": histórias e narrativas de trabalhadores no movimento de luta pela terra. In: **Outras histórias** : memórias e linguagens / [organização de] Laura Antunes Maciel, Paulo Roberto de Almeida, Yara Aun Khoury. – São Paulo : Olho d'Água, 2006. p. 44-60.

²²¹ **Selis**. Secretaria Municipal de Habitação. Uberlândia (MG). 18 mar. de 2014. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi. p.11.

(...) agora, o que a gente percebe também é, acompanhando o ano passado sobretudo, muita mulher chefe de família, assumiu a bandeira da luta por moradia, às vezes ela é sozinha, só ela e os filhos e ela vai e arma seu barraco e faz a discussão e resiste a ocupação, eu acho esse um grande avanço dentro da minha experiência que acompanhei movimento, os movimentos sociais sobretudo da reforma agrária na década de 90, a gente não via isso, as famílias, a família, a mulher mãe de família ir para as ocupações com tanta força igual hoje, eu percebo isso e acho isso um aspecto extraordinário, né?²²²

K., ao ser interrogado sobre quem eram as pessoas que encontrava ao acompanhar as mobilizações nos assentamentos diz sobre o perfil e os modos de se estabelecerem na ocupação,

Enfim, nas conversas que a gente tinha, o perfil... o, o perfil das pessoas eram, acho que não é muito diferente do que você deve ter encontrado nas ocupações, né? Tem um traço comum, pessoas trabalhadoras, assalariadas, outras inclusive muitos delas, no campo informal, né? Que faz bicos ou que trabalha na construção civil, boa parte, muita muitos homens, né? Cê vê que existe uma, num dá pra dizer a maioria mas existe um número razoável de homens que trabalham na construção civil, isso é assim, um traço interessante da gente ver. É, muitas mulheres, muitas mães jovens, ou é jovem ou é idoso, em termos de mulheres assim, o corte das mulheres, era um número assim que chamava mais a atenção, tanto é elas assim que permaneciam mais na ocupação, porque elas muitas delas não desenvolvia atividade de trabalho. É, e aí pessoas que viviam de aluguel não tinha uma, não tavam tendo conta... isso ía, isso ía pesa muito no salário e a possibilidade de ter uma casa fazia com que elas, as pessoas que tavam lá, né? Então a gente tinha experiência, muito, muitas histórias convergiam muito nesse aspecto assim, era, “a porque eu pago aluguel e aí, tá difícil uma possibilidade a gente ver e tal, né?” às vezes vinham famílias inteiras é, essa coisa também, a mãe pega dum lote dum lado, a filha do outro a sobrinha reserva um lá no fundo então é tudo isso também, tem isso!²²³

Sobre a distribuição de terrenos no assentamento e os modos pelos quais os trabalhadores ficam sabendo da ocupação a fala de K. auxiliou a compreendermos melhor esse processo,

Denise: E como, você sabe comentar assim, como que o movimento lida com isso? Por exemplo, porque lá no Glória, as pessoas que a gente conversou, entrevistou, elas disseram que houve a distribuição certinha

²²² **Selis.** Secretaria Municipal de Habitação. Uberlândia (MG). 18 mar. de 2014. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi. p.11.

²²³ **K.** Casa do entrevistado. Uberlândia (MG). 18 mar. de 2014. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi. p. 8.

dos lotes, então pra elas, chegar e ficar lá no assentamento tinha que conversa com a coordenação pra ter o lote.

K: É.

Denise: Designado.

K: Isso não é, então, essa dinâmica às vezes inclusive pra gente que não é do movimento inclusive, eles não, não abrem muito assim, mas a gente sabe no geral, é que eles sempre procuram trabalhar com uma espécie de censo. Enfim, começa o seguinte, a ocupação com o grupo já organizado anteriormente, então já tem um grupo que eles fazem o trabalho de base nos bairros, aí junta essa galera e faz a ocupação, geralmente não é um grupo numeroso, como fica depois da ocupação. Ela cresce depois da ocupação, então geralmente é um grupo de pessoas, quando elas ocupam, a notícia corre, inclusive as próprias pessoas que vão ocupar dão as notícias via família o negócio vai, vai espalhando, inclusive, o engraçado eu tava dando aula [em uma escola] um dia tava de manhã e aí, uma daquelas última ocupação que teve lá no Jardim, lá na granja, na antiga granja lá, eu tava dando aula, de repente o menino do fundo começou a comentar com o outro assim, dentro da sala de aula “o meu tio tá ocupando lá, a gente...” e aí, eu imagino que a coisa vai mais ou menos por aí assim, quando vê espalha e aí começa a vir muita gente, (...) é, procurando a coordenação do movimento é, e se propondo a, a ocupar também, é, o movimento então sempre, aí varia nas metodologias, mas existe, eles tem uma espécie de controle, né? É, alguns estabelecem uma coisa do tipo “a, enquanto tiver terreno vago e for chegando gente vai colocando”, mas aí, nesse processo tem uns que estabelecem metodologia do tipo assim, que a gente já viu, “não é só pra cercar o terreno é pra vim pra, pra morar no, no, no lote porque isso faz processo da luta”, gente que tipo é mais é e coloca isso como critério mais fundamental, e que a gente já viu mais de uma ocupação, mais de um movimento uns que já não, não colocam isso a princípio como um critério, no CEASA lá, no início, na verdade é, na verdade é a coordenação do movimento pra ela não é interessante ter pessoas não morando na ocupação, na verdade há uma pressão, todos os movimentos há uma pressão pra que more, só que aí eles criam estratégias das mais variadas pra lidar com isso, mas às vezes, as pessoas, elas não querem ir pra lá de imediato, até pelo pro... pela questão, é... das condições mesmo materiais da ocupação, às vezes chega lá e só tem o terreno, tem que capinar, não tem energia, não tem água, isso vai chegando só depois que eles vão criando a dinâmica de ocupação, e às vezes enquanto não chega isso, eles não ocupam, isso é uma coisa que tem essa dificuldade assim, cê vê que os caras vão nesse processo, a coordenação, geralmente, dos movimentos tenta colocar isso, essa importância, na verdade, é geral, toda assembleia o pessoal coloca ó “tem que morar, tem que morar, se não morar a gente vai tirar”, aí nesse sentido eu já vi movimentos mais tolerantes e outros menos tolerantes. (...)²²⁴

Vale registrarmos que, como K. aponta, o estabelecimento de critérios para a distribuição dos lotes compõe uma dinâmica particular de cada área, ligada também às condições materiais para a resistência dos trabalhadores. Quanto aos critérios utilizados

²²⁴ K. Casa do entrevistado. Uberlândia (MG). 18 mar. de 2014. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi. p. 9-10.

pela Prefeitura nos processos de seleção de famílias a serem contempladas com moradias populares, notamos que estes são estabelecidos por perfil estatístico de condições que podem impor maior ou menor urgência,

Denise: (...) uma questão que todo mundo coloca, todas as pessoas que a gente conversa em ocupações ou fora delas, a questão da lista de espera pela distribuição de casas, como realmente funciona isso? Eu até tava procurando aqui, mas eu não vou achar agora, uma entrevista que o Secretário de Habitação deu pro jornal Correio também, falando que essa lista seria divulgada com a nova gestão²²⁵, mas eu acho que isso não tá ocorrendo ainda, por quê? E como isso funciona? Cê saberia me dizer? O que é essa lista? Quais são os critérios pra se entrar nessa lista? Quem tem essa lista? Essa lista existe?

Selis: Bom, o Secretário quando era vereador ele fez uma solicitação ao Ministério Público que exigisse que o município publicasse a lista das pessoas que estavam inscritas na lista de habitação de interesse social e o poder público fez essa solicitação e o município passou a publicar uma periodicidade aí acho que de seis meses, a cada seis meses o poder público publicava... quando nós chegamos aqui fomo avaliar a complexidade da, da dessa questão, avaliar a legislação nós identificamos que a publicação daquela lista, ela não representava nada, tava sendo gasto de papel, gasto de tinta e gasto de dinheiro do poder público (...) nós identificamos que ordem de inscrição não é critério de prioridade(...) o critério pra ser beneficiado é sorteio, então, nós temos um universo de quarenta e poucas mil famílias inscritas (...)

Denise: Mas, como é feito o mapeamento de quais são as famílias que atendem a esse critério se não há um estudo sobre essas famílias?

Selis: Nós temos um banco de dados hoje, que ele permite qualificar a família, tá lá assim, se o cidadão é casado, se não é casado, se tem filhos menores, quantos filhos menores, qual a idade desses filhos, né? Onde ele trabalha, qual que é a renda dele, então nós temos a, se tem pessoas com deficiência, qual que é a escolaridade, nós temos tudo isso, então, a única forma de eu verificar esses critérios, de eu selecionar as famílias que atendem esses critérios é através do sistema, não tenho como manipular quarenta mil inscrições fora do sistema eletrônico hoje, então eu vou, por exemplo, família que tem pessoas com deficiência é uma prioridade, tem inclusive reserva de cota de três por cento destinado a essas famílias nos imóveis, então eu vou colocar lá pedir um relatório lá, famílias com pessoas com deficiência, o programa vai me falar, olha hoje eu tenho tantas famílias aqui, famílias, mulheres com mãe solteira, olha se tem tantas aqui, se é mãe solteira que tá com um filho, se tá com dois, se tá com três não tem peso, isso não é não tem peso diferenciado, se é casal com filhos menores, se ele tem um, se tem três ou se tem quatro, o peso é o mesmo, casal com filhos menores, tá? É, então o programa funciona assim então se você fala, nós não conhecemos na totalidade porque nós estamos em campanha pra que as famílias atualizem os dados, mas nem todo mundo vem atualizar os dados, esse banco de dados nosso ele é formado desde 2005, então desde 2005 muita gente que tá casado, já tá com filho, ou os filhos já tão de maior, e aí já não atende as mesmas com filhos menores, tem gente que tava ganhando um salário mínimo às vezes agora tá ganhando

²²⁵ Ver nota n. 139.

quatro salários e gente que tava ganhando três, quatro às vezes agora tá desempregado e, a seleção ela é uma, ela é uma, é um apanhado do momento, se nesse momento pegamos um cidadão que ele às vezes é trabalhou aí quase a vida toda ganhando quase dez salários mínimos, mas nesse momento tá ganhando e ele caiu na seleção, ele foi selecionado, ele vai ser contemplado, mesmo que na semana que vem ele esteja empregado ganhando dez salários, vai ser contemplado porque é um apanhado do momento, uma radiografia do momento, que realidade se encontra essa família hoje, é isso que a seleção pega, então, eu num sei se eu fui claro com você mas o processo de seleção ocorre assim, e as pessoas, a gente tem uma certa dificuldade de esclarecer isso pra que esse, pra que essa informação atinja toda a população, a maioria fala assim “a mas eu conheço gente que inscreveu depois de mim e foi contemplado”, verdade, porque não é, por ordem de inscrição.²²⁶

Os critérios utilizados tanto pelo movimento quanto pela Prefeitura instituem valores sociais que selecionam os trabalhadores a serem contemplados, no caso da Prefeitura devem *realmente precisar*, sendo *pobres, mães solteiras, desempregados* etc. No caso dos movimentos o critério é por adesão ao movimento de ocupação e resistência coletiva.

Há ainda a correlação dos movimentos sociais organizados com as ONG's e as igrejas presentes nos assentamentos que são bem aceitas pelos moradores, pois, além de promoverem a religiosidade também promovem serviços à comunidade. K. argumenta sobre essa questão em sua fala,

Denise: E as ONG's e as entidades?

K: As ONG's, tem também as entidades, durante as ocupações também tem atuação de ONG's e entidades, sempre passa pela mediação do movimento, o movimento ele tem uma espécie de legitimidade pra pensar quem que vai entrar, quem que vai sair, a galera que vai, vai conversar, ou não vai conversar com a ocupação, tal, e isso tem uma dificuldade porque tem um as pessoas vão nas assembleias as coisas são discutidas lá, mas só que isso quando vai caminhando prum sentido de conquista vai diminuindo essa, essa construção em cima do movimento e aí no final fica só o movimento em termos assim, os coordenadores e aí é, já não tem aquele poder político.

Denise: O que eu percebi é que essas entidades, por exemplo, a Casa do Caminho ou outras também, tem a Pérola Negra, elas, elas criam formam uma associação, né?

K: Sim!

Denise: Elas oferecem atividades que vinculam as pessoas a elas.

K: Isso, isso, isso. Alguns movimentos talvez, tem uns que tomam essa estratégia, às vezes não vão continuar com o movimento, mas aí eles vão e fundam as associações e aí os membros do movimento acabam se integrando às associações no que se transforma os bairros, né? Porque

²²⁶ **Selis.** Secretaria Municipal de Habitação. Uberlândia (MG). 18 mar. de 2014. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi. p.18-19.

aí é como se fosse assim, uma mudança de papel, uma associação de bairro ele tem uma outra, um outro perfil, uma outra configuração.

Denise: E a Casa do Caminho²²⁷ cê conhece?

K: Não conheço profundamente já tive contato com pessoas nas ocupações assim, o que eu sei é uma espécie de organização né? Não governamental de assistencialista assim, meio que tenta eh... eh... através da questão religiosa promover o assistencialismo assim. Basicamente é isso assim, eu não vejo muita coisa pra além disso não. E geralmente os movimentos têm uma entrada fácil lá, as ocupações assim, até pelo perfil das pessoas são muito religiosas, então elas fazem questão de ter inclusive, de ter uma, um pastor, um padre, ou uma entidade digamos assistencialista, ligada a esse tipo de caridade religiosa então.

Nilda diz um pouco sobre como é a relação entre os moradores e a igreja que já existe no bairro,

Nilda: A católica é essa aí, essa aí foi rápido também.

Denise: E quem que banca a construção da Igreja aqui dona Nilda?

Nilda: Óia, o povo do Igreja mesmo e um pouco da mão de obra foi então e assim como é que eles fala?

Denise: Mutirão?

Nilda: Mutirão. É, e outra parte eles mesmo que fizeram por conta deles, e, então tá melhorando porque antes era tudo aberto, agora já fizeram aquele murinho colocaram a tela, o portão, aí tem umas roupas de doação também, o povo vai trazendo doação e vai pondo lá dentro aí tem um dia .

Denise: Que distribui?

Nilda: Que distribui, outro dia eles fez um bazarzinho também, era pra poder ajudar na Igreja, num tinha banco levaram as cadeira agora já tem banco, ganharam banco, aqui também tem umas Igreja evangélica que eu num sei como é que é porque eu num interesse. Aqui tem missa de celebração todo sábado! Quatro hora, quatro e meia.

Denise: E fica cheio?

Nilda: Num fica. Muito não. Aí, mas é porque tem sei lá, quando fala que vai doar as coisa que vai tê lanche, aí enche. (...)A é assim mesmo, mas tá começando a juntar gente, sempre vem toda quarta tem terço aí vem o Jaco [?] o Fernando lá no Santa Mônica, conhece ele? (...) Aí ele vem. (...) pode tá chovendo mas ele vem nem que seja só duas ou três pessoas mas reza o terço, toda quarta-feira.

Selis avalia as mudanças nas formas pelas quais as igrejas e entidades se inserem nos assentamentos, devido ao que ele argumenta como as melhores condições materiais dos trabalhadores,

(...) Assim, eu fico entusiasmado quando eu percebo que as pessoas melhorou primeiro a condição da renda, das camadas mais populares do Brasil. Aquele movimento social tanto da, do campo quanto da cidade,

²²⁷ Sobre a “Casa do Caminho” ver página 88.

da década de 90 que tinha que fazer o Sindicato, as Associações, Igrejas, sobretudo Igreja católica, tinham que entrar em campanha, fazer arrecadação de alimentos pra ajudar aquelas pessoas, hoje essas pessoas já fazem o suficiente para comer e já fazem o suficiente para construir o seu barraco, elas não querem nada de graça, elas estão disposta a pagar por aquela terra, o que elas não estão dispostas a pagar pela especulação imobiliária, a especulação imobiliária hoje em Uberlândia ela pega uma área que ela teria condição de disponibilizar ela a trinta mil reais a vinte e cinco mil reais o lote e joga ele pra cinquenta, pra oitenta, pra noventa mil. E essas pessoas têm consciência disso.²²⁸

Procuramos notar nesse capítulo como as ações são pensadas e vocalizadas em ambientes no qual há tentativas de pronunciar interesses por meio de certa “pedagogia política” que, procura articular as relações instituídas pelos movimentos sociais organizados em momentos de organização de territórios e de disputa pelo estabelecimento de práticas a partir das motivações e razões dos trabalhadores. Intencionamos também, peseguindo relações as institucionais ou institucionalizadas notar como os sentidos da “luta” e da “política” são significados nesse contexto de correlação de interesses na adequação das expectativas dos sujeitos depois de um período intenso de construção de possibilidades para suas vidas.

²²⁸ **Selis.** Secretaria Municipal de Habitação. Uberlândia (MG). 18 mar. de 2014. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi. p.13.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tempo determinado para a pesquisa tornou-se curto diante das possibilidades que ela criou. Estamos cientes de que muito ainda pode ser investigado e aprofundado no tema das ocupações urbanas, ou ainda, nas práticas dos trabalhadores em *sua* própria realidade e modos de viver diante de relações sociais e produtivas que interpõe diálogos, caminhos e possibilidades nas formas de elaborar a prática. Os trabalhadores dizem em suas entrevistas muito mais do que as simples páginas que consegui absorver e escrever com o tempo que tive.

Iniciei esta pesquisa com o intuito de perceber quem eram os sujeitos que ocupavam terras e a encerro por ora com a sensação de que temos muito a aprender com os trabalhadores que são *agentes* da construção de suas práticas.

Ao nos propormos movimentos não tão rígidos tanto para as metodologias do pensar a pesquisa quanto para o dialogar com nossas fontes, foi possível constituir possibilidades para que o que os trabalhadores disseram, em todo o material que utilizamos, tomasse e transformasse de modo irreversível as dimensões ou caminhos anteriores. Os quais, de modo “não real”, inicialmente, tentamos utilizar para conferir “consistência” aos capítulos que acabaram apresentados do modo como a pesquisa organizou.

Estes foram “problemas metodológicos” que estavam presentes em hábitos acadêmicos de certa metodologia que aponta a prática e os “sujeitos” como essenciais à pesquisa, mas logo nas primeiras linhas “arma” um cenário muito bem enlaçado às condições da cidade, às condições de constituição do território, à presença da especulação imobiliária ao longo dos anos, ou às condições de pobreza. A ação direta dos trabalhadores não se permitiu ser negligenciada ao segundo plano (ou capítulo), nem as formas pelas quais foram constituídas.

Falas sobre o querer pagar e o querer os serviços básicos para ter o comprovante de residência chamaram nossa atenção porque expressam não a vontade de outra cidade, ou de outra lógica não mercadológica, mas sim, significados sobre aquilo que muitas vezes é simplificado como “sonho” ou “reconhecimento” e se mostra como necessidade, como as prioridades que as pessoas elencam com suas práticas.

O comprovante de residência ou o bairro regularizado implicam em muito mais sentidos do que a “propriedade”. A necessidade da escola para os filhos, do posto de saúde para a família, do asfalto, da água encanada e da energia de qualidade que não causa incêndios nas casas (e nem cai ou é cortada no meio da noite) para a comunidade.

Esses “temas”, comuns em diferentes ocupações no período analisado, colocaram em xeque a efetividade tanto dos valores que são elaborados para os trabalhadores quanto das práticas que intencionam organizar suas reivindicações.

Não há como fugir das condições e necessidades de ordem econômica, mas há como lidar e agir sobre essas condições. Considerando que estas são também estabelecidas por uma série de práticas e valores que reproduzem as relações produtivas, o que costumamos analisar como práticas sócio-culturais, ou modos de vida, dos trabalhadores nos faz questionar, e questiona, o quão estabelecidas essas relações estão.

REFERÊNCIAS

FONTES:

ORAIS

Acampamento Sem Teto – Elisson Prieto Uberlândia MG. Canal da AFES MG – Associação Franciscana de Ecologia e Solidariedade. 4p. Duração 00:11:06. 29. abr. de 2013. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=f_GxDdTzaT0>. Acesso em 04 nov. de 2013. Material de pesquisa.

Evento no assentamento Glória em homenagem a Élisson Prieto. 4 nov. de 2012. Duração: 00:45:20 Arq. 12110401. 11p. Material de Pesquisa.

Injustiça contra a ocupação em Uberlândia (MG). 2p. Duração: 00:07:22. 4 ago. de 2011. Disponível em: <<http://coletivodialogacao.blogspot.com.br/search/label/V%C3%ADdeos>> Acesso em 23 ago. 2012. Material de pesquisa.

Os valores culturais e o acesso à moradia: São Francisco de Assis e Joana D'Arc. Canal da ABIU – Associação de Bairros Irregulares de Uberlândia. 9p. Duração: 00:23:49. 22 set. de 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=pG0aYE1pAFc>>. Acesso em 14 out. de 2013. Material de pesquisa.

Reunião MSTB e entidades estudantis da UFU. 10 out. de 2012. Centro de Convivência do Campus Santa Mônica, Universidade Federal de Uberlândia (MG). 24p. Duração: 00:55:55. Arq. 121003003. Material de Pesquisa.

UFU recebe manifestantes do Abril Vermelho a bala. Coletivo Dialogação. 2p. Duração 00:03:51. 19 abr. de 2012. Disponível em: <<http://coletivodialogacao.blogspot.com.br/2012/04/abril-vermelho-em-uberlandia-contra.html>> . Acesso em 19 jul. de 2014.

Monira. Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi. 6p. Duração: 00:05:09 id.: 13121310f.: B

Letícia. Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi. 9p. Duração: 00:19:08 id.: 13121302 f.: B

Eliseu e Juliana. Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi. 6p. Duração: 00:07:59 id.: 13121312 f.: B.

Irailde. Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi. 13p. Duração: 00:25:12 id.: 13121304 f.: B

Josiane. Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi. 4p. Duração: 00:03:20 id.: 13121311 f.: B

Nilda. Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi. 26p. Duração: 00:54:02 id.: 13121305 f.: B

Nilda (2). Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi. 6p. Duração: 00:12:04 id.: 13121306 f.: B.

Claudia. Bairro Elisson Prieto, Uberlândia (MG). 11 dez. de 2013. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi. 10p. Duração: 00:10:17 / 00:08:18 id.: 13121308 / 13121309 f.: B.

Wellington M. R. Universidade Federal de Uberlândia, Santa Mônica, Uberlândia (MG). Entrevista realizada em parceria com Flávia Gabriela Franco Mariano. 24 fev. de 2014. 22p. Duração: 00:42:16 Id.: MP3 Entrevista Marrom.

K. Casa do entrevistado. Uberlândia (MG). 18 mar. de 2014. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi. 32p. Duração: 01:13:27 Id.: 14031801

Selis Brandão. Secretaria Municipal de Habitação da Prefeitura de Uberlândia. 20 mar. de 2014. Entrevista realizada por Denise N. De Sordi. 30p. Duração: 01:52:50 Id.: 10010701

LEGISLAÇÃO E MATERIAIS OFICIAIS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Constituicao.htm> . Acesso em: 13 jul. de 2014.

BRASIL. **Medida Provisória nº 2.220, de 4 de setembro de 2001.** Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/mpv/2220.htm> . Acesso em 13 jul. de 2014.

BRASIL, **Minha Casa, Minha Vida.** Caixa / Governo Federal do Brasil. 2012.

BRASIL. **Lei nº 10.683, de 28 de maio de 2003.** Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.683compilado.htm> . Acesso em: 13 jul. de 2014.

BRASIL. **Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LEIS_2001/L10257.htm>. Acesso em 16 nov. de 2013.

BRASIL. **Lei nº 11.977, de 7 de julho de 2009.** Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/11977.htm> . Acesso em: 13 jul. de 2014.

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL. **Demanda habitacional no Brasil** / Caixa Econômica Federal. - Brasília : CAIXA, 2011.

Como produzir moradia bem localizada com recursos do programa minha casa minha vida? : implementando os instrumentos do Estatuto da Cidade /

Organização de Raquel Rolnik, textos de Raphael Bischof, Danielle Kintowitz e Joyce Reis. Brasília : Ministério das Cidades, 2010.

MINISTÉRIO DAS CIDADES, SECRETARIA NACIONAL DE HABITAÇÃO E SECRETARIA NACIONAL DE PROGRAMAS URBANOS. **Regularização Fundiária Urbana:** como aplicar a Lei Federal nº 11.977/2009. Brasília, 2010.

MINISTÉRIO DAS CIDADES. **O Ministério.** Disponível em: <<http://www.cidades.gov.br/index.php/o-ministerio.html>> . Acesso em: 13 jul. de 2014.

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA. **Banco de Dados Integrados.** Prefeitura Municipal de Uberlândia. Secretaria Municipal de Planejamento Urbano e Meio Ambiente, 2007.

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA. **Plano Local de Habitação de Interesse Social de Uberlândia** - Diagnóstico Estratégico de Habitação de Interesse Social. Uberlândia, novembro de 2009.

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA. **Plano Local de Habitação de Interesse Social de Uberlândia** - Estratégia de ação. Uberlândia, junho de 2010.

Regimento Geral da Universidade Federal de Uberlândia. <http://www0.ufu.br/documentos/legislacao/Regimento_Geral_da_UFU.pdf> . Acesso em: 23 fev. de 2014.

Sobre o programa “Entre, a Casa é minha”. Disponível em: <<http://www.uberlandia.mg.gov>>. Acesso em: 24 ago. de 2011.

Resolução nº6/2010 do Conselho Universitário da Universidade Federal de Uberlândia. **Universidade Federal de Uberlândia.** Reitoria. Disponível em <<http://www.reitoria.ufu.br/atasResolucoes.php>>. Acesso em 28 mai. de 2014.

SITES

Bretas. Institucional. Bretas. Disponível em:<<http://www.supermercadosbretas.com.br/institucional>> . Acesso em: 27 mar. de 2014.

Canal da ABIU – Associação de Bairros Irregulares de Uberlândia, o endereço do Canal é <<http://www.youtube.com/channel/UCET6-QIP2oGzksi7XeTvh6A>> .

Coletivo Dialogação. Quem Somos? Disponível em: <<http://coletivodialogacao.blogspot.com.br/search/label/Apresentação>> . Acesso em: 22 fev. de 2014

Instituto Lula. Disponível em: <<http://www.institutolula.org/biografia/#.UnbQ7pGge7Y>> Acesso em: 02/11/2013.

Início. Especiais e Campanhas. **MST**. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/Jornada-Nacional-de-Lutas-pela-Reforma-Agraria-2012>> . Acesso em: 19 jul. de 2014.

Sobre o município de Saúde. **Wikipédia**. Saúde. Disponível em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Saúde_\(Bahia\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Saúde_(Bahia))> . Acesso em 12 fev. de 2014.

Sobre programas habitacionais da Prefeitura Municipal de Uberlândia. **Prefeitura Municipal de Uberlândia**. Disponível em: <<http://www.uberlandia.mg.gov.br/?pagina=agenciaNoticias&id=86>>. Acesso em: 20 fev. de 2014

Sobre a política de moderação de comentários do jornal Correio de Uberlândia virtual, presente no espaço reservado aos comentários dos leitores nas matérias. **Correio de Uberlândia**. Disponível em: <<http://www.correiodeuberlandia.com.br>>. Acesso em: 22 fev. de 2014.

Uol Eleições 2012. Candidatos. Disponível em: <<http://eleicoes.uol.com.br/2012/candidatos/2012/prefeito/mg/06111961-gilmar-machado.htm>> . Acesso em: 18 jul. de 2014.

Wikipédia. You Tube. Disponível em:< <http://pt.wikipedia.org/wiki/YouTube>>. Acesso em: 22 fev. de 2014

RELATÓRIOS

Condições Sócio-econômicas das famílias de Uberlândia. Universidade Federal de Uberlândia: Uberlândia, nov. 2011.

Relatório Brasileiro sobre Direitos Humanos Econômicos, Sociais e Culturais. Meio Ambiente, Saúde, Moradia Adequada, Educação, Trabalho, Alimentação, Água e Terra Rural. 2003. Plataforma Brasileira de Direitos Humanos Econômicos, Sociais e Culturais. Projeto Relatores Nacionais em Direitos Humanos Econômicos, Sociais e Culturais.

Secretaria Municipal de Uberlândia. **Ocupações e Contextualizações**. Material de Pesquisa. 2013. 7p.

OLIVEIRA, Igino Marcos da Mata de. **Uberlândia de “costas” para a justiça**. Uberlândia: 10 abr. de 2011. [S.I.]

MATERIAIS DE DIVULGAÇÃO

Centro Acadêmico de História da Universidade Federal de Uberlândia CAHIS - UFU. Gestão Primavera nos Dentes 2011-2012. **Impasse em despejo de famílias em Uberlândia**. Disponível em: <<http://cahis-ufu.blogspot.com.br/2011/08/impasse-em-despejo-de-familias-em.html>>. Acesso em 10 dez. de 2012.

____. **Moção de Apoio às 3000 famílias da ocupação urbano-rural em Uberlândia.** Disponível em: <<http://cahis-ufu.blogspot.com.br/2011/08/mocao-de-apoio-as-3000-familias-que.html>> Acesso em: 20 fev. de 2014.

PERIÓDICOS IMPRESSOS E VIRTUAIS

Arquivo Público de Uberlândia: Cadernos Consultados: ArPu Correio 12/2012 412 ao ArPU Correio 10/1999 254

Abril Vermelho em Uberlândia contra a violência e a criminalização dos movimentos sociais é recebido à bala. **Coletivo DialogAção.** 19 abr. de 2012. Disponível em: < <http://coletivodialogacao.blogspot.com.br/2012/04/abril-vermelho-em-uberlandia-contra.html>> . Acesso em: 19 jul. de 2014.

Após chuva, casas de assentamento são destruídas em Uberlândia, MG. **G1 – Triângulo Mineiro.** 15 out. de 2012. Disponível em: <<http://www.g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2012/...chuva-casas-de-assentamento-sao-destruidas-em-uberlandia-mg.html>>. Acesso em: 20 jan. de 2013.

Atual reitor da UFU aposta em continuidade de gestão. Cidade e Região. **Correio de Uberlândia.** 25 jun. de 2012. Disponível em: < <http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/atual-reitor-da-ufu-aposta-em-continuidade-de-gestao/>> . Acesso em: 19 jul. de 2014.

BOENTE, Fernando. UFU e governo federal negociam regularização de área invadida. **Correio de Uberlândia.** 17 out. de 2012. Disponível em:< <http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/ufu-e-governo-federal-negociam-regularizacao-de-area-invadida/>>. Acesso em 20 jan. de 2013.

CALFAT, Marcelo. Dia de Natal sem Papai Noel, mas com muita alegria. **Correio de Uberlândia.** Cidade & Região. Periferia – Dura Realidade. A4. Ano 73, n° 22.538, 26 nov. de 2011.

CORRÊA, Gleide. Sobre o Correio. História. **Correio de Uberlândia.** Disponível em: <<http://www.correiodeuberlandia.com.br/sobre-o-correio-de-uberlandia/>> . Acesso em: 14 jul. de 2014.

COSTA, Danielle. Uberlândia ganha três novos bairros. **Correio de Uberlândia.** Cidade e Região. 10 dez. 2012. Disponível em: <<http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/uberlandia-ganha-tres-novos-bairros>>. Acesso em 10 dez. de 2012.

FERRAZ, Flávia. “Informalidade”- Trabalho gera renda integral ou complementar Salgadeiros garantem vendas nas obras. **Correio de Uberlândia.** A4 Cidade & Região . Ano 74 n° 22.880 02/12/2012 dom. ArPu Correio 12/2012 412.

FERNANDES, Arthur. Secretaria Municipal de Habitação vai divulgar lista de espera por casas. **Correio de Uberlândia**. 28 jan. de 2013. Disponível em: <<http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao-secretaria-municipal-de-habitacao-vai-divulgar-lista-de-espera-por-casas>>. Acesso em: 28 jan. de 2013.

_____. Gilmar Machado é eleito o novo prefeito de Uberlândia. **Correio de Uberlândia**. Cidade e Região. 7 out. de 2014. Disponível em: <<http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/gilmar-machado-e-eleito-o-novo-prefeito-de-uberlandia/>>. Acesso em: 18 jul. de 2014.

GUERRA, B. Grupos de sem-teto e sem-terra vêm esperança em Lula. **Correio de Uberlândia**. Cidade, B1, 03 jan. de 2003. Ano 64, nº 19.257. Disponível em: ArPU Correio 01/2003.

Invasão no campus Glória em Uberlândia, MG, completa um ano – Ruas receberam nomes e maioria das casas é de alvenaria. Prefeitura e UFU se reúnem para resolver futuro do local. **G1 Triângulo Mineiro**. 14 jan. de 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2013/01/invasao-no-campus-gloria-em-uberlandia-mg-completa-um-ano.html>>. Acesso em 20/01/2013.

Prefeitura começa a urbanizar bairros carentes. **Correio de Uberlândia**. Geral – Uberlândia. Ano 63, nº 18.749, 12 jun. de 2001. p. A7.

Prefeitura e UFU se reúnem para resolver futuro do local. **G1 Triângulo Mineiro**. 14 jan. de 2013. Disponível em: <http://www.g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2013...ntx86z2ftdx_FcSw> Acesso em 20/01/2013.

Invasão no campus Glória em Uberlândia, MG, completa um ano. **G1 – Triângulo Mineiro**. 14 jan. de 2013. Disponível em: <<http://www.g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2013/01/invasao-no-campus-gloria-em-uberlandia-mg-completa-um-ano.html>>. Acesso em: 18 jan. de 2013.

LE MOS, Vinícius. Outras duas invasões são registradas em Uberlândia e repórter é cercado por ocupantes. **Correio de Uberlândia**. 17 nov. de 2013. Disponível em: <<http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/outras-duas-invasoes-sao-registradas-em-uberlandia-e-reporter-e-cercado-por-ocupantes/>>. Acesso em 17 nov. de 2013.

_____. Justiça determina reintegração de posse em propriedade da UFU. **Correio de Uberlândia**. 22 out. de 2012. Disponível em: <<http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/justica-determina-reintegracao-de-posse-em-propriedade-da-ufu/>>. Acesso em 17 nov. de 2013.

LOCATELLI, Piero. Minha Casa Minha Vida – Entidades. MTST constrói moradias com as próprias mãos. Sociedade. **Carta Capital**. Editora Confiança. 10 jun. de 2014. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/moradia-pelas-proprias-maos-2178.html>>. Acesso em: 17 jul. de 2014.

SANTOS, Felipe. Membros do MSTB fazem protesto em frente à Cemig em Uberlândia. **G1 Triângulo Mineiro**. 11 out. de 2012. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2012/...os-do-mstb-fazem-protesto-em-frente-cemig-em-uberlandia-mg.html>>. Acesso em 10 dez. de 2012.

SAKAMOTO, Leonardo. Irritado com comentários? Conheça a opinião de quem os lê como profissão. **Blog do Sakamoto**. 21 fev. de 2014. Disponível em: <<http://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2014/02/21/irritado-com-comentarios-conheca-a-opinioao-de-quem-os-le-como-profissao/>>. Acesso em: 22 fev. de 2014

SILVA, Selma. JBS vai ampliar fábrica na cidade. **Correio de Uberlândia**. 22 mai. de 2011. Disponível em: <<http://www.correiodeuberlandia.com.br/espacoeconomico/2011/05/22/jbs-vai-ampliar-fabrica-na-cidade/>>. Acesso em: 27 mar. de 2014.

Zaire Rezende é matematicamente eleito prefeito de Uberlândia (MG). **Folha Online**. (Informação disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u10248.shtml>>. Acesso em: 17 nov. de 2013

TESES E DISSERTAÇÕES

ALFONSIN, Betânia de Moraes. **A política urbana em disputa : desafios para a efetividade de novos instrumentos em uma perspectiva analítica de direito urbanístico comparado : (Brasil, Colômbia e Espanha) / Betânia de Moraes Alfonsin . Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2008.**

ALVARENGA, Nizia M. **As Associações de Moradores em Uberlândia – Um estudo das práticas sociais e das alterações nas formas de sociabilidade**. Mestrado em Ciências Sociais PUC-SP. São Paulo: 1988.

FREITAS, Cláudia Maria de. **Regularização da ocupação urbana em Uberlândia: loteamento São Francisco/ Joana D’Arc – uma contribuição**. – 2005. Disponível em: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia. Dissertação Instituto de Geografia.<<http://hdl.handle.net/123456789/1112>>. Acesso em: 04 nov. de 2013.

JESUS, Wilma F. de. **Poder público e movimentos sociais aproximações e distanciamentos Uberlândia 1982-2000**. Dissertação. Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de História, 2002.

MEDEIROS, E. Antunes de. **Trabalhadores e viveres urbanos: trajetórias e disputas na conformação da cidade Uberlândia 1970/2001**. Dissertação. Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de História, 2002.

MORAIS, Sérgio Paulo de. **Trabalho e Cidade: trajetórias e vivências de carroceiros na cidade de Uberlândia – 1970-2000**. 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002.

_____. **Empobrecimento e “inclusão social”**: Vida urbana e pobreza na cidade de Uberlândia/MG (1980-2004). Tese (doutorado em História Social) Programa de Pós-graduação em História, Pontifícia Universidade Católica São Paulo. 2007.

PAOLI, Maria Célia. Movimentos Sociais no Brasil em Busca de um Estatuto Político. In: **Movimentos Sociais e Democracia no Brasil**: Sem a Gente não tem jeito. São Paulo: Marco Zero, 1995, p. 24-55.

PETUBA, Rosângela Maria Silva. **Pelo direito à cidade** : experiência e luta dos ocupantes de terra do bairro D. Almir. Uberlândia (1990-2000). Dissertação. UFU: 2001.

PRIETO, Elisson Cesar. **Os desafios institucionais e municipais para implantação de uma cidade universitária** : o Campus Glória da Universidade Federal de Uberlândia / Elisson Cesar Prieto. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, 2005.

SILVA JUNIOR, Renato Jales. **Direito a memória: modos de viver e morar em Uberlândia entre as décadas de 1960 e 1980**. 2013. Tese (História) - Universidade Federal de Uberlândia.

STROTBEK, Abreu. “A gente tem muita vontade de ter um lugar da gente mesmo”: histórias e narrativas de moradores do bairro Santo Inácio (Uberlândia 1980-2000). 2005. Dissertação (História) - Universidade Federal de Uberlândia.

BIBLIOGRAFIA:

LIVROS

BRITO, Jorge Luís Silva. **Atlas Escolar de Uberlândia** / Jorge Luís Silva, Eleusa Fátima de Lima. – 2. ed. –Uberlândia : EDUFU, 2011.

MATTOS, Marcelo Badaró. *A trajetória de E.P. Thompson*: engajamento político e trabalho intelectual. **E.P. Thompson e a tradição de crítica ativa do materialismo histórico** / Marcelo Badaró Mattos. – Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2012. (Pensamento Crítico, 18).

HOBSBAWM, Eric J. Deveriam os pobres se organizar? In: **Mundos do trabalho**; novos estudos sobre história operária / Eric J. Hobsbawm; tradução de Waldea Barcellos e Sandra Bedran. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Muitas Memórias, Outras Histórias / [organização de] Déa Ribeiro Fenelon, Laura Antunes Maciel, Paulo Roberto de Almeida, Yara Aun Khoury. – São Paulo : Olho d'Água, 2005.

Outras histórias: memórias e linguagens / [organização de] Laura Antunes Maciel, Paulo Roberto de Almeida, Yara Aun Khoury. – São Paulo : Olho d'Água, 2006.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de história oral** / [seleção de textos Alessandro Portelli e Ricardo Santhiago ; tradução Fernando Luiz Cássio e Ricardo Santhiago] . - - São Paulo: Letra e Voz, 2010. - - (Coleção ideias).

_____. O que faz a História Oral Diferente. **Revista Projeto História**, São Paulo, n.14, fev., 1997.

_____. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **PROJETO HISTÓRIA**, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História da PUC SP. São Paulo. Sp. Brasil – 1981. pp. 13-50.

_____. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **PROJETO HISTÓRIA**, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História da PUC SP. São Paulo. Sp. Brasil – 1981. p.16.

_____. O Massacre de Civitella Val Di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In.: AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

SOUZA Filho, C. F. M. de. Os direitos invisíveis. In.: **Os sentidos da democracia : políticas do dissenso e a hegemonia global** / organizado pela equipe de pesquisadores do Núcleo de Estudos dos Direitos da Cidadania – NEDIC. – Petrópolis, RJ : Vozes; Brasília : NEDIC, 1999. pp.307-334.

THOMPSON, E. P. Thompson. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos** / E. P. Thompson; organizadores: Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

_____. **A miséria da teoria ou um planetário de erros** – uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1981.

_____. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. A árvore da liberdade. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. (v.1)

_____. **A formação da Classe Operária Inglesa**. A maldição de Adão. Tradução: Denise Bottman. – 4º Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004. (v. 2).

_____. **Costumes em comum** / E. P. Thompson ; revisão técnica Antonio Negro, Cristina Meneguello, Paulo Fontes. – São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Uberlândia revisitada: memória, cultura e sociedade / Diogo de Souza Brito, Eduardo Moraes Warpechowski (organizadores). Uberlândia: EDUFU, 2008.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo. **A pesquisa em história** / Maria do pilar de Araújo Vieira, Maria do Rosário da Cunha Peixoto, Yara Maria Aun Khoury. – 5. ed. – São Paulo: Ática, 2007.

KONDER, L. **Em torno de Marx**. São Paulo: Boitempo, 2010.

WILLIAMS, R. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. **Palavras-chave** : um vocabulário de cultura e sociedade / Raymond Williams ; tradução de Sandra Guardini Vasconcelos. – São Paulo : Boitempo, 2007.

_____. **Cultura e Materialismo**. / Raymond Williams; tradução André Glaser. – São Paulo: Editora Unesp, 2011.

ARTIGOS DE PERIÓDICOS

ALEM, João Marcos. Representações coletivas e história política em Uberlândia. **História & Perspectivas**, Revista do Curso de História – UFU, no 4 jan/jun 1991. p. 79-102.

ALFONSIN, Betânia de Moraes. Instrumentos e experiências de regularização fundiária em áreas urbanas ocupadas. Encontro Nacional da ANPUR - **Anais do 7º Encontro Nacional ANPUR**, Recife: ANPUR, 1997. p. 1571-1585.

ALMEIDA, Paulo Roberto de. "Cada um tem um sonho diferente": histórias e narrativas de trabalhadores no movimento de luta pela terra. In: **Outras histórias** : memórias e linguagens / [organização de] Laura Antunes Maciel, Paulo Roberto de Almeida, Yara Aun Khoury. – São Paulo : Olho d'Água, 2006. p. 44-60.

ALVARENGA, Nizia M. Movimento Popular, democracia participativa e poder político local: Uberlândia 1983/88. **História & Perspectivas**, Revista do Curso de História – UFU, no 4 jan/jun 1991. p. 103-129.

GARCIA, Sylvia Gemignani. Cultura, dominação e sujeitos sociais. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 8(2):159-176, outubro de 1996.

MARKUS, Maria Elsa. Mulheres e homens na luta pela terra – algumas reflexões. In: **Coletâneas do Nosso Tempo**, 2008, Ano VII – v. 7, nº 7. p. 157-173.

MERRIL, Michael. A transformação maior: E. P. Thompson, economia moral, capitalismo. **História e Perspectivas**, N. Especial, Edufu. Jan/Jun. 2014. p. 313- 330.

IVO, Anete Brito Leal. A periferia em debate: questões teóricas e de pesquisa. **Caderno CRH**, Salvador, v.23, n.58. Jan/Abr.2010

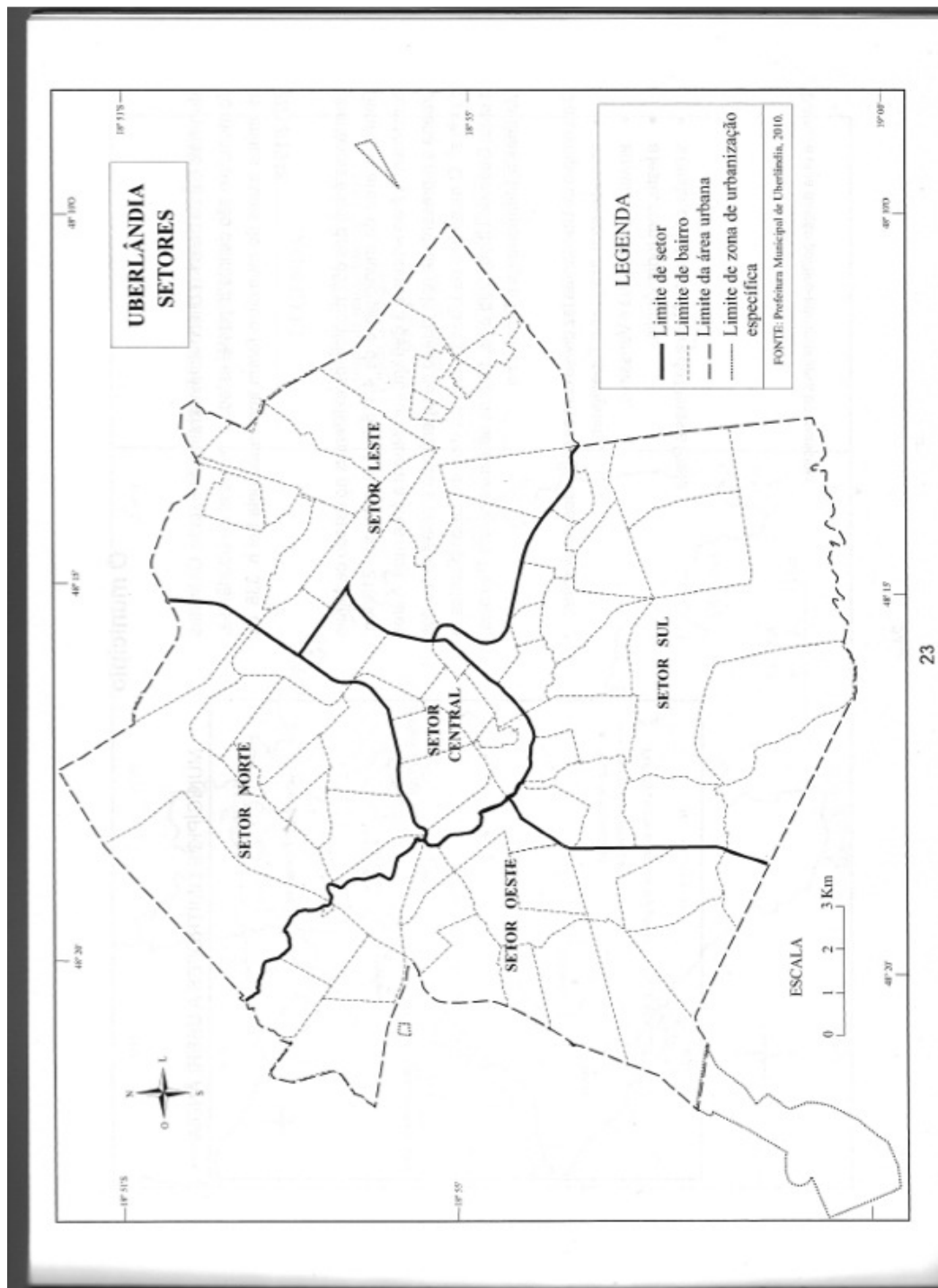
RABELO, Maria Aurora de Meirelles. O Materialismo Histórico de Thompson e a Problemática dos Movimentos Sociais. **Revista História & Perspectivas**, Uberlândia, nº 6, jan./jun, 1992, p. 67-88.

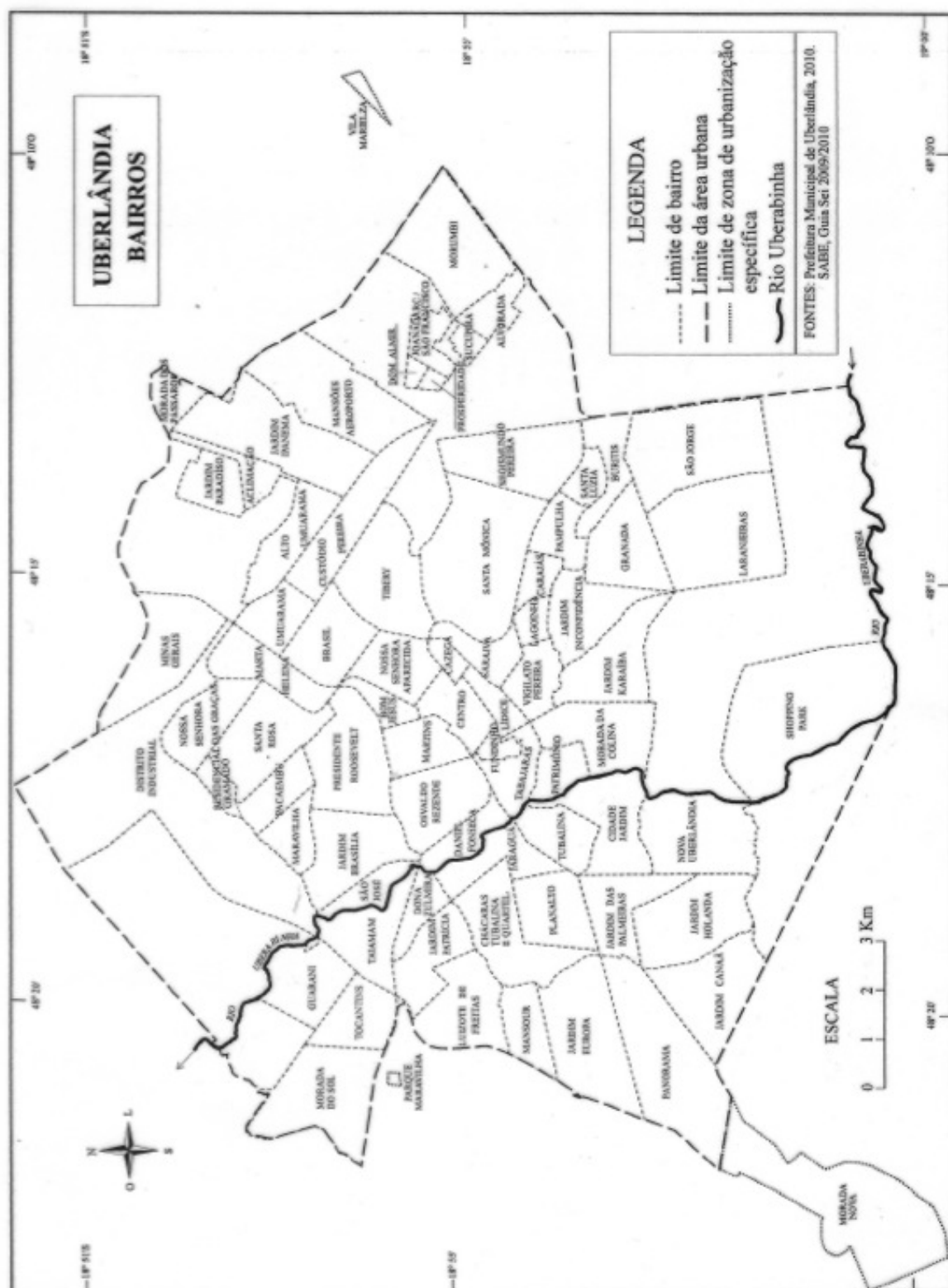
SADER, Eder. ; M.C. ; TELLES, V.S. ; PAOLI, M. C. Pensando a classe operária: os trabalhadores sujeitos ao imaginário acadêmico. **Revista brasileira de história**. 6. São Paulo, 1984.

THOMPSON, Dorothy. Marxismo e História. **Cadernos AEL**, v.11, n°20.21, 2004. p.209-223.

TILLY, Charles. Acción colectiva, en Apuntes de investigación. **CECyP**. Año IV, N° 6, noviembre; Buenos Aires; 2000.

ANEXO I
Mapas da cidade de Uberlândia (MG)





ANEXO II

Moção de Apoio ao Acampamento Elisson Prieto por ADUFU –SINTET -DCE

MOÇÃO DE APOIO AO ACAMPAMENTO ELISSON PRIETO

A Universidade Federal de Uberlândia - UFU está construindo o Campus Glória, localizado na Fazenda Glória, com mais de 400 hectares, cortada pela Rodovia 050, no perímetro urbano da cidade de Uberlândia. Área que foi doada pelo Município de Uberlândia ainda na década de 1970 para a UFU.

Nesta Fazenda, em uma área de 65 hectares, localizada no lado direito da BR 050, sentido (Uberlândia – Uberaba) e que não faz parte do espaço destinado à construção do novo campus estão vivendo mais de 2.200 famílias organizadas no MSTB (Movimento dos Sem Teto do Brasil), fruto de uma ocupação realizada em janeiro de 2012.

Esta área já havia sido destinada pela Resolução n. 06/2010 do Conselho Universitário da UFU, para “Habitação de Interesse Social”. Este Conselho no uso de suas competências **AUTORIZOU A ALIENAÇÃO DE PARTE DO IMÓVEL DA “FAZENDA GLÓRIA” PARA CONSTRUÇÃO DE MORADIAS POPULARES.**

“Art. 1º Autorizar a alienação dos seguintes bens imóveis de propriedade da UFU:

I – área de 64 há, 02 a e 46 ca, localizada à margem direita da Rodovia BR050 em direção a Uberaba, parte integrante da “Fazenda Glória” situada no município de Uberlândia. (...)” resolução em anexo”.

Após a ocupação desta área, iniciou-se por intermédio da Secretaria Geral da Presidência da República, um processo de negociação entre a UFU, proprietária da área, e o Ministério das Cidades, por meio da Secretaria Nacional de Acessibilidade e Programas Urbanos, através do qual, recursos serão repassados da União para a UFU, como forma de ressarcimento pela área.

Em vista destes fatos a Associação dos Docentes da UFU (ADUFU-SS), o Diretório Central dos Estudantes (DCE) e o Sindicato dos Técnicos da UFU (SINTET-UFU), representantes dos segmentos docentes, técnicos e discentes da Universidade, DECLARAM que consideram legítima e justa a luta pela moradia por parte das famílias ocupantes da área.

Entendemos que a Universidade, exercendo sua função social, tem papel importante na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Inclusive, por se tratar de uma questão social, possui grande potencial formativo do ponto de vista acadêmico, científico e de exercício da cidadania.

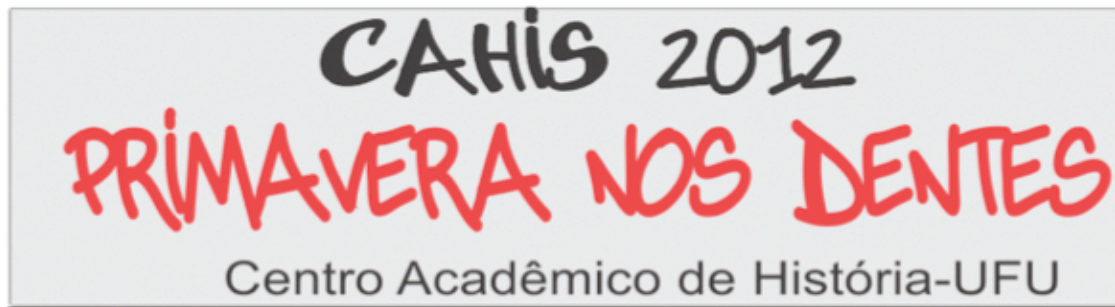
A reintegração de posse, expedida pelo Juiz da 2ª Vara Federal de Uberlândia, em nosso entendimento é desnecessária, uma vez que a proprietária da área (UFU) e o Governo Federal estão em negociação com as famílias do MSTB, para que a mesma seja destinada à moradia popular.

DCE-UFU



ANEXO III

Moção de apoio CAHIS - UFU



Início

1

QUARTA-FEIRA, 3 DE AGOSTO DE 2011

Moção de Apoio às 3000 famílias que estão sendo despejadas na ocupação urbano-rural em Uberlândia

Moção de Apoio às famílias da ocupação urbano-rural em Uberlândia

O conjunto de coletivos, centros e diretórios acadêmicos, estes representativos do Movimento Estudantil, assinantes deste documento, vem publicamente externar seu **APOIO** às famílias que resistem na ocupação localizada na região, que inclui parte do Parque do Sabiá, parte do bairro Santa Mônica, dos chamados bairros irregulares (Dom Almir, Prosperidade, Joana Darc, São Francisco, Celebridade, Zaire Resende)

Três mil famílias acampadas em Uberlândia estão sendo despejadas pela Polícia Militar de Minas Gerais (PMMG), em cumprimento a uma liminar judicial, determinada pelo Juízo da 4ª Vara de Uberlândia. Tensão e dor são vividas pelas famílias. A população desconhece a verdade sobre a terra, da área ocupada por essas famílias.

A região, que inclui parte do Parque do Sabiá, parte do bairro Santa Mônica, dos chamados bairros irregulares (Dom Almir, Prosperidade, Joana Darc, São Francisco, Celebridade, Zaire Resende) e áreas não ocupadas, no entorno, foram um dia de João Costa Azevedo; (vide matrícula 5.273 e outras - Cartório do 1º Ofício).

Com a morte de João Costa Azevedo, aparece uma doação feita por esse a João Costa Silva (vide matrícula 26.016 – Cartório do 1º Ofício). Em seguida, morre João Costa Silva e aparece uma escritura pública de compra e venda de João Costa Silva para Lindolfo Gouveia (vide transcrição 48.050 e 51.075 - Cartório do 1º Ofício).

Aproveitando a confusão, surge um novo documento: uma permuta entre João Costa Azevedo, Virgílio Galassi, Tubal Vilela, Rui de Castro, Irany Anecy de Souza, os Irmãos Torrano e outros. Esta permuta, repleta de irregularidades, gerou matrículas de imóveis sobre as terras que foram um dia de João Costa Azevedo (matrícula 23.894 - Cartório do 1º Ofício). Estas matrículas provocaram diversas sobreposições de áreas, como por exemplo, a matrícula. (51.075 e a matrícula 13.121 - Cartório do 1º Ofício).

Quase todas as terras de João Costa Azevedo viraram loteamentos (irregulares e regulares).

O espólio Irany Anecy de Souza, um dos supostos donos da área, nunca tomou posse efetiva da mesma, porque rompeu com a imobiliária Tubal Vilela, tanto é que desfez a permuta irregular.

Irany vendeu centenas de pedaços dessa área para terceiros, e esses possuem matrículas dos mesmos, num loteamento chamado "Vila Jardim", que nunca foi aprovado pela Prefeitura de Uberlândia, mas mesmo assim alguns desses pagam IPTU.

O abandono da área levou 3 mil famílias de sem terra a ocupar o local.

A decisão do despejo se baseia em documentos com indícios concretos de fraudes cartorárias. Agrava-se o fato de que na escritura juntada aos autos de n. 0320430-08.2011, uma simples conta matemática comprova a **ilegitimidade do Espólio de Irany Anecy de Souza, que vendeu quantidade de terras superior ao próprio título da área que alega ser proprietário.**

Por sua vez, o Juízo da 3ª Vara Cível da Comarca de Uberlândia, em pedido de Ação de Reintegração de Posse, ajuizada por outro suposto dono de parte dessa área, declinou competência e determinou a remessa dos autos à Vara Especializada de Conflitos Agrários da Comarca de Belo Horizonte.

O 3º Promotor de Justiça, da Promotoria de Justiça e Defesa do Cidadão, manifesta pelo interrompimento dos mandatos de reintegração de posse expedidos pelo Juízo de Direito da 4ª Vara Cível, para se manifestar no feito e no sentido de pacificar o conflito.

Entendemos que a luta dos estudantes não deve ser dissociada da luta histórica dos movimentos sociais de luta pela terra que há décadas no Brasil vem cumprindo importante papel de reivindicação do direito a moradia, terra e ao trabalho, na luta contra a especulação imobiliária, o latifúndio e contra aqueles que fazem da terra instrumento de absurdo poder econômico e de opressão da classe trabalhadora no campo.

Compreender e apoiar os trabalhadores urbanos/rurais e suas organizações é uma necessidade política que se estende a todos os movimentos sociais no Brasil, pois que em toda a sua história foi controlado por uma elite que usurpa e concentra grande parte da riqueza aqui produzida, sendo incapaz de promover ações em favor da promoção da dignidade humana em todos os sentidos: terra, trabalho, educação, saúde, cultura, etc. Nesse sentido a luta pela superação do modelo econômico e social ao qual o Estado brasileiro está submetido deve ser um compromisso de toda a classe trabalhadora situada nas fábricas, no campo, nas universidades, no serviço público, desempregados, trabalhadores informais, enfim, uma luta comum a todos/as aqueles que vivem apenas de seu trabalho.

Repudiamos toda e qualquer forma de repressão empregada pelo Estado na forma da polícia, que não raramente faz uso da violência para expulsar os trabalhadores das ocupações, contribuindo para o massacre físico e psicológico de todos os que resistem com muita coragem.

Exigimos que o Estado reconheça a situação de todas as famílias em ocupação e cumpra sua dívida histórica com os trabalhadores da cidade, do campo e movimentos de luta pela terra e promova a tão urgente e necessária Reforma Agrária e Urbana, para que possamos avançar rumo a um país menos desigual, onde todos possam ter oportunidade de plantar e colher os frutos de seu trabalho.

Uberlândia, 1º de agosto de 2011

Centro Acadêmico de Ciências Sociais - UFU
Centro Acadêmico de História - UFU
Coletivo Amanhã Vai Ser Maior
Coletivo Barricadas Abrem Caminhos
Coletivo Dialogação
Coletivo Vamos à Luta
Coletivo Viramundo
Corrente Socialista dos Trabalhadores (CST)
Diretório Acadêmico de Engenharia Civil - UFU
Diretório Acadêmico de Psicologia - UFU
Diretório Acadêmico XXI de Abril - UFU
Diretório Central dos Estudantes - UFU
Diretório Central dos Estudantes - UFMG
Federação Nacional dos Estudantes de Direito (FENED)
Sindicato dos Técnicos da Universidade Federal Fluminense (SINTUFF)
Tribunal Popular da Terra

